

# **Reminiscências no baú da memória: Percursos formativos dos estudantes do mestrado em Educação Física - PROEF**

**Ruhena Kelber Abrão**  
**Org.**  
**Volume 1**

**RUHENA KELBER ABRÃO (ORG)**

**Reminiscências no baú da memória:  
Percurso formativo dos estudantes do mestrado em Educação Física  
- PROEF**

Volume 1

1ª Edição

## **RUHENA KELBER ABRÃO (ORG)**

Capa: Ruhena Kelber Abrão

Revisão Linguística: Nicole Medeiros Rocha

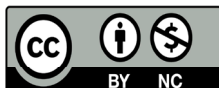
Revisão Técnica: Alderise Pereira da Silva Quixabeira

Diagramação: Renato Ferreira Brito

Copyright © 2024 – Universidade Federal do Tocantins – Todos direitos reservados

[www.uft.edu.br](http://www.uft.edu.br)

Universidade Federal do Tocantins (UFT) | Câmpus de Palmas  
Avenida NS 15, Quadra 109 Norte | Plano Diretor Norte  
Bloco IV, Reitoria  
Palmas/TO | 77001-090



Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins (SISBIB)**

A161r Abrão, Ruhena Kelber.

Reminiscências no baú da memória: percursos formativos dos estudantes do mestrado em Educação Física – PROEF. / Ruhena Kelber Abrão.– Palmas, TO: EdUFT, 2024. 207p.

Editora da Universidade Federal do Tocantins (EdUFT). Acesso em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/editora>. ISBN: 978-65-5390-099-8.

1. Educação Física. 2. Mestrado profissional. 3. ProEF. I. Título.

CDD 372.86

**TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.**



# SUMÁRIO

<b>1. Apresentação.....</b>	<b>9</b>
<b>2. PARTE I (MESTRANDOS DA 1 TURMA DO PROEF NA UFT).....</b>	<b>16</b>
2.1 REVISITAÇÃO DAS MEMÓRIAS E CONQUISTAS TECIDAS COM O TEMPO.....	18
2.2 UM PERCURSO DE SONHOS E VOCAÇÕES...36	
2.3 TRAJETÓRIA, EXPERIENCIA E DESAFIOS DE UMA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FISICA.....	44
2.4 CONSTRUINDO CONHECIMENTO POR MEIO DO LIFELONG LEARNING.....	54
2.5 UMA JORNADA PESSOAL E PROFISSIONAL..	64
2.6 OS CAMINHOS PERCORRIDOS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE: MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA.....	76
<b>3. PARTE II (MESTRANDOS DA 2 TURMA DO PROEF NA UFT).....</b>	<b>92</b>
3.1 TECENDO SONHOS: UMA TRAJETÓRIA DE LUTA E SUPERAÇÃO NA EDUCAÇÃO.....	94

3.2 DESAFIOS E DESCOBERTAS: REFLEXÕES DE UMACARREIRADOCENTE.....	106
3.3 RE-VI-(VENDO) MEMÓRIAS.....	124
3.4 DESCOBERTAS, CAMINHOS E DECISÕES: O SER DESVELADO NO OLHAR DO PASSADO.....	136
3.5 MINHAS MARCAS, MINHAS HISTÓRIAS.....	152
3.6 FRAGMENTOS DE UMA HISTÓRIA.....	168
3.7 MEMÓRIAS E APRENDIZADOS: O LEGADO DE UMA JORNADA DOCENTE.....	186

# ΕΠΪΓΡΑΦΕ

Toda a dor pode ser suportada se sobre ela puder ser contada uma hist3ria.

Hannah Arendt



## APRESENTAÇÃO

As memórias docentes são registros valiosos da jornada de um professor no mundo da educação. Elas não apenas refletem as experiências vividas em sala de aula, mas, também, capturam os desafios enfrentados, as conquistas alcançadas e as transformações pessoais e profissionais ao longo do tempo.

Essas memórias podem incluir momentos marcantes, como a primeira aula ministrada, a conexão especial com um aluno, a superação de dificuldades pedagógicas, ou até mesmo momentos de frustração e questionamento. Cada experiência molda o professor e contribui para o seu desenvolvimento contínuo.

Além disso, as memórias docentes também abrangem as mudanças no cenário educacional ao longo das décadas. Desde os métodos tradicionais de ensino até as abordagens mais inovadoras e tecnológicas, os professores testemunham e se adaptam às transformações no campo da educação.

As memórias docentes não são apenas pessoais, mas também têm um impacto significativo na comunidade escolar. Elas influenciam a forma como os professores interagem com os alunos, colegas e pais, e como moldam a cultura escolar como um todo.

É importante reconhecer e valorizar as memórias docentes, pois elas não apenas preservam o legado individual de cada professor, mas também contribuem para o crescimento e aprimoramento contínuo da profissão docente. Ao compartilhar essas memórias, os professores inspiram e motivam uns aos outros, fortalecendo assim a comunidade educacional

e promovendo o desenvolvimento de uma educação mais eficaz e significativa para todos os alunos.

Reminiscências no baú da memória: Percursos formativos dos estudantes do mestrado em Educação Física - PROEF, ao apresentar essa obra organizada pela minha figura, paro, penso e reflito sobre esses duas décadas de docência. 22 anos que entrei em uma sala de aula pela primeira vez enquanto professor e, agora, me recordo do mosaico de fatos que fizeram eu ser quem eu sou hoje.

Caminhos, pedras, flores .... toda a trilha que percorri e que me legitima para estar aqui, celebrando apresentando essa obra à você, estudante, mestrando, doutorando, familiar, amigo... qualquer pessoa que terá interesse em ler sobre as memórias dos primeiros mestres e mestrandos em Educação Física na Universidade Federal do Tocantins (UFT).

Paro, penso e reflito sobre o mesmo mosaico que se faz presente no pensamento de cada um, cada uma.... o que será que vocês tiveram de abdicar para estar aqui hoje celebrando a conquista de um diploma de mais uma etapa na formação permanente de vocês.

Orgulho define a minha trajetória, em especial nos últimos 10 anos no estado do Tocantins e na UFT. Obrigado a essa terra que me possibilitou coordenar a primeira turma da graduação em Educação da UFT, coordenar a o primeiro mestrado em Educação Física, o primeiro Centro de Pesquisas em Esporte e Lazer REDE CEDES, orientar as primeiras egressas da graduação no mestrado e no doutorado...tantas primeiras experiências. Meu nome está marcado em tantos primeiros momentos no estado e, agora, mais

um, o primeiro livro da primeira e segunda turma do PROEF.

Tenho a certeza que nossos caminhos ainda irão se cruzar em muitos metaversos.

Professor Dr. Kelber Abrão

Coordenador do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede na UFT

## PREFÁCIO

O professor e pesquisador Kelber Abrão me deixa encantado pela iniciativa de criação e elaboração do livro “Reminiscências no baú da memória: Percursos formativos dos estudantes do mestrado em Educação Física - PROEF” e por toda sua trajetória na pesquisa e na docência na Educação Física e na Educação.

O livro propõe a reunião de um conjunto de memórias e trajetórias de professores de Educação Física que estão na lida diária dentro de escolas públicas, em busca da formação continuada para ampliar e qualificar suas práticas pedagógicas e que fazem ou fizeram parte do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF) da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

O ProEF é um curso realizado por uma rede de Instituições de Ensino Superior e a UFT foi credenciada no ano de 2022. Essa obra compartilha o memorial descritivo dos mestres, mestras, mestrandos e mestrandas do programa.

O memorial descritivo se caracteriza como uma auto-avaliação, instrumento das coerências, incoerências e das relações estabelecidas durante o período de sua realização recordando as memórias desde a educação infantil até a entrada no curso de graduação e estágio, levando em conta o desenvolvimento dos trabalhos executados, apresentados e expostos que possibilitará a renovação da caminhada escolar, profissional, a qual apresenta a formação construída ao longo da vivência de cada aluno(a) na sua fase de alfabetização e letramento escolar. É uma forma

de reconstituir a própria existência, unir passado, presente e futuro (NIEDZIELUK, 2011, p. 145).

É encantador conhecer as histórias de vida de cada um que, com muito apreço, compartilham suas vivências, seus desafios e suas conquistas com os leitores e leitoras. Nessa leitura você irá conhecer as histórias de vida de Ádilla Consuello Rodrigues Ferreira, Bruno Anderson Girão de Sousa, Isabela Evangelista Madureira, Jacqueline Fernandes de Sá Xavier, Jefferson Alves da Luz, Paula dos Santos Silva, Elisabete Pereira Carneiro, Francisco Flávio Sales Galdino, Heliane de Nazaré Carvalho Pereira, Linvaira Rodrigues, Marcio Sousa Silva, Maria de Jesus Santos Duarte e Miller Sorato Amorim de Souza.

Tenho certeza que as experiências compartilhadas irão acalentar o coração de outras professoras e outros professores que almejam seguir seus estudos, mas, também, pode inspirar estudantes de Educação Física a buscarem melhores resultados em sua formação e a desejarem estar na escola, almejando uma formação mais sólida e comprometida com uma educação gratuita e de qualidade.

Além disso, ao narrar nossas experiências de vida podemos ressignificar os próprios sentidos que tivemos ao viver determinados momentos da nossa trajetória e, até mesmo, produzir diferentes sentidos e significados para quem os lê, bem como nos lembra Josso (2007, p. 413) ao dizer que “as narrações centradas na formação ao longo da vida revelam formas e sentidos múltiplos de existencialidade singular-plural, criativa e inventiva do pensar, do agir e do viver junto”.

Assim, o presente livro nasce do desejo de compartilhar o vivido pelos professores e professoras que fazem parte do PROEF/UFT e esperamos que essa partilha possa trazer frutos e inspiração para outras professoras e professores que desejam pesquisar, aprofundar seus estudos e/ou compartilhar suas jornadas. Assim, cada leitor e leitora poderá se identificar e se inspirar nas histórias de vida aqui compartilhadas.

Desejo um ótima leitura a todas e todos e convido para conhecer melhor o Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF) disponível em 26 instituições em todo o país por meio do link <https://www.fct.unesp.br/#!/pos-graduacao/-educacao-fisica/>.

Professor Dr. Diego Ebling do Nascimento

## REFERÊNCIAS

JOSSO, M. C. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. *Educação*, v. 30, n. 63, p. 413-438, 2007.

NIEDZIELUK, L. C. Gênero textual/discursivo: memorial descritivo no curso de Pedagogia. In: I Congresso Nacional de Estudos Linguísticos, Vitória: UFES, 2011.

**PARTE I**

**(MESTRANDOS DA 1 TURMA DO PROEF NA UFT)**





## REVISITAÇÃO DAS MEMÓRIAS E CONQUISTAS TECIDAS COM O TEMPO

**Ádilla Consuello Rodrigues Ferreira**

Esta é a minha primeira experiência de escrever sobre a minha vida. Um desafio em buscar, na memória, a história de uma vida. Lembrar dos momentos marcantes e ir além: compartilhar; expor-se, mostrar-se como filha, irmã, amiga, esposa, aluna, professora, profissional. Dividir momentos que me fizeram sorrir, chorar, amar, compartilhar, orgulhar-se, aprender, viver. O primeiro de muitos, nesta jornada chamada de mestrado ou, carinhosamente, PROEF.

Não espero menos, não desejo menos. Minha vida interiorana, experimentada dentro de uma família humilde, me oportunizou vivenciar e superar muitos desafios e continuar esperançosa por dias melhores. Muitos desses dias já chegaram. Persisto, porém, nessa espera, certa de que, como Freire (1995, p.5): “Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha à luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. Precisamos da esperança crítica, como o peixe necessita de água despoluída”

Comecei a vida escolar no colégio Estadual Anita Cassimiro Moreno, em Aliança do Tocantins, cidade onde morava com meus pais e meu irmão. Minha Educação Básica sempre foi em escola pública e, incentivada pelos meus pais, sempre fui aconselhada a estudar, reforçando no dia a dia a importância da educação. Sempre recebi dos professores o apoio educacional necessário para dar continuidade àquilo que eu vi/a como única alternativa.

Fiquei na escola supracitada até o segundo ano do Ensino Médio. À época me inscrevi em uma seletiva para participar de um projeto de voleibol, cujo objetivo era selecionar atletas para equipe tocantinense. Sempre pratiquei esportes, fazia parte do time de futsal que representava o município de Aliança nesse período, aos 16 anos de idade.

Nessa minha trajetória escolar até o segundo ano do Ensino Médio, não houve nenhum professor formado na área da Educação Física. Logo, não havia progressão nos conteúdos, que eram sempre os mesmos. Na época, eu já percebia a minha aproximação pela docência. Gostava muito da disciplina de Matemática. Recordo-me que eu ministrava aula de reforço para meus colegas de classe e de outras turmas nessa área.

Na sequência fui morar em Gurupi, no interior do estado do Tocantins, e estudar o terceiro ano do Ensino Médio em uma escola estadual chamada Centro de Ensino Médio Ary Ribeiro Valadão Filho. Lá tive uma professora habilitada em Educação Física, a primeira. Suas aulas eram contagiantes e eu me apaixonei pela disciplina, mas tinha um amor pela Matemática.

A cidade na época não tinha faculdade de Matemática. A opção para ficar na área das exatas seria Contabilidade ou Administração. Resolvi, a contragosto do meu pai, que queria que eu estudasse Direito, fazer Educação Física. Tal fato me reverbera os estudos de Figueiredo (2008), na qual o autor afirma que também sejam consideradas, para a escolha do curso de graduação, as experiências construídas pelos alunos no decorrer do ensino Fundamental e

Médio. Na sua pesquisa, corroboram com essa afirmativa 20 acadêmicos, os quais evidenciaram as experiências vivenciadas na Educação Básica como fator que influenciou a escolha profissional. A partir dessas constatações, acrescenta-se que as dimensões das experiências vivenciadas, sobretudo quanto às suas representações da socialização são descritas como prazerosas.

Em fevereiro de 2002 ingressei, por vestibular, no curso de Licenciatura plena em Educação Física em uma faculdade particular de Gurupi chamada UNIRG. Um dos fatos que marcou minha graduação foi que ao terminar o primeiro semestre do curso, meu pai sinalizou que não teria mais condição de pagar as mensalidades. Entrei em desespero por pensar que teria que abandonar o curso, mas, felizmente, surgiu o processo para bolsas do Fundo de Financiamento Estudantil (FIES). Ali vi uma esperança quando me deparei com o edital. Organizei toda documentação e fui selecionada.

A emoção de poder continuar o curso foi gigantesca. Logo precisei começar a trabalhar, passei em um concurso da prefeitura como auxiliar administrativo e fui lotada na secretaria municipal de saúde, onde trabalhei entre os anos de 2003 e 2008. Pelo fato de ter que fazer minha graduação trabalhando, no turno da manhã estudava e no da tarde trabalhava. Infelizmente, não tive oportunidade de fazer diversas atividades de cunho acadêmico, como, por exemplo, participar de pesquisas ou grupos de estudos assiduamente, mas sempre participava dos projetos desenvolvidos durante os fins de semana, desenvolvendo o viés da extensão universitária.

Minha trajetória acadêmica e profissional era uma espécie de ziguezague baseada na necessidade de ter um trabalho para prover o sustento e, ao mesmo tempo, estudar para progredir academicamente e aprimorar meus conhecimentos a ponto de poder ofertá-los a outras pessoas.

Minha história é comum a tantas outras que buscam na educação a chance de prosperar e enxergam nela a oportunidade para alcançar esse objetivo, além de conciliar os estudos com o trabalho. Compreendo que somos milagres ambulantes que insistem em fazer as escolhas darem certo e possuem uma fé que possibilita colocar o pé antes de enxergar o chão. Utilizarei de uma pergunta de Moura (2013, p. 23), que retrata bem a realidade que vivi, “de que adianta(ria) pensar em um sistema educacional voltado exclusivamente para os que não trabalham, se a realidade se impõe em direção diametralmente oposta?”

Sempre me identifiquei com os esportes. Como citado antes, resolvi fazer a graduação em Educação Física por causa deles. Sempre me mantive ativa e jogava no time de futsal e voleibol representando a faculdade nos jogos universitários. Tenho boas lembranças das competições e viagens que fazíamos.

O período de faculdade foi, sem dúvida, um dos momentos mais ricos da minha vida. Foi uma fase de descoberta. No decorrer do curso tive o prazer e a honra de conhecer muitos colegas estudantes e professores, com os quais ainda mantenho uma relação próxima e respeitável, justamente porque compartilhamos muitas coisas em comum e que nos aproximam e nos identificam por sentimentos, ações e práticas plenas de amizade, respeito, sinceridade,

afetividade, generosidade e amor.

Em dezembro de 2005 me formei. Obtive a nota máxima na monografia de conclusão de curso, cujo tema foi “Alterações da força muscular em mulheres praticantes de musculação nas diferentes fases do ciclo menstrual”. Ministrei uma palestra com esse trabalho na III Mostra de Produção do conhecimento realizada pela coordenação de Educação Física da UNIRG. Essa foi à única produção acadêmica da qual participei. Os meus planos eram seguir estudando e fazer um mestrado, mas eu não possuía um currículo atraente e nem o perfil necessário para ingressar em um mestrado acadêmico. Eu já estava conformada com o fato de que não teria uma formação *stricto sensu*.

Sempre fui apaixonada por essa área do fitness, por isso minha primeira especialização foi em Fisiologia do Exercício Avançada. Cursei ela pela universidade Veiga de Almeida no período de 2007 a 2009. Nela apresentei uma resenha crítica sobre “Desempenho da força em idosas após duas intensidades do exercício aeróbio”. Na época dessa especialização eu ainda morava em Gurupi e, uma vez no mês, precisava me deslocar até Palmas, capital do estado, para os encontros. Para encerrar esse período de estudo tivemos uma semana de aprofundamento, o tema que escolhi foi “Musculação Avançada”, que aconteceu na cidade de Porto Seguro /BA.

Conservar reminiscências não é, sem dúvida, uma tarefa fácil. Refazer o caminho percorrido da vida profissional faz-me refletir, necessariamente, sobre as expectativas e desejos que nortearam a minha carreira acadêmica, desde os tempos de estudante

de Educação Física até os primeiros anos como professora efetiva do município de Gurupi entre agosto de 2008 e julho de 2010.

Na escola Gilberto Rezende dei início à minha carreira docente. Ministrava aulas para turmas de 6 a 9 ano do Ensino Fundamental. A escola não tinha estrutura física necessária para a prática desportiva e muito menos material. Tal fato não é diferente da realidade de muitas escolas públicas de nosso país, infelizmente (ABRÃO, BAYSDORF, 2013).

Quando iniciei à docência era muito jovem. Logo, os alunos se identificavam comigo, gostávamos das mesmas coisas. Nos primeiros dias de aula do período letivo duvidavam se eu era realmente sua professora. Foi nesse espaço que aprendi a ser realmente professora. Lá pude desenvolver e vivenciar todo conhecimento aprendido na minha graduação.

Desafio é a palavra de ordem desses primeiros anos de docência. O chão da escola é muito diferente do que vivenciamos como estudantes de graduação. A escola era situada em uma área de periferia da cidade de Gurupi. O público atendido possuía muitos problemas. Tínhamos alunos que cumpriam medidas socioeducativas. Neste espaço escolar não tinha uma quadra poliesportiva, apenas uma sombra de uma mangueira. Ali costumávamos ter nossas aulas. Eu era a única professora de Educação Física da escola. Passados 6 meses de docência, ganhamos uma quadra poliesportiva, ainda com uma escassez de material didático. Porém, pude ofertar àquelas crianças diversos conteúdos da cultura corporal do movimento a partir daquele equipamento de Educação Física. Fizemos apresentação de dança nas festividades dos

dias dos pais e das mães, participamos dos jogos escolares municipais.

Nesta escola ministrei aula para um aluno em cadeira de rodas. Ele possuía uma doença autoimune e estava perdendo os movimentos do corpo. Com esse estudante aprendi a jogar xadrez. Ele era meu assistente durante as aulas, organizando e apitando os jogos. Ensinava os colegas a jogarem xadrez. Carece mencionar que uma criança com toda dificuldade motora e toda falta de mobilidade estava sempre com um sorriso no rosto e sempre disposto a aprender. Foi por causa desse tempo de docência no rezendinho - como a escola carinhosamente é conhecida - que eu recebi um relato há alguns anos de uma ex-aluna que hoje é uma excelente profissional de Educação Física: Professora Ádilla, você foi a minha inspiração para escolher essa profissão!

O professor de Educação Física influencia o aluno, muitas vezes como pessoa e outras como profissional, tanto pelo que ensina quanto pelo exemplo de modo geral. Os autores Leão (2003), Vargas e Antunes (2007) apud Folle e Nascimento (2008, p. 610) ilustram essa ideia afirmando que as lembranças de professores que deixam marcas na vida dos acadêmicos podem estar ligadas a dois sentidos: há os que possuem características desejáveis, modelos a serem seguidos e imitados, e há aqueles cujos exemplos devem ser evitados.

Quando ouvimos essas histórias dá um quentinho no coração e faz afirmar que estamos no caminho certo. Quem já não ouviu que aquele que trabalha com o que ama, nunca tem que trabalhar? Eu me divirto dando aulas. Ouço meus alunos, compartilho ex-



periências, rimos todos juntos. Acredito no que faço, acredito nos meus alunos. No potencial que cada um deles tem de transformar a sua própria realidade. No esforço de cada um. É uma tarefa árdua sem dúvida, mas indescritivelmente bela. Conhecer nossos alunos, socializar saberes, receber conhecimento (receber, claro, porque a troca é constante e infinita!), criar laços, ver o desenvolvimento e contribuir para que ele se dê de forma prazerosa. Aprender sempre, muito. Mostrar ideias novas, caminhos novos. Como é bom receber um abraço no final do dia, ler um “tô com saudade das tuas aulas” quando posto um stories no meu instagram, ouvir desabafos daqueles que confiam tanto em você que decidem compartilhar um pouco mais de suas vidas... essas pequenas-gigantes coisinhas fazem com que valha a pena a vida de professora. Esse processo de ensino aprendizagem possibilitou meu crescimento pessoal a partir de uma vivência profissional. É como afirma o grande educador Paulo Freire:

Crescer como profissional significa ir localizando-se no tempo e nas circunstâncias em que vivemos para chegarmos a ser um ser verdadeiramente capaz de criar e transformar a realidade em conjunto com os nossos semelhantes para o alcance de nossos objetivos como profissionais da Educação (FREIRE, 2001, p. 35).

No ano de 2010 passei no concurso para professores da rede municipal de Palmas, onde fui lotada na Escola de Tempo Integral Padre Josimo Tavares, onde estou até o presente momento. Quando fui designada à disciplina de natação eu pensei em desistir e procurar outra escola que eu pudesse ministrar au-

las apenas de Educação Física, pois não tinha experiência nenhuma com esta modalidade.

O conhecimento que eu tinha era apenas o que adquiri na faculdade, que, por sinal, foi uma disciplina bem proveitosa, pois o professor era excelente. Por recordar das suas aulas, do quanto eram contagiantes, aceitei o desafio. Fui à busca de cursos, livros e da prática da natação para me dar suporte nessa jornada que estava começando. Com o passar dos anos fui me apaixonando pela disciplina.

No ano de 2015 a escola recebeu uma professora com uma vasta experiência em atividades aquáticas, a querida Terezinha Goretti, ela divide a piscina comigo em alguns horários de aulas. Eu aprendi tanto com ela nesses últimos 7 anos. Sou muito grata por tudo que ela me ensinou e me ensina no dia a dia, fizemos uma parceria de sucesso. Hoje temos uma equipe de 40 crianças que, além das duas aulas regulares da semana, ficam conosco mais 8 horas semanais de treinamento. Participamos de competições regularmente e no ano de 2021 fomos convocados para participar dos jogos escolares brasileiros de 12 a 14 anos, que aconteceu na cidade do Rio de Janeiro no Parque Olímpico. Lá pudemos conhecer o parque Aquático Maria Lenk, ele possui uma piscina olímpica, uma de aquecimento e um tanque de saltos. Ver os olhinhos dos nossos alunos brilhando ao adentrar aquele parque é indescritível.

Os Jogos Escolares Brasileiros (JEBs) é a maior competição escolar do Brasil e o único evento escolar com a presença de todos os estados brasileiros. O Evento tem uma energia fantástica e poder ver a quantidade de jovens juntos e se divertindo foi uma

experiência sensacional. Além disso, foi a primeira vez que diversos alunos meus andaram de avião, muitos sequer tinham saído da cidade de Palmas, do estado... Muitos conheceram o mar naquela experiência. Reminiscências que ficaram guardadas no baú das memórias, das deles, da minha...

Já trabalhei com turmas do todo o Ensino Fundamental, com a disciplina de educação física e de natação. Nestes espaços surgiu o interesse de desenvolver a minha dissertação sobre esse conteúdo. Por meio deste estudo se buscará um novo enfoque para os professores, contribuindo para a ampliação da formação docente para as práticas corporais em meio aquático.

A partir da visão dos docentes, quero construir um produto educacional para auxiliar os outros professores da rede municipal que ministram aulas de natação. Esse produto será sobre a adaptação ao meio líquido e prevenção de afogamentos.

A adaptação é uma das fases mais importantes da natação, sendo assim um ponto inicial para qualquer praticante do esporte. O meio líquido constitui-se em diversos movimentos, utilizando diversas partes e articulações do nosso corpo, sendo com grande riqueza a aprendizagem com a finalidade de desenvolver relação corporal com as crianças.

Quando uma criança deseja nadar ela passa por diversas fases de adaptação, com o seu primeiro contato com o meio líquido é normal que ela possa sentir alterações em seu corpo, mas é necessário que essa fase inicial seja feita com bastante cuidado, pois poderá acarretar problema futuros, como a negatividade de uma aprendizagem futura, por causa do medo ou

até traumas na água. Segundo Prado (2002), nesta fase de adaptação devemos oferecer confiança ao aluno, objetivando que ele aprenda a dominar este meio, deslocando-se e movimentando-se com facilidade.

Corroborando com o pensamento supracitado, Xavier Filho e Manoel (2002) relatam que a prática da natação baseada em pressupostos desenvolvimentistas pode favorecer a aprendizagem não só das habilidades específicas contidas nos quatro estilos formais da natação, mas também de uma ampla gama de habilidades cujo conjunto reflete a competência aquática. Tal fato torna a prática mais interessante do ponto de vista das performances obtidas pelas crianças e cria situações desafiadoras que estimulam o aprendizado em todos os níveis de habilidade.

Passado o período de estágio probatório no serviço público, entrei no curso de Especialização intitulado Educação Física Escolar, com carga horária de 495 horas, realizado no período de agosto de 2014 a abril de 2016. Foi uma especialização feita de forma virtual. Nesta, apresentei o trabalho de conclusão de curso “O futebol como instrumento de socialização entre alunos e alunas nas aulas de educação física escolar”. Essa pós-graduação me fez progredir na carreira, além de melhorar meu salário. Durante esse curso, em 2014, me casei, vivenciei outras experiências de vida, mas na carreira me sentia estagnada, pois já tinha terminado a especialização, e de lá para cá tinha feito somente cursos de curta duração, nenhum que agregasse conhecimentos mais aprofundados.

Em 2017 dediquei-me ao projeto de ser mãe,

que se realizou em setembro quando o Théo, meu primeiro filho, nasceu. Em julho de 2020 a Nina chegou. Desdobrei-me entre o exercício profissional, estudos e a maternidade. Assim que retornei para as minhas funções, após a licença maternidade, veio a vontade de fazer um mestrado, para dar continuidade ao meu processo formativo.

Ao tomar ciência do edital do mestrado profissional em Rede, o PROEF, em dezembro de 2021, vi no programa a oportunidade de acessar esse tipo de pós-graduação, pelo caráter democrático da seleção e pelo fato das aulas se concentrarem em um único fim de semana do mês, facilitando a minha liberação na escola.

Fiz minha inscrição e me dediquei durante 45 dias para realizar a prova de seleção. Aproveitei que estava de férias escolares. Nesse tempo, entre a inscrição e o exame de acesso, permaneci firme na busca do meu objetivo de ser aprovada, a jornada de estudos foi difícil. Durante a semana revezava entre cuidar da casa e das crianças e a leitura. Os finais de semana eram para os simulados com resolução de questões. Cada vídeo aula, cada texto que eu lia me aproximavam da minha realidade e eu compreendia a razão de ser de todo o percurso que fiz até ali. Entendi meus caminhos e minhas escolhas. Senti minha mente se expandindo e soube que não conseguiria ir para outro sentido, a não ser em frente. Minha fé venceu todos os obstáculos que foram aparecendo no caminho até a saída do resultado. Ver meu nome na lista foi uma das minhas maiores superações e umas das melhores vitórias alcançadas, não só minha, mas de toda a minha família.

Ao estar de volta ao meio acadêmico, sinto-me entusiasmada a aprender cada vez mais. É difícil para uma professora da rede de ensino da Educação Básica, diante das condições de trabalho existentes, até a presente data, conciliar as atividades de lecionar e pesquisar, porém, é extremamente necessário para a prática docente. Com esse mestrado, vejo uma oportunidade para que eu possa contribuir com as escolas da rede que trabalho, com a disciplina de natação.

Mais do que recordar, este Memorial tem uma função pedagógica importantíssima, pois além de mostrar as ações de memórias passadas, também fala ao tempo presente. Não tenho nenhuma experiência com grupo de pesquisa, não possuo nenhuma atividade de produção intelectual. A elaboração deste memorial representou uma tarefa que demandou esforço, mas extremamente agradável e interessante, pois revela momentos importantes da minha história acadêmica. Ao mesmo tempo, demandou refletir sobre a minha atuação docente até o presente momento e espero que eu possa mudar essa história daqui para frente.

Espero ter um empenho e disposição para dar o máximo de mim para enfrentar, juntamente com os meus colegas e com os meus alunos, os desafios que a nossa carreira de docente exige. Esse é o meu papel e o meu compromisso como professora.

A discussão sobre os saberes docentes situa-se nesse contexto de crítica à concepção do professor como técnico e de valorização das dimensões reflexiva, crítica, ética e política da formação docente, de interesse nos processos de constituição da profissionalidade e da identidade profissional dos docentes, de destaque ao papel da reflexão e da pesquisa sobre a prática (ANDRÉ e VIEIRA, 2012).

Quanto às minhas projeções futuras, pretendo desenvolver pesquisas. Quero contribuir com a sociedade com o meu trabalho, e dar maior sentido à minha carreira. Tenho a convicção de que sairei desse curso de pós-graduação como uma profissional melhor. Esse relato talvez seja apenas parêntese, pois há muito o quê fazer, pensar e dizer neste prazo de dois anos que pretende ser o mestrado. Mas, falando do relato, chegar até aqui foi mais fácil do que pareceu. Por mais filtros que a consciência tenha colocado, surgiram muitas descobertas e a certeza de que vêm mudança em breve! Coragem.

## REFERÊNCIAS

CAMPANIÇO, Jorge et al. Competência Aquática: um valor acrescentado à Educação Básica. *Motricidade*, v. 15, n. 1, p. 1-16, 2019.

DALLA ROSA, Jean Cargnelutti; FRAGA, Alex Branco; BORGES, Robson Machado. Atividades aquáticas como direito de aprendizagem dos alunos na Educação Física escolar. *Motrivivência*, v. 34, n. 65, p. 1-21, 2022.

DAMASCENO, L. G. Natação, psicomotricidade e desenvolvimento. Campinas: Autores Associados, 1997

DEMARTELAER, Kristine et al. Development of a tool for individual aquatic risk management among children of 6-12 years (iarm-c). *Revista De Investigación En Actividades Acuáticas*, v. 6, não. 11, pág. 29-36, 2022.

FERREIRA, Débora Catarina Mota et al. Avaliação da competência aquática percebida versus real. Aplicação no contexto de escolas de natação do litoral norte. *Motricidade*, v. 17, n. S1, p. 21-23, 2021.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas "estado da arte". *Educação & sociedade*, v. 23, p. 257-272, 2002.

FIORI, Júlia Mello et al. Pedagogia da natação: análise das atividades realizadas em aulas para crianças. *Pensar a Prática*, v. 22, 2019.



GUIGNARD, Brice et al. Education and transfer of water competencies: an ecological dynamics approach. *European Physical Education Review*, v. 26, n. 4, p. 938-953, 2020.

LANGENDORFER, S. J. Considering drowning, drowning prevention, and learning to swim. *International Journal of Aquatic Research and Education*, v. 5, n. 3, p. 2, 2011.

MORAN, Kevin; GILMORE, Alison. Children's understanding of water safety and perceptions of risk at the beach. *New Zealand Journal of Educational Studies*, v. 53, n. 2, p. 227-239, 2018.

MORAN, Kevin et al. Can you swim? An exploration of measuring real and perceived water competency. *International Journal of Aquatic Research and Education*, v. 6, n. 2, p. 4, 2012.

NUNES, Leonardo Geamonond; FRANCO, Raquel. Novos Olhares a Respeito do Processo de Ensino Aprendizagem na Natação: Revisão Sistemática. *RENEF*, v. 10, n. 15, p. 15-24, 2020.

OLIVE, Ana Ortiz; MURCIA, Juan Antonio Moreno. Diseño y validación de contenido de un instrumento de evaluación de la 8 competencia acuática preventiva en jóvenes de 11 y 12 años. *Revista De Investigación En Actividades Acuáticas*, v. 6, n. 11, p. 8-13, 2022.

PETRASS, Lauren A. et al. Exploring the impact of a student-centred survival swimming programme for

primary school students in Australia: the perceptions of parents, children and teachers. *European Physical Education Review*, v. 27, n. 3, p. 684-702, 2021.

POTDEVIN, François et al. What is the best swimming stroke to master for beginners in water safety tests?. *European Physical Education Review*, v. 25, n. 1, p. 174-186, 2019.

RISTOW, Leonardo et al. Métodos de ensino utilizados por professores de natação infantil. *Conexões*, v. 20, p. e022001-e022001, 2022.

SANTANA, V. H.; TAVARES, M. C. F.; SANTANA, V. E. Nadar com segurança: Prevenção de afogamentos, técnicas de sobrevivência, adaptação ao meio líquido e resgate e salvamento aquático. Barueri: Manole, 2003.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE SALVAMENTO AQUÁTICO. Afogamento – Boletim epidemiológico no Brasil 2020. 2020. Disponível em: <http://www.sobrasa.org>, Acesso em: 19 de nov 2022.

VASQUES, Dieisson Machado; PAIXÃO, Diego Andrades; DE SOUZA CASTRO, Flávio Antônio. Iniciação infantil ao polo aquático: fundamentação teórica e proposta de atividades. *Revista Pensar a Prática* V.13, p. 6183, 2021.



## UM PERCURSO DE SONHOS E VOCAÇÕES

**Bruno Anderson Girão de Sousa**

Observando minha trajetória de vida e refletindo sobre ela, posso afirmar que minha jornada de vida se materializou na profissão que escolhi como seu produto. Desde a infância, eventos de lazer e de cunho esportivo se fizeram presentes em meu contexto social. Particpei de escolinhas de futebol, escola de natação, sempre estive adepto a brincar e principalmente jogar minha “pelada” no campinho da esquina junto com os meus amigos de bairro, “que belas lembranças”, portanto, a representação simbólica da prática de atividades física fez toda a diferença para que eu me posicionasse em relação ao curso de educação física. Segundo coletivo de autores,

“dança, jogos, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímicas, e outros que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem historicamente criados e culturalmente desenvolvidos”. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 50).

Fui influenciado por meu pai a torcer pelo Flamengo, não me arrependo de nada disso (risos), minha paixão pelo futebol foi fundamental para estar aqui hoje. Fazendo uma reflexão sobre o ingresso de professores no curso de graduação em educação física, lembrando dos meus colegas acadêmicos e também dos meus alunos quando estive atuando como docente no ensino superior, posso contextualizar certamente que motivos para a investidura no cur-

so foram com certeza as experiências positivas que as pessoas vivenciaram dentro da prática esportiva e de lazer no período das suas infâncias e adolescências, sendo dentro da escola ou não. Foi o meu caso, adorava as aulas de educação física, frequentei escolinhas de futebol, times de bairro, disputei diversos campeonatos de várzea. Isso, obviamente, teve sua contribuição em minha escolha para ser um professor de educação física, conseqüentemente essa vivência sociocultural corroborou para meu prosseguimento acadêmico/profissional. Bracht afirma que

O esporte então, configura-se como uma prática de origem sociocultural, que trás inscrito códigos, sentidos e significados que devem ser analisados criticamente, quando se fala do valor pedagógico e do sentido desse conteúdo estar presente no currículo escolar e de formação profissional. A Educação Física precisa ser entendida como um campo de conhecimento das práticas corporais e que se sustenta por ser uma prática de intervenção social, tendo seus conteúdos embaçados na cultura do movimento humano, colaborando no processo de formação de sujeitos críticos, criativos e emancipados. (BRACHT, 1999).

Já um pouco mais velho, entre os 15 e 17 anos de idade, fui morar no Rio de Janeiro com o sonho de ser jogador de futebol. Fiquei por quatro anos morando lá, foi excepcional, conheci uma cultura extraordinária, aproveitei cada momento. No final de tudo isso, passei por alguns times de grande expressão, e times de médio e pequeno porte também, dentro da categoria de base. No final dessa trajetória, não consegui me tornar um jogador de futebol profissional, mas valeu o aprendizado. Tudo na vida temos que olhar pelo lado

positivo, mais uma vez reitero, minha vivência positiva com o esporte e todo o seu contexto de importância nas etapas de minha vida foram responsáveis por hoje eu estar aqui nesse mestrado profissional. Após essa jornada, retornei à Araguaína, prestei o vestibular para educação física numa faculdade chamada ITPAC, fui aprovado, e consegui a formação acadêmica no curso de licenciatura em educação física no ano de 2016. Logo em seguida comecei a trabalhar, sempre tive em minha mente que o estudo é a luz no fim do túnel, pois eu tinha uma referência, minha mãe era professora formada em letras, e hoje ela já tomou posse em três concursos em três diferentes estados. Considerando que o meio familiar embasa a estruturação da personalidade ocupacional, para Andrade (1997), a família através da transmissão de conceitos, mitos e valores pode influenciar tanto contribuindo para a decisão profissional dos filhos como, por outro lado, influência parental na escolha profissional.

Pois bem, trabalhei seis meses de contrato na rede municipal de Araguaína, posteriormente surgiu uma oportunidade, no Sesc iria ter um processo seletivo, e foi uma coisa de Deus, porque eu estava me preparando a algum tempo para prestar concurso público. Como meu dia era muito corrido, já que trabalhava dando aula nos três períodos, acordava as 5 horas da manhã para estudar pelo menos 1 hora por dia, e quando a oportunidade do processo seletivo no Sesc surgiu, eu fui fazer sem medo de ser feliz. Minha concorrência era uns 80 professores de Araguaína e região para uma única vaga, consegui ser aprovado, que felicidade. Eu li em algum livro que não me recordo o nome nem o autor, mas que dizia assim “quando

a oportunidade chegar você já tem que estar preparado para recebê-la”. A maioria das pessoas esperam uma oportunidade chegar para tentar se preparar, e eu tinha isso fixado em minha mente, “eu já tenho que estar preparado para tudo”. Na atual sociedade capitalista em que vivemos, ter metas significa uma fundamentação para seu processo de vida. Segundo Kanfer (1990, p. 157), “a direção mais promissora para uma síntese implica na reconsideração do construto de metas, já que este permeia o funcionamento diário e a longo prazo no contexto do trabalho”.

Fiquei no Sesc três anos, uma empresa que só tenho gratidão de ter trabalhado nela, aprendi muito, ser profissional, ter compromisso, aprender a conviver com a cobrança, dar resultados e, como consequência disso, colher frutos posteriormente. Acredito que o convívio nesse ambiente de trabalho colaborou positivamente para meu crescimento dentro da profissão de professor de educação física. Para Piaget (1965-1973), as trocas sociais devem atingir benefícios recíprocos ou o equilíbrio a fim de que uma sociedade se conserve. Nas trocas que se efetuam no tempo, para que o equilíbrio seja durável, entram em ação normas tendentes à conservação de valores.

No ano de 2019 aconteceu o concurso municipal na prefeitura de Araguaína na área da educação. Essa era a oportunidade para que eu estava me preparando a tanto tempo, já que o plano de carreira da rede municipal de educação de Araguaína é um dos melhores do país a nível municipal, tinham aproximadamente 800 candidatos para 20 vagas, eu estava preparado? Fui aprovado em 2º lugar. Concomitante a isso tudo, outras atividades paralelas ocorreram em

minha vida profissional, lecionei em duas faculdades aqui da minha respectiva cidade, dei aula em pós-graduação e complementação em licenciatura em cidades do interior do estado do Tocantins, em três institutos de educação superior diferentes, sempre fazendo tudo isso com muita felicidade, minha trajetória de vida me indicou que escolhi a profissão certa.

Hoje me situo neste programa de mestrado ofertado pela UFT, muito feliz e orgulhoso de estar começando e avançando mais um degrau profissional em meu percurso trabalhista. Agora descrevendo um pouco do que tenho em mente como produto de trabalho acadêmico, gostaria de produzir algo relacionado à Avaliação na Educação Física Escolar. Tenho interesse de construir um Ebook ou uma cartilha, ambos voltados para avaliação dentro do contexto escola, algo que me torne uma autoridade nesse tema

Hoje em dia, a forma de avaliar é muito reducionista, muitas vezes remete-se apenas ao comportamento e a frequências dos alunos. Vejo que podemos avançar muito mais no que diz respeito à análise avaliativa dentro de nossas aulas, tenho objetivo de dar cada vez mais identidade e intencionalidade pedagógica para a minha prática. Segundo Hoffmann,

“o fenômeno avaliação tem sido considerado indefinido ao longo da história, pois os professores e alunos não têm entendido o real significado, sendo que este termo obteve diferentes atribuições, como: prova, nota, conceito, boletim, recuperação, reprovação”. (HOFFMANN, 2022).

Por fim, quero deixar claro que com esse tema escolhido sobre avaliação na educação física, tenho



o intuito de legitimar a minha prática docente, dando identidade a ela, que com isso eu tenha subsídio didático para debater e contextualizar os meus objetivos pedagógicos com a comunidade escolar e meus companheiros professores. Em nenhuma hipótese tenho interesse em usar o termo “avaliação” como algo punitivo aos meus alunos, mas tenho interesse de potencializar minha prática pedagógica e o aprendizado dos alunos, “através da avaliação ao longo dos anos, as pedagogias realizaram modificações e transformações que buscavam a superação sobre o autoritarismo e uma nova perspectiva, que era baseada na autonomia do aluno, em que haveria uma participação social e democrática” (LUCKESI, 2002).

Tenho a expectativa de concluir o curso de mestrado, que eu possa ser um aluno que deixe boas lembranças aos meus professores e orientadores, que eu possa prosseguir em minha carreira acadêmica, posteriormente executar um Doutorado, que haja muita motivação e saúde para que possa fazer desses sonhos metas que possam ser cumpridas.

## REFERÊNCIAS

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.

BRACHT, V. Esporte na escola e esporte de rendimento. Revista Movimento, nº 12, v. IV, p. XIV-XXIV, 2000/2001.

Andrade, T. D. (1997). A família e a estruturação ocupacional do indivíduo. Em Levenfus, R. S. (Org.). Psicodinâmica da escolha profissional.

KANFER, R. Motivation theory in industrial and organizational psychology. In: DUNNETTE, M. D.; HOUGH, L. M. (Eds.). Handbook of industrial and organizational psychology. Palo Alto: Consulting Psychologist Press, 1990. v. 1. p. 75-170.

PIAGET, J. Estudos sociológicos. Rio de Janeiro: Forense, 1965-1973.

HOFFMANN, Jussara. Avaliação: Mito e Desafio: uma perspectiva construtivista. 31ª ed. São Paulo: Mediação, 2002

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da Aprendizagem Escolar. 12ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.



# TRAJETÓRIA, EXPERIÊNCIA E DESAFIOS DE UMA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**Isabela Evangelista Madureira**

Minha trajetória na Educação Física teve seu início ainda na infância. Na época, eu era uma criança com facilidade para praticar jogos, brincadeiras e esportes, morando no interior do estado de Minas Gerais. Na minha cidade natal, havia a liberdade de “viver” na rua, sendo que as brincadeiras de rua e os jogos eram sinônimos de muitas crianças brincando por horas a fio.

Nessa fase estudei praticamente todo o período do Fundamental ao Ensino Médio em escola particular. As aulas de Educação Física eram no contraturno e as atividades eram separadas por gênero. Recordo-me que apesar da escola possuir recursos materiais, as aulas eram tradicionais e tecnicistas, direcionadas a aprender a técnica dos esportes mais conhecidos - futsal, voleibol, basquete e handebol, sendo um por bimestre. A separação pelo quarteto fantástico da educação física escolar é, de acordo com Figueiredo (2008, p. 34):

o problema do “esporte na escola” tem sido discutido por vários autores da área. Tem sido problematizada, por exemplo, a transposição do esporte para dentro da escola sem maiores questionamentos sobre as normas e valores sociais com os quais ele vem impregnado, como a supervalorização da competição, a exclusão dos “menos habilidosos” e “mais fracos”, a seletividade, o preconceito entre sexos, e outras contradições. Há uma forte identificação com esportes por parte dos alunos e as instituições de ensino parecem

aproveitar-se dessa predisposição, constituída socialmente, para consolidar/reproduzir o sistema esportivo, principalmente, no que se refere à seletividade para a formação de equipes escolares.

Foi nesse ambiente que me deparei com o treinamento desportivo, experimentando as modalidades de treinamento de handebol. Por três anos vivenciei à fundo esta prática. O professor responsável por esse treinamento não era formado na área, uma memória que atualmente me chama atenção. Em uma ocasião este professor nos inscreveu em um torneio na cidade. Na hora do jogo ele colocou todos para jogar, exceto eu. Fiquei no banco, quase chorando, lembro na época que pensei “Jamais farei isso com alguém”.

Ao sair da escola, tinha em minha cabeça que ingressaria em uma universidade. Sempre tive essa intenção: buscar uma formação continuada. Em seus estudos, Alvarenga (2012) destaca que o papel das Instituições de Ensino Superior (IES), cada vez mais ganha importância no meio estudantil, visto que a globalização entou o ritmo e a intensidade rumo à evolução do conhecimento e da ciência de um modo geral. Neste contexto, ingressar em uma universidade representa, para muitos jovens, um grande passo para inserção no mercado de trabalho cada vez mais competitivo. Em 2001, prestei vestibular para Educação Física na Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), na época ainda era Licenciatura Plena. Escolhi o curso por afinidade com a área, porém, nesse momento, a ansiedade aumentou muito porque não tinha certeza quanto à minha escolha pelo curso.

A opção pela docência tem sido uma decisão

acompanhada por motivos pessoais relativos à vida de cada sujeito e as suas experiências. Além de carregar consigo componentes normativos, afetivos e cognitivos, ela também é influenciada por elementos estruturais bem precisos, de ordem econômica, política e educacional (VALLE, 2006). Na realidade, somente quando terminei o primeiro período e fui estagiar em uma academia de natação que eu consegui ter a certeza do que realmente queria e ali era o lugar certo para mim.

Na universidade pude vislumbrar outras formas de atuação para além do esporte e da esportivização, por meio do contato com variadas disciplinas. A Educação Física é ampla na questão dos elementos da cultura corporal do movimento, indo para muito além dos esportes, por exemplo. Na universidade tive diferentes professores, pontos de vistas e visões críticas de intervenção pedagógica. Um professor que me ensinou muito, sobretudo como estudar, foi Antônio Trajano, da área de natação e musculação. Ele nos motivava a buscar novos conhecimentos advindos das pesquisas em artigos científicos e não apenas em livros-texto como era o mais comum à época. Nesta época fiquei mais viesada para a área da saúde e não da educação. Participei de diversos congressos nacionais apresentando pesquisas acadêmicas advindas dos estudos que estava realizando na graduação.

Nesse período fui convidada pela professora Bethania Amorim para ministrar aulas de Nado Sincronizado. Foi uma experiência bem marcante e o início da docência em minha vida. Concluí a graduação no primeiro semestre de 2005 com um Traba-

lho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado: “Análise biomecânica de acordo com Rash e Burke (1976) do abdominal mais utilizado em aulas de hidroginástica da cidade de Montes Claros”. O período da faculdade foi, sem dúvida, um dos momentos mais ricos da minha vida. Fase de descobertas, de certa liberdade vivida intensamente tanto no sentido pessoal quanto no profissional.

Ao sair da Universidade, ainda em 2005, objetivando não interromper o ciclo de estudos e formação, ingressei em uma pós-graduação em Exercício Físico Aplicado à Reabilitação Cardíaca e a Grupos Especiais, pela Universidade Gama Filho. Neste espaço, pude abrir novos horizontes quanto ao ensino de crianças e adolescentes do grupo especial. Ao final, apresentei um artigo intitulado “Prevalência de Fatores de risco para doença arterial coronariana em crianças”. Na época, o objetivo era verificar a prevalência dos fatores de risco em crianças de 6 a 11 anos de idade da cidade de Montes Claros/MG.

A amostra foi composta por 92 crianças, sendo 53 do sexo feminino e 39 do sexo masculino. Foi verificado a prevalência de dislipidemias, hipertensão arterial, diabetes mellitus, obesidade, sedentarismo e história familiar positiva à doença. Concluiu-se que, com exceção do histórico familiar, a incidência dos demais fatores deve-se, em grande parte, ao estilo de vida saudável, uma vez que este promove modificações que, conseqüentemente, diminuem o risco para a doença cardiovascular.

Ao escrever esse memorial, pude perceber que minha formação, em nível de pós-graduação, foi importantíssima para o meu desempenho na carreira

acadêmica. Fui muito feliz na escolha do curso, que me propiciou conhecimento consolidado para conseguir acompanhar a evolução da ciência, da saúde, educação e da pesquisa na área da Educação Física.

A minha primeira e verdadeira experiência profissional se deu em 2006, trabalhando em duas escolas públicas da periferia de Pirapora/MG, com alunos de 1º a 5º ano do Ensino Fundamental. Planejar e ministrar aulas, avaliar o rendimento dos alunos e participar de Conselhos de Classe eram funções ‘de professor’ que eu ainda não tinha experimentado.

Nessas escolas, a realidade da falta de estrutura e materiais fez com que eu revesse toda a minha metodologia e avaliação para que as minhas aulas se encaixassem na realidade daquele espaço, bem como na vida dos alunos. Atrelado a isso, o conhecimento profissional consiste não só num “conjunto de saberes e de competências”, mas também na “sua mobilização numa determinada ação educativa”, que exige uma “análise interpretativa dos fatos no contexto de sua ocorrência e na ecologia de suas relações” (PASSEGGI et al.,2011).

Na perspectiva de Bracht (2005), a Educação Física se depara com o problema de suprimento de materiais para aplicabilidade das aulas, assim como a manutenção das quadras esportivas ou ainda a construção destas. Corroborando, Farias Filho e Vago (2001) apontam que, para o professor de Educação Física desenvolver com excelência sua prática pedagógica, são necessárias condições de trabalho adequadas, pois a falta de local e materiais disponíveis para realização das atividades é um dos fatores que podem interferir, modificar e até prejudicar o plane-



jamento e a execução das atividades propostas. Por outro lado, esta escassez de materiais e locais pode estimular a criatividade do professor na elaboração das suas aulas.

Os conteúdos trabalhados nas minhas práticas eram, em geral, os jogos e brincadeiras, ginásticas e esportes, porém, reconheço que nunca contemplei toda a cultura corporal de movimento. A quadra era descoberta, então o horário para a sua utilização era limitado devido às condições climáticas, dependendo do conteúdo a ser trabalhado comprava ou produzia os materiais junto com os alunos.

Não eram todos os alunos que participavam das aulas, mas conseguia incluí-los incentivando-os, trabalhando também a questão de gênero, pois percebi que as meninas se autoexcluíam das aulas. Com base em Dubet (2003), essa ação individual de autoexclusão dos alunos das aulas produz determinadas experiências socio corporais na Educação Física e pode ser pensada como resultado de uma interação (modelo da comunicação) em que os alunos se relacionam com o professor, com outros alunos e com os saberes.

Nessa interação, a ação de se autoexcluir pode ser compreendida como uma maneira de manifestar a não identificação com aquele saber ou com a forma como ele está sendo desenvolvido e, também, como estratégia (modelo da ação racional) diante de alguma dificuldade ou de falta de interesse, não previamente decidida e que pode ser redefinida em meio ao desenvolvimento das aulas (DUBET, 2003).

No ano de 2007 me casei e, na sequência, vim morar em Palmas/TO. Nesta cidade prestei concu-

so para a educação do estado e fui aprovada. Hoje trabalho com alunos de 6º a 9º ano, e confesso que adoro trabalhar com essa faixa etária. O trabalho é desafiador, pois são grupos diversificados com valores, costumes e culturas distintas. Porém, trabalho para mudar a concepção comum da Educação Física dentro da escola pública, buscando proporcionar aos estudantes vivências diversas da nossa cultura corporal de movimento.

Nesse período conheci a professora Rita de Cássia Vilela, também professora de Educação Física. Ela foi e ainda é um anjo em minha vida. Ensinou-me a lidar com os alunos, pois a escola se situava em uma região de alto grau de vulnerabilidade social. Com ela aprendi a reformular minha prática pedagógica. Trocávamos várias ideias em relação a conteúdos, didáticas, ética, comportamento adolescente, inclusão e diversidade. Tal fato me auxiliou em minha adaptação àquela escola e comunidade na qual eu estava inserida. Segundo Marie-Christine Josso (2007, p.48), as experiências formadoras são definidas pela autora como aquelas que implicam “uma articulação conscientemente elaborada entre atividade, sensibilidade, afetividade e ideação”.

Nessa época, a Secretaria de Educação do Estado havia reformulado toda a carga horária de Educação Física. Dentro da carga horária, tínhamos que ministrar 20 aulas contemplando sala de aula e quadra poliesportiva; 8 horas de planejamento e 8 aulas de treinamento. Neste último me dediquei a treinar o futsal para os meninos e o tênis de mesa para as meninas. Foi um período enriquecedor em minha trajetória, pois procurei realizar alguns cursos na área

do futsal e tênis de mesa para aprimorar meus conhecimentos e metodologias. Neste contexto, pude também conhecer os alunos de uma forma mais pessoal, seus pais e familiares, uma vez que viajavamos para campeonatos, torneios, fazíamos churrascos de interação, aprendi muito com eles a empatia, solidariedade e o fair play, isto é, o jogo limpo.

Em 2011 tive meu primeiro filho e o segundo em 2014. Depois de alguns anos me dedicando à criação deles e ao trabalho na escola, senti a necessidade de ampliar meus conhecimentos e renovar minha prática pedagógica, foi quando decidi tentar o Mestrado Profissional em rede em Educação Física (PROEF). Fui aprovada, fiquei imensamente feliz, pois gosto de estudar e acredito que a educação seja transformadora. Freire (1974, p. 56) corrobora explicitando que:

“Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros.”

Acredito que o mestrado contribuirá para o meu desenvolvimento profissional, melhorando minha atuação individual e coletiva por meio do desenvolvimento de estratégias político-pedagógicas sensíveis aos diferentes contextos e capazes de propostas novas, potentes e mobilizadoras do esforço coletivo.

## REFERÊNCIAS

ALVARENGA, C. F. et al. “Desafios do Ensino Superior para Estudantes de Escola Pública: Um Estudo na UFLA”. Revista Pensamento Contemporâneo em Administração. V. 6. p.55-71. 2012.

BRACHT, V. Cultura Corporal, Cultura de Movimento ou Cultura Corporal de Movimento. In: SOUZA JÚNIOR, M. Educação Física Escolar: teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica. Recife: EDUPE, 2005. p. 97-106.

DUBET, F. A escola e a exclusão. Cadernos de pesquisa. n 119, julho/2003.

FARIA FILHO, L. M.; VAGO, T. M, (2001). Entre relógios e tradições: elementos para uma história dos tempos escolares em Minas Gerais. In: VIDAL, D. G.; HILSDORF, M.L. (Orgs.) Tópicos em história da educação. São Paulo: Edusp,2001. p. 117-136.

FIGUEIREDO. Zenólia C. Experiências Sociocorporais e Formação Docente em Educação Física. Revista Movimento, v.14, n. 1, p. 85-110, Porto Alegre, janeiro/abril, 2008.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

JOSSO, Marie Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. Educação, v. 30,

n. 63, p. 413-438, 2007.

PASSEGGI, Maria da Conceição. SOUZA, Elizeu Clementino de. VICENTINI, Paula Perin. Entre a vida e a formação: Pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. Educação em Revista. v.27, n.01,p.369-386, Belo Horizonte, 2011.

VALLE, I. R. Carreira do magistério: uma escolha profissional deliberada? Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, DF, v. 87, n. 216, p. 178-187, maio/ago. 2006.

VARGAS, A.L. Brincando de coisa séria: Brincadeiras tradicionais no contexto das aulas de Educação Física escolar. Faculdade Maria Milza (FAMAM). 2011.

## **CONSTRUINDO CONHECIMENTO POR MEIO DO LIFELONG LEARNING**

**Jacqueline Fernandes de Sá Xavier**

Sou uma mulher de estatura mediana, cabelos anelados, de cor parda e olhos castanhos claros, nasci na cidade de Marabá, sudeste do estado do Pará, no dia 23 de março de 1971, filha de Raimunda Nوناتa Fernandes de Sá e Nelson Francisco de Sá. Sou a filha primogênita de cinco irmãos, meu nome é Jacqueline Fernandes de Sá Xavier e tenho 51 anos de idade bem vividos.

Em um período de um ano, anterior a escola formal, adentrei no universo letrado, através de uma escolinha de reforço que ficava próximo a casa em que vivi na infância. Refletindo sobre isto, acredito que a escolha por este percurso de alfabetização deu-se porque minha mãe recebeu do médico um diagnóstico de que havia uma possibilidade de eu não conseguir cursar a escola formal, devido a frequência de convulsões que me acometia, e ter que tomar remédio controlado para estabilizar esta situação, sendo que esta alternativa medicamentosa trazia muitos efeitos colaterais a nível neuronal.

Como relatei acima, na infância tive muitos problemas de saúde, tendo um acompanhamento frequente de médicos até os meus 10 anos de idade. Foram poucos momentos que pude viver a infância e a ludicidade, pois meus pais eram de família economicamente desfavorecida, então bem cedo comecei a colaborar com os afazeres domésticos e trabalhava

para ajudar no custeio dos gastos com alimentação e vestuário.

Aqui apresentarei uma análise do meu percurso de formação acadêmica e profissional. Vale ressaltar que ambos são processos ainda em tramite pois continuo sendo estudante e profissional da educação. Iniciei meus estudos formais em uma Escola Pública, denominada Coronel José Mendonça Virgolino, depois fui estudar em regime de bolsa em instituições de ensino particulares, retornando à escola pública, quando cursava o que equivale hoje ao sétimo ano, porém todo o meu ensino médio foi em escola pública.

Ainda estudante de ensino médio, comecei a ministrar aulas para turmas que equivaleriam hoje ao ensino fundamental menor, substituindo minha mãe quando ela tinha algum problema de saúde. Esta minha primeira experiência como professora deu-se antes de minha formação acadêmica, quando tinha 15 anos de idade.

Aos 21 anos passei na Universidade do Estado do Pará, para o curso de Licenciatura em Educação Física, na época a proporção por vaga era de trinta e oito pessoas para uma vaga. Já na faculdade aprendi a lidar com alguns medos que tinha, a exemplo disto, o medo de falar em público, aprendi também a ser mais disciplinada e a ter mais foco. Minha formatura deu-se no ano de 1997, sendo que o curso em questão se estendeu um ano a mais devido a questões políticas. Para que o curso pudesse retornar, os acadêmicos tiveram que realizar inúmeros atos públicos.

Enquanto estudante de Educação Física, também trabalhei como professora desta disciplina, pois

em minha cidade na época havia poucos profissionais formados, com isto houve a possibilidade de um contrato atendendo alunos do ensino fundamental maior e ensino médio, no curso de magistério.

Já desempenhei algumas outras funções na educação: coordenadora de Educação Física, coordenadora do programa Mais Educação de uma escola pública; mediadora de leitura; coordenadora de eventos extraclasse como Feira das profissões e Mostra de inovações tecnológicas, contadora de histórias; facilitadora do laboratório de informática, função que ainda desempenho, em uma das redes de ensino que trabalho, palestrante de temas como projeto de vida, empreendedorismo e a cultura maker, a importância da família na escola, inteligência emocional e a gestão da emoção, relacionamento interpessoal e intrapessoal, habilidades skills, entre outros temas. No ambiente empresarial também atuei como professora de ginástica laboral, e em clubes professora de hidroginástica.

Cabe salientar que também realizei mais duas graduações além da Licenciatura em Educação Física: uma de Administração e em seguida Licenciatura em Letras Português. Também possuo seis especializações lato sensus: Educação Física Escolar pela UEPA; Tecnologia da Educação – Puc Rio; Psicologia e coaching pela Universidade Metropolitana, Gestão Escolar pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci; Contação de história e mediação de leitura pela Escola Superior da Amazônia; Transtorno do espectro autista: intervenções multidisciplinares em contextos intersetoriais, Universidade do Estado do Pará-UEPA.

Faço parte de um grupo de pesquisa científica



denominado HEALTH, pHYsical activity and Behavior ReseArch (HEALTHY-BRA) group, da Universidade Federal do Tocantins (UFT), em parceria com a Universidade do Sul do Maranhão (UNISULMA), sob a supervisão científica dos grupos de pesquisa Youth/Child cArdiovascular Risk and Environmental (YCA-RE) research group (Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, FMUSP) e o Grupo Doenças Metabólicas, Exercício e Nutrição (DOMEN): Universidade Federal do Piauí (Universidade Federal do Piauí, UFPI), com o objetivo de fomentar o desenvolvimento de estudos na temática mencionada baseado em abordagem multicêntrica. Estudos multicêntricos são pesquisas científicas (em geral) multidisciplinares com métodos e protocolos padronizados; coordenado por um comitê formado por lideranças locais e realizado em diferentes centros geográficos visando diversidade populacional.

Realizei duas publicações, uma com o tema “A importância do aspecto motivacional do professor na qualidade de aula ministrada”, pela Universidade do Estado do Pará, a outra publicação ocorreu no ano de 2021, foi um Relato de experiência de um projeto desenvolvido para alunos do ensino médio, denominado: O autoconhecimento como agente de transformação: A resignificação do ser para o desenvolvimento do equilíbrio físico e mental, este relato foi publicado na Revista Entre saberes.

O novo profissional da educação integrará melhor as tecnologias com afetividade, o humanismo e a ética. Será um professor mais criativo, experimentador, orientador de processos de aprendizagem presencial e a distância. Será um profissional me-

nos falante, menos informador e mais gestor de atividades de pesquisa, experimentação e projetos. Será um professor que desenvolve situações instigantes, desafios, solução de problemas e jogos, combinando a flexibilidade dos espaços e tempos individuais com os colaborativos grupais. Quanto mais avança a tecnologia, mais se torna importante termos educadores maduros intelectualmente e emocionalmente, pessoas curiosas, entusiasmadas, abertas, que saibam motivar e dialogar. Pessoas com as quais valha a pena entrar em contato, porque dele saímos enriquecidos. [...] (SALGADO, Brasília: Ministério da Educação, 2008, pág.171).

Este ano fui presenteada com um sonho que tenho a anos, realizar um mestrado, depois de inúmeras tentativas frustradas. Assim, hoje sou estudante de Mestrado Profissional em Educação Física, no pólo da UFT de Miracema. Minha proposta de pesquisa é ASSOCIAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, COMPORTAMENTO DE 24 HORAS E SATISFAÇÃO COM A VIDA, EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DE REGIÕES DE BAIXA RENDA: Um coorte retrospectiva em período pós-pandêmico.

A linha de pesquisa abarcada é a 2 - Educação Física nos Anos Finais do Ensino Fundamental, estuda o ensino fundamental como etapa da Educação Básica que deve assegurar aos estudantes uma formação comum indispensável para o exercício da cidadania e para progredir no trabalho e em estudos posteriores. Pesquisa o desenvolvimento (planejamento e implementação) de propostas curriculares e intervenções pedagógicas inovadoras na Educação Física escolar no Ensino Fundamental, explora suas potencialidades e avalia a utilização delas em dife-

rentes ambientes educacionais.

O objetivo geral do projeto é testar a relação entre estilo de vida (exposição principal) e síndrome metabólica (desfecho principal) em estudantes universitários de regiões de baixa-renda, dos estados de Tocantins e Maranhão. Os objetivos específicos são: Medir os atributos psicométricos dos questionários de estilo de vida, qualidade de vida, escala de satisfação com a vida, condição socioeconômica e demográfica em estudantes universitários do Tocantins e Maranhão; Conferir se existe ligação entre estilo de vida e síndrome metabólica em estudantes universitários; Analisar a luz das coletas de dados e de referencial teórico, se existe uma cultura corporal de movimento que continua além dos anos escolares (ensino fundamental e médio) para outras fases da vida adulta; Avaliar sobre os impactos da cultura corporal do movimento para a saúde física e mental e as evidências para uma vida feliz; Criar uma ferramenta educacional que possa ser implementada com os alunos do segundo segmento, para realizar intervenções em prol de uma vida mais ativa em prol da longevidade com qualidade.

Decidi empreender estudos ligados a frequência de atividades físicas e a percepção da satisfação com a vida, nos estudantes universitários, já que estes anterior ao processo pandêmico, já tinham uma história de ações ligadas a cultura corporal do movimento, pois os mesmos enquanto estudantes de ensino fundamental e médio tinham a disciplina de Educação Física como componente curricular obrigatório. Nada mais interessante do que escolher esta parcela para estudar, se o tipo de comportamento ligado à ativida-

de física permaneceu pós ambiente escolar (fundamental e médio) nos estudantes universitários, como uma cultura social, realizando assim uma “Associação entre Educação Física escolar, comportamento de 24 horas e satisfação com a vida, em estudantes universitários de regiões de baixa renda: Um coorte retrospectiva em período pós-pandêmico”.

A síndrome metabólica é um conjunto de fatores que podem aumentar o risco de acidente vascular, diabetes, ou problemas cardíacos. As causas que desencadeiam esta síndrome ainda estão sendo estudadas. Por hipótese poderão ser desencadeadas por sedentarismo, genética, uso de tabaco, ou alimentação inadequada. Assim, uma maneira de amenizar tais ocorrências poderão estar ligado a mudança no estilo de vida, com hábitos saudáveis que envolvam o corpo e a mente. Neste sentido, sentir prazer pelo que faz pode ser o motor para manter um estilo de vida saudável de forma prolongada.

O produto educacional deste mestrado é criar uma ferramenta de estratégia de intervenção para diminuir o quadro de sedentarismo e obesidade nos educandos do ensino fundamental, a fim de diminuir a frequência da síndrome metabólica na população entre jovens e adultos.

A revisão de literatura desta pesquisa será embasada por estudiosos da Saúde, Psicologia, Educação, Cultura corporal do movimento e Neurociência. Neste sentido, foram pontuadas algumas reflexões sobre: os impactos do estilo de vida para configuração de um corpo saudável; a prática regular de atividades físicas como agente de fortalecimento da saúde física e mental; a influência da cultura corporal do

movimento em uma longevidade mais ativa.

Algumas das bibliografias que farão parte deste estudo são: HARARI (2018), que em seu livro 21 lições para o século 21 vem trazendo algumas reflexões sobre as habilidades suscitadas nas pessoas neste século. SCHESTATSKY (2021), com a obra “Medicina do amanhã: Como a genética, o estilo de vida e a tecnologia juntos podem auxiliar na sua qualidade de vida”. GRANT e LEIGH (2013), com o livro “A ciência da felicidade e como isto pode funcionar para você”. Outra obra que será abarcada é “Tempo de vida: por que envelhecemos - e por que não precisamos”, SINCLAIR e LAPLANTE (2021), que vem explicitar como podemos desacelerar, ou mesmo reverter nosso relógio genético através do conhecimento científico e tecnologias emergentes, aliados a mudanças de estilo de vida. Também foi agregado contribuições de pesquisas realizadas pela Organização Pan-Americana da Saúde (2021). Também será utilizado estudo acerca da produção científica envolvendo Atividade Física e Felicidade, no Portal de Periódicos da CAPES de PACHECO; TEODORO; RODRIGUES; SILVA; SCHWARTZ (2018).

Cabe salientar que as doenças de riscos advindas da síndrome metabólica são recorrentes na população adulta. Isto é perceptível pelo aumento de obesidade que também acomete crianças e adolescentes, seja pela má alimentação, fatores genéticos ou sedentarismo, tornando-se urgente que se possa empreender pesquisas para encontrar saídas para amenizar esta situação, evitando assim que crianças, adolescentes e adultos de pouca idade desenvolvam doenças devido a síndrome metabólica.

Portanto, qualquer prática capaz de promover alterações positivas na percepção de Qualidade de Vida, auxiliando os indivíduos a transformarem seus valores, suas expectativas e, conseqüentemente, seu estilo de vida, pode contribuir na promoção um sentimento de felicidade e bem-estar. Assim, atividades com possibilidades de oferecer autoconhecimento, reflexão, socialização, maior consciência corporal, construindo assim, experiências positivas para o indivíduo, a exemplo das atividades e exercícios físicos, podem ter repercussões na sua percepção subjetiva de felicidade e bem-estar. (PACHECO; TEODORO; RODRIGUES; SILVA; SCHWARTZ, 2018, p.103).

Acredito que muitas outras experiências gratificantes para minha vida pessoal e profissional estão por vir, quero ressaltar que todo este processo também influenciou na qualidade de aula que desenvolvo, como também revolucionaram minha visão de mundo, e as ações que desenvolvo colaborando com a minha análise crítica e participativa, como ente social humano, que sonha com uma sociedade mais justa e com oportunidades para todos, tendo por base a qualidade de vida.

## REFERÊNCIAS

PACHECO, José Pedro Scarpel; teodoro, Ana Paula Evaristo Guizarde; RODRIGUES, Nara Heloisa; SILVA, Renata Laudares; SCHWARTZ, Gisele Maria. GESTÃO DA INFORMAÇÃO: A relação entre a atividade física e a felicidade em periódicos científicos. Revista Hipótese, Itapetininga, v. 4, n. 3, 2018.

SALGADO, Maria Umbelina Caiafa; AMARAL, Ana Lúcia. Tecnologias da educação: ensinando e aprendendo com as TIC: guia do cursista - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação à Distância.2008.

## UMA JORNADA PESSOAL E PROFISSIONAL

**Jefferson Alves da Luz**

Meu nome é Jefferson Alves da Luz, sou natural de Araguaína – TO, filho de Isídio Reis da Luz e de Terezinha de Jesus Alves da Luz, sou o quarto filho de uma família de cinco irmãos. Tive uma infância tranquila e de muita brincadeira, onde guardo memórias de alegria, de frustrações, de fantasia, crescimentos e de muita amizade. Nesse sentido:

Zanluchi (2005, p. 89) reafirma que “quando brinca, a criança, prepara-se para a vida, pois é através de sua atividade lúdica que ela vai tendo contato com mundo físico e social, bem como vai compreendendo como são e como funcional as coisas.

Comecei a sair sozinho de casa para brincar na rua quando tinha nove anos de idade. Nessa época, eu e meus amigos íamos para uma pracinha do bairro, onde tinha um parque e um campo de futebol. E lá, todas as tardes nos reuníamos para jogar bola, brincar de peteca, de lutas, de salva bandeira e para falamos de futebol.

Lembro que nesse período da minha infância, era o futebol italiano que estava em alta. No futebol italiano jogava Maradona, Careca, Alemão, Toninho Cerejo e muitos outros craques da bola, e as nossas conversas sobre o futebol estavam relacionadas com esse contexto. Essa era uma fase de muita fantasia, de imaginação e muita imitação. Oliveira (2000), nesse sentido, afirma que:

“Através do brincar a criança pode desenvolver capacidades importantes como a atenção, a memória,



a imitação, a imaginação, ainda propiciando à criança o desenvolvimento de áreas da personalidade como afetividade, motricidade, inteligência, sociabilidade e criatividade”.

Foi especificamente nesse período que comecei a jogar futebol e encontrar nessa modalidade esportiva um lugar de afirmação e reconhecimento social. Eu era um bom jogador de futebol. Nessa época, já com mais ou menos 12 anos de idade, comecei a fazer parte de um time do bairro e fomos campeões de futebol de campo e campeões de futsal. Foi então que comecei a vislumbrar a possibilidade de me tornar um jogador de futebol profissional. Passei a jogar futebol de campo por um time da cidade onde joguei por quase três anos. Fiz algumas peneiras para jogar em times dos estados de São Paulo e de Goiás, mas não fui aprovado em nenhuma dessas peneiras. Percebi por meio dessas experiências que talvez essa não seria a minha profissão. Persisti com esse objetivo até os dezoito anos, quando decide parar de jogar bola e me dedicar os estudos.

Estudei em várias escolas da minha cidade, a maioria delas eram escolas particulares. Meus pais faziam um esforço muito grande para me manter nesses estabelecimentos educacionais. A nossa condição econômica na época era muito baixa, e por isso sempre pagávamos a mensalidade com muito atraso. Esse esforço que meus pais faziam para eu estudar, era no sentido de despertar em mim o gosto pela escola. Mas esses lugares não despertaram em mim esse interesse pelo conhecimento, pelo contrário, estudar em escolas particulares aumentou a minha percepção de estranheza em relação ao ambiente

educacional. Foram tempo de constrangimentos, humilhações e uma percepção reiterada de que aquele não era meu lugar.

Não tenho memórias desse período da minha vida escolar no que tange às vivências e experiências relacionadas a práticas corporais e/ou a Educação Física. As únicas práticas corporais que nós vivenciávamos nesse fazer da vida eram as brincadeiras de pega-pega e futebol entre os meninos.

### ESCOLA E O ENSINO FUNDAMENTAL - O ESPORTE ENTRA NA MINHA HISTÓRIA

Essa fase foi bem marcante na minha vida porque do 5° ao 8° ano também continuei a estudar em escola particular. Mas nesse contexto o esporte começou a mudar um pouco a minha vida na escola. Passei a me destacar entre meus amigos e a ser reconhecido como aquele que jogava bem futsal. Algo na escola começou a fazer sentido para mim. Comecei a gostar da escola, mas ainda continuava sem gostar de estudar.

Então, no 8° ano fui reprovado na escola, e fui transferido para uma escola estadual como consequência da minha indiferença em relação aos estudos. Foi então que resolvi mudar, e comecei a estudar e me empenhar mais na escola, e logo vieram os resultados. Na minha primeira avaliação de matemática tirei 10 na prova. Uma sensação maravilhosa de competência e capacidade se apoderaram de mim. O meu sentimento em relação ao conhecimento começou a mudar.

Mas meu tempo nessa escola durou apenas três meses, pois toda rede estadual entrara em greve naquele período, e não havia previsão para o retorno de

volta às aulas. Foi então que surgiu a oportunidade de fazer uma “peneira’ para ganhar uma bolsa de estudo em uma escola particular da cidade de Araguaína. Passei nessa peneira e fui bolsista nessa escola por três anos, concluindo nesse estabelecimento meu ensino médio.

O esporte nesse período da minha vida me proporcional destaque e visibilidade entre meus amigos e atletas rivais. Essa visibilidade produzia em mim algo muito saudável na construção da minha autoimagem. Sentia-me importante, era reconhecido e carregava comigo um sentimento de capacidade e de confiança, principalmente quando eu estava em quadra. Nesse período a Educação Física se resumia a um único esporte: o futsal.

No Ensino Médio continuei como bolsista nessa escola particular até a 3° série desse segmento envolvido com o Futsal e representando a escola em eventos e campeonatos. O desporto educacional BRASIL (2013) foi muito importante na minha formação social e emocional. No esporte, aprendi a lidar com o medo, com a derrota e a reconhecer os meus limites e potencialidades. Aprendi também a exercitar a autoconfiança, o domínio próprio, a resiliência e a perseverar na busca de meus objetivos. Sem dúvida nenhuma o esporte deixou em meu memorial aprendizados e valores que carrego comigo até hoje.

Voltando a falar um pouco dos meus estudos e apesar de ter mudado um pouco a minha postura estudantil em relação à escola, até esse momento da minha trajetória educacional não fazia planos para o futuro e nem vislumbrava algo relacionado à minha vida profissional. Foi então que meu irmão mais ve-

lho começou a despertar em mim a possibilidade de ingressar em algum curso universitário e dar continuidade aos meus estudos.

Inicialmente não pensava em nada que eu pudesse fazer no que concerne ao ensino superior. A única coisa que eu tinha próximo e que havia acrescentado à minha vida sentimentos de satisfação e de competência estava relacionado ao esporte. Foi então que comecei a vislumbrar a ideia de ser um profissional na área de Educação Física.

Então, a partir do término do ensino médio, passei a buscar um pouco mais de conhecimento sobre a educação física como campo de atuação, pois até aquele momento educação física na minha concepção era esporte. Nas minhas aulas no ensino regulares não havia outro conteúdo. O esporte era o meio e o fim da educação física escolar.

Como as minhas melhores experiências estavam relacionados ao futsal, a única coisa que pensei foi o curso de Educação Física. Na minha cidade não tinha faculdade de Educação Física, por isso precisei me mudar para Goiânia. Fiz vestibular em Goiânia na UFG, e em Londrina na UEL, passei na UEL e fui morar no Paraná.

Quando ingressei na faculdade, levava dentro de mim um sentimento grandioso de gratidão a Deus, pois honestamente nunca imaginei estudar em uma faculdade tão conceituada como a Universidade Estadual de Londrina (UEL). Nos dois primeiros anos de faculdade, imprimi um ritmo de estudo e de leitura que eu nunca havia experimentado até aquele momento. Buscava ser o melhor aluno da minha turma. Mas percebi que algumas deficiências do ensino fun-

damental e médio se apresentavam como barreiras para o meu progresso. A minha escrita era bastante deficiente, e isso me limitava academicamente. Não conseguia escrever de forma organizada com coerência, consistência e clareza.

Os meus dois últimos anos foram menos produtivos no que tange a leituras e aprendizados, mesmo assim, me envolvi em um grupo de pesquisa sobre representações e imaginário social e fiz vários estágios de extensão que a faculdade oferecia. Fiz estágio de basquete, mini vôlei, ginástica olímpica e de musculação. Os estágios supervisionados foram muito importantes para o meu crescimento acadêmico e futuro profissional, pois através dele pude adquirir experiências, vivências e saberes que só os cotidianos da prática docente podem nos proporcionar. Nesse sentido, Zabala (2004) destaca que:

“a aprendizagem da docência está relacionada com as experiências e como as organizamos, pois é nesses movimentos que nos construímos como sujeitos, a partir de nossa história, de nossa trajetória pessoal, escolar, acadêmica, entre outras.”

Nesse mesmo sentido, Pimenta e Lima (2004) também ressaltam sobre a importância do estágio em relação a nossa aprendizagem profissional que é construída pelas experiências que a prática e as vivências no estágio pode nos possibilitar.

Em contrapartida, nem tudo foram flores na minha formação acadêmica, tive alguns problemas particulares que quase me fizeram desistir do curso. Os meus dois últimos anos de faculdade foram penosos e muito difíceis, tanto no sentido financeiro quanto no

sentido emocional. Essas circunstâncias me abate-ram e fizeram com que a minha produtividade na faculdade caísse muito. Mas graças a Deus e ajuda de amigos permaneci até o final.

Terminei a minha graduação em Educação Física em junho de 2002, em uma colação de grau especial no gabinete no reitor. Precisava ir embora e trabalhar para me sustentar.

Minha trajetória profissional se iniciou no ano de 2002, quando fui aprovado no concurso do Estado do Tocantins para professor da Educação Básica. A minha primeira experiência como docente foi em uma escola da rede pública do Estado do Tocantins na cidade de Araguaína. Era uma escola que oferecia educação para alunos do ensino fundamental em série finais (6° ao 9° ano). L.D.B (1996).

Lembro com muita clareza como foi meu primeiro dia de aula, estava ansioso, nervoso e muito empolgado. Cheguei cheio de expectativas para o meu novo trabalho. Trazia comigo um conhecimento em Educação Física muito consistente, e acreditava ingenuamente que só o conhecimento específico seria suficiente para ministrar e efetivar os processos de ensino e aprendizagem.

Quando me apresentei na escola no dia 26 de junho de 2002, fui apresentado à diretora e depois aos coordenadores, e logo em seguida já estava ministrando aula para a minha primeira turma de 9° ano. Sala lotada, professor inexperiente, sem planejamento para aquela aula, pois não tive tempo para organizar e elaborar um plano de aula. Estava sem um norte, um guia para as minhas ações docentes, Libâneo (1994).

Nesse dia, senti o peso da inexperiência e da falta de conhecimento sobre planejamento e sobre todos os outros saberes necessários para conduzir uma aula minimamente produtiva. Não tinha ideia de como começaria a aula e nem como ela terminaria.

Ministrar aula, na minha concepção, era falar e falar. A aula que durava cinquenta minutos parecia durar uma eternidade. Nesse dia, assim como toda semana seguinte, foram dias difíceis e penosos para mim, entrei em crise, não me sentia “habilitado” para ser professor, ainda faltava muita coisa. Mas à medida que o tempo ia passando, outras deficiências docentes foram se manifestando em meu cotidiano. Sentia-me inseguro, não conhecia nada de planejamento, metodologia e nem de avaliação. Tinha muito conhecimento específico em Educação Física, mas não possuía maturidade e nem experiência para aplicá-los da forma adequada, o saber experiências necessitava de tempo TARDIF(2002). Para piorar, percebi que a minha comunicação não era assertiva. Um dia, uma aluna chegou em mim e disse: “professor, acho você inteligente, mas você fala muito difícil e não entendo quase nada do que você explica”. Naquele dia percebi a necessidade de me fazer entendido e assim o fiz.

Os desafios não pararam por aí, além de todas essas dificuldades que já mencionei, ainda havia os problemas estruturais da escola. A Escola era um lugar pequeno, sem pátio, sem quadra e sem materiais pedagógicos para se trabalhar. Levei minhas equações para a direção, dei ciência de todas aquelas limitações e aí veio aquela velha história que diz: o professor de Educação física tem que ser criativo. So-

mando-se a isso, me deparo com alunos desinteressados e resistentes a mim, porque a professora que eu substituíra era pioneira no bairro e bem-querida pelos alunos. Os desafios eram muitos.

Os dias foram passando, as frustrações e o sentimento de incapacidade eram mais recorrentes e a única coisa que eu pensava naqueles momentos era em abandonar a docência.

Então, durante o período de 2002 até o ano de 2007, busquei por meio de livros, formações e conversas com amigos encontrar algo que alentasse os meus dilemas, ou que me desse condições de superar as minhas limitações no que tange a prática docente, que ampliasse meus conhecimentos para que pudesse superar os obstáculos que ali se apresentavam. A formação continuada era a única forma de ampliar meus conhecimentos e encontrar meios de superar os entraves que estavam diante de mim.

Então, de 2002 a 2007 a Secretaria da Educação do Estado do Tocantins promoveu a formação continuada para implementação dos PCN's (1997). Nesse período, essas formações continuadas ajudaram a ampliar minha visão de educação física escolar, e muitas questões pedagógicas como planejamento e avaliação foram sendo sanadas.

Continuei então com meus estudos e prossegui com a minha formação continuada que, segundo Pirrenout (2000), é uma das dez competências para ensinar. Também iniciei, nesse período, as minhas leituras de Paulo Freire (1996), e no seu livro pedagogia da autonomia comecei a entender que o professor será sempre um profissional em construção, pois todo bom professor se sabe inacabado, e por se



saber inacabado, continua aprendendo e buscando sempre se aperfeiçoar.

À medida que o tempo ia passando, o conhecimento e a experiência se ampliaram e foram me permitindo ter mais clareza, conhecimento, segurança e tranquilidade da minha atuação docente. O medo, a insegurança, a falta de conhecimento foram sendo dissipados. Encontrei o meu caminho, encontrei a minha paixão. Sou professor.

Continuo na minha trajetória docente, buscando aperfeiçoamento e qualificação profissional. Estou inserido no mestrado do Proef. Unidade de Miracema –TO. Tem sido um tempo de crescimento, amadurecimento acadêmico e desconstrução de muitas certezas.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, 2013. Decreto de Lei nº 7984- Regulamenta a Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre desporto.

DARIDO, S. C. Educação Física na escola: questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003LIBÂNEO, José Carlos, Didática. São Paulo. Editora Cortez. 1994.

FREIRE, Paulo . Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

Perrenoud, Philippe. Dez novas competências para ensinar. Porto Alegre: Artmed. 2000. 192p.

PIMENTA, S.G.; LIMA, M. do S.L. Estágio e docência. São Paulo: Cortez, 2004.

TARDIF. Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

VASCONCELLOS, Celso dos S: Planejamento Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico Ladermos Libertad-1. 7º Ed. São Paulo, 2000

ZABALZA, M.A. O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas. Porto Alegre: Artmed, 2004.



# OS CAMINHOS PERCORRIDOS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE: MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA

**Paula dos Santos Silva**

Sim, sou eu, eu mesmo, tal qual resultei de tudo (...)  
Sou eu aqui em mim, sou eu.  
Quanto fui, quanto não fui, tudo isso sou.  
Quanto quis, quanto não quis, tudo isso me forma.

Fernando Pessoa<sup>1</sup>

Não sou uma pessoa boa de memória, por isso, esse exercício de visitar o passado em busca dos caminhos que percorri até chegar aqui teve seus desafios, mas consegui perceber mais ainda que as minhas escolhas, às vezes até inconscientemente, me fizeram ser o que sou e estar onde estou.

Me chamo Paula dos Santos Silva, nasci em 21 de junho de 1983, em Goiânia/GO. Durante a minha primeira infância acabei me mudando algumas vezes de cidade, devido à natureza do trabalho do meu pai a qual exigia dele a mudança constante. Da capital do estado de Goiás, nos mudamos para Cuiabá/MT, onde moramos por alguns anos e depois retornamos para o estado, porém agora para a cidade de Anápolis, para que, após muitos anos, retornássemos à Goiânia, onde nos reestabelecemos e fixamos residência.

Lá em Goiânia, tive a oportunidade de morar em

1 PESSOA, Fernando. Poesias de Álvaro de Campos. Lisboa, Ática, 1944 (imp. 1993).

um bairro de periferia onde tinha a oportunidade de ter amigos na rua e, naquele espaço, brincava todos os dias. Tive uma infância regrada a brincadeiras e jogos que hoje chamamos de tradicionais, tanto na rua quanto na escola, e com os meus irmãos e primos de idade próxima. Mesmo sendo uma criança tímida, eu fui muito ativa e isso contribuiu para a minha formação e influenciou também a minha prática pedagógica hoje. Para Arroyo (2000, p. 25), nosso ofício de mestre é “uma longa história, para procurar nossa identidade longe, para nos ver como uma construção social, histórica, cultural que finca raízes fundas no passado”.

Durante o período da minha Educação Básica estudei em escola particular. Quando a minha família se mudou de volta para Goiânia, estudei numa escola num bairro diferente de onde morava, por isso todos os dias meu pai, Eurípedes, ou minha mãe, Laura, me levava e meus irmãos até a escola. A minha mãe aprendeu a dirigir para levar e buscar os filhos na escola. Aqui reconheço o esforço, empenho e dedicação dos meus pais na criação dos filhos, em não medir esforços para que tivessem uma infância e vida melhor que eles tiveram.

A escola que estudei em Goiânia e onde tenho as minhas memórias do tempo de estudante se chamava Colégio Maria Júlia. Lá estudei, pelo que me lembro, da 3ª série do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio. Tenho muitas lembranças boas desse período, na escola fiz muitas amizades e algumas trago até os dias de hoje. Lembro que nesse período escolar da minha vida brinquei muito. A escola dispunha de um parquinho e pátio e era onde as

crianças brincavam, tanto no tempo de recreio, quanto no tempo destinado as aulas de Educação Física, que se resumiam num tempo livre para brincar.

A partir da 5ª série, quando estudei o Ensino Fundamental era de oito anos, os alunos dessa escola mudavam para um prédio próximo da outra unidade do Colégio. Esse prédio novo era um local mais amplo, com pátio e quadra poliesportiva. A maioria dos amigos da 4ª série continuaram a estudar juntos na 5ª série, o que contribuía para a continuidade das amizades. Nesse novo prédio do Colégio vivi muitas experiências que contribuíram para a minha formação.

A escola era muito exigente, as salas de aulas não eram muito cheias, com menos de 20 alunos, e os professores tinham uma ótima formação, diferentemente da realidade hoje nas escolas públicas, nas quais encontramos turmas cheias, o que compromete a qualidade do trabalho (OLIVEIRA, 2008). Lembro que na maioria dos dias da semana tinha que ir ao contra turno para realização de atividades como pesquisa, trabalho em grupo, jogos e por algumas vezes até inventava alguma atividade a tarde para ficar na escola com os amigos e a escola não proibia esses momentos, gostava muito de viver a escola, o que influenciou a minha escolha profissional.

Lembro que sempre tinha que ir para a realização de pesquisas escolares e trabalhos, ou para a Biblioteca da escola ou à Biblioteca Cora Coralina, que fica localizada no Setor Campinas, em Goiânia/GO. Meu pai ou minha mãe levava e buscava, devo ter começado a andar de ônibus depois dos 15 anos. Gostava muito de viver a escola e fui uma aluna dedicada

e esforçada, na escola nunca fiquei de recuperação e as minhas notas sempre eram muito boas.

Em 1998 iniciei o Ensino Médio, nesse período passei a ter seis aulas diárias. Nesse período eu e minha irmã, Kamila, tínhamos aulas no período vespertino e aos sábados com simulados e aulas extras como preparação para o vestibular. Nessa escola, além das disciplinas da grade curricular obrigatória, havia aulas de Espanhol, Teatro e Informática. Os professores, como já citei anteriormente, muito qualificados e lembro-me da maioria, como a Professora Maria das Graças, Professor Mauro e Professor Maycon, pois foram professores que marcaram e contribuíram muito para a minha formação tanto intelectual quanto pessoal.

Esse período da segunda etapa do Ensino Fundamental e Ensino Médio marcou-me também pois presenciei a entrada da tecnologia na educação e na vida das pessoas. Lembro que foi na escola que tive o primeiro contato com computador e com a internet. No meu aniversário de 15 anos escolhi ganhar um computador ao invés de fazer uma festa, muito influenciada pelas vivências na escola. Nesse ano, 1998, poucas pessoas, pelo menos do meu convívio, tinham contato ou tinham computador em casa. Depois do computador meu pai instalou internet, ainda discada, em casa, algo inovador para a época.

As aulas de Educação Física no Colégio Maria Júlia, desde a 5ª série, quando passei a ter professora formada na área, a Professora Luciana, se resumiam ao quarteto fantástico, futsal, vôlei, basquete e handebol, porém eu amava participar das aulas. Essa era e ainda é uma prática comum nas escolas brasileiras, como afirma Barroso (2020).

Na minha infância e adolescência, meus irmãos, Kamila e Paulo Henrique, e eu, fizemos aulas de natação no SESI em Goiânia. Lembro que, como nós morávamos longe, a minha mãe nos buscava na escola, levava nosso almoço e almoçávamos no carro esperando a aula de natação. Também fui uma criança e adolescente que gostava muito de dançar, creio que influenciada pela minha avó paterna, Sebastiana, que amava dançar. Lembro que ainda adolescente, aos finais de semana ia para o clube dançar, e quando fui ficando adulta as minhas saídas para lazer eram para dançar. Durante o segundo ano de faculdade, em 2002, fiz aulas de Dança de Salão, gostava muito de participar, era estagiária e acompanhava/ensinava quem não tinha par.

No ano 2000, concluí o Ensino Médio, fiz dois vestibulares para Educação Física, um na Universidade Federal de Goiás (UFG) e outro na Universidade Estadual de Goiás (UEG), passei para o curso de Educação Física na UFG e comecei a cursar em 2001, na época com 17 anos. Fui a primeira pessoa na minha família a entrar numa Faculdade Federal, o que foi motivo de muito orgulho para todos e foi mérito tanto meu, quanto da minha família, pelo apoio que sempre tive deles.

O Câmpus Samambaia, onde está localizado o Curso de Educação Física, fica bem afastado de onde morava, nessa época minha família mudou-se do bairro de periferia onde morávamos, o Parque Industrial João Bráz, para um bairro mais centralizado, o Jardim América, esse bairro foi onde meu pai e minha mãe cresceram e eles tinham muita vontade de voltar a morar lá.



Não ingressei na faculdade com a intenção de ser professora, porém o curso de Educação Física da UFG é mais direcionado para a formação de professores e as minhas escolhas me encaminharam para a docência, como afirma Josso (2007, p. 415)

a identidade deve ser concebida como processo permanente de identificação ou de diferenciação, de definição de si mesmo, através da nossa identidade evolutiva, um dos sinais emergentes de fatores socio-culturais visíveis da existencialidade.

No primeiro semestre do curso de Educação Física tive um choque de realidade, não me encontrava no curso, era tudo muito impalpável, precisava de guias, manuais, de técnica, por isso fiz vestibular na UEG para o curso de Biologia que funcionava em Anápolis/GO, uma cidade próxima à Goiânia. Passei e comecei a cursar os dois cursos no ano de 2002. Nesse ano acordava às 4h da manhã, pegava o ônibus, ia para Anápolis, terminava a aula, voltava de ônibus, descia no Terminal Praça da Bíblia, em Goiânia, pegava outro para o Campus Samambaia e ia para a aula do curso de Educação Física. Acabava a aula, ia para a aula de Dança de Salão e depois para casa, no outro dia a mesma rotina e aos finais de semana trabalhava no supermercado que a minha família tinha na época. No segundo semestre desse ano decidi cursar apenas Educação Física.

No segundo ano do curso de Educação Física, quando estudei, as disciplinas eram anuais. Desta forma, passei a gostar mais do curso. Considero que fui uma boa aluna, uma vez que era dedicada aos estudos, aos trabalhos e as pesquisas. Sempre que

era necessário eu ia para a faculdade no período da manhã para estudar e realizar os trabalhos propostos pelos professores. No terceiro ano fui estagiária de Ginástica Laboral pelo Serviço Social da Indústria (SESI) e trabalhava em algumas empresas em Goiânia e Aparecida de Goiânia.

No quarto ano e último ano do curso, passei na seleção para a monitoria da disciplina de Biomecânica, à época ministrada pelo professor Marcus Fraga, que também foi orientador no meu Trabalho de Conclusão de Curso. Neste ano tive a disciplina de Estágio monitorado, no qual realizei no Colégio Aplicação da UFG. Durante o estágio tive dificuldade em ter que falar muito alto, fato este que possuo até os dias de hoje na minha prática pedagógica. No entanto, o estágio ocorreu dentro das expectativas.

O tema do meu trabalho de conclusão de curso foi como a criança aprende uma brincadeira, sendo intitulado de “Aprender brincando: uma análise da aprendizagem motora infantil e dos aspectos biomecânicos do movimento de crianças durante o saltar corda”, além da análise biomecânica do movimento. Na pesquisa, analisamos, também, os aspectos sociais do brincar. Logo, desde a graduação, as infâncias, o brincar, as brincadeiras são temas que tenho interesse e estudo.

Em 2004, no final da graduação, comecei a trabalhar como professora contratada na Rede Estadual de Educação de Goiás. Nos anos de 2004 e 2005 lecionei em escolas da Rede Estadual de Goiás em Goiânia e em Aparecida de Goiânia. Em 2005, trabalhei também na Rede Municipal de Educação de Goiânia, no período noturno, trabalhando em duas esco-

las na Educação e Alfabetização de Jovens e Adultos (EAJA).

Neste ano, em 2005, fiz o concurso da Rede Municipal de Educação de Palmas, Tocantins, tomando posse em 2005. No ano seguinte, em janeiro de 2006, me casei e mudei, de forma definitiva, para Palmas. Na ocasião, meu marido estava terminando o curso de Ciências Sociais em Goiânia e por isso ele ficou na cidade e mudei sozinha. Nesta nova cidade tive as melhores oportunidades de trabalho tanto na perspectiva de condições/estrutura de trabalho quanto de salários. Nas escolas que atuei e atuo sou realizada, pois compreendo que na profissão que escolhi consigo participar da formação de muitas crianças, ao passo que me sinto acolhida no lugar que escolhi morar.

Desde a posse desempenho minhas atividades laborais com os anos iniciais do Ensino Fundamental. Adoro trabalhar com as crianças nessa etapa da Educação Básica e com a Unidade Temática, Brincadeiras e Jogos, tão presente e importante nas infâncias. Tal fato me faz querer aprender e estudar mais, pois sempre compreendi a importância de entender como funciona a brincadeira para a criança pré-escolar, dos 3 aos 6 ou 7 anos, a qual corroboro com o pensamento de Vigotsky (2008, p. 26).

é a realização de desejos, mas não de desejos isolados e sim de afetos generalizados. Na idade pré-escolar, a criança tem consciência de suas relações com os adultos, reage a eles com afeto, mas, diferentemente do que acontece na primeira infância, generaliza essas reações afetivas.

Minha primeira escola de lotação foi a Municipal Maria Rosa, no setor Maria Rosa, na região sul de

Palmas, trabalhei lá de dezembro de 2005 até maio de 2006. Tive muitas dificuldades de adaptação na minha mudança de Goiânia para Palmas. Não conhecia ninguém na cidade. Além disso, as dificuldades da profissão me eram latentes, uma vez que estagiar é bem diferente do que assumir a regência de uma turma. Atrelado a isso, tive muita dificuldade com a adaptação climática.

Na escola supracitada, tinha uma professora que morava em Taquaruçu e sugeriu-me conhecer o Distrito e pensar na possibilidade de mudança. Conheci o referido e gostei muito do mesmo. Em maio de 2006 solicitei minha remoção para a Escola Municipal Crispim Pereira Alencar, me mudando para o Distrito em junho de 2007. Desde então estou lotada na escola.

Não foi fácil mudar de uma cidade grande na qual vivi a maior parte da minha vida. Deixei toda a minha família para residir em um lugar desconhecido, com menos facilidades em relação a minha cidade natal, enfrentar as dificuldades da escola pública, uma realidade que não tinha conhecimento. Considero que fui muito resiliente, persistente, perseverante e, por inúmeras vezes, pensei em desistir e voltar para a minha cidade, porém fico feliz por não ter feito isso. Esse sentimento de retornar ainda existe, mas em menor intensidade, pois hoje me sinto mais ambientada e tendo estabelecido laços fortes de amizade que amenizam a vontade de voltar.

Quando cheguei na escola que trabalho, tive dificuldades em lidar com a concepção de Educação Física que fazia parte da cultura escolar. As aulas eram, na maioria, o famoso e famigerado “rola bola”,

um dos maiores problemas na Educação Física Escolar, como afirma González (2020). Em setembro de 2006, meu marido Antônio Chadud, que havia feito o mesmo concurso que eu, foi convocado e passou a lecionar, também Educação Física na mesma escola que eu. Juntos, mudamos a visão acerca da Educação Física naquele espaço. Confesso que ainda temos dificuldades na nossa prática pedagógica, assim como milhares de professores da rede pública municipal e estadual do nosso país, mas compreendo que, de certa forma, temos muitos avanços nas nossas aulas.

Desde a minha lotação trabalho com os anos iniciais do Ensino Fundamental. Compreendo que consigo desenvolver um bom trabalho com as crianças, porém reconheço que sou falha em alguns aspectos. No entanto, faço o meu melhor diariamente. Considero que sou uma boa ouvinte, porque reconheço que as crianças têm muito o quê falar, e, durante as minhas aulas, os diálogos sempre foram e estão presentes, afinal como diz Paulo Freire (2002, p. 78), uma educação libertadora tem como base a ação-reflexão mediadas pelo diálogo.

a existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modifica-lo. (...) Mas, se dizer uma palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. (...) O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronuncia-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu.

Em 2009 fiz o concurso da Rede Estadual de Educação do Tocantins, passei e assumi o cargo em outubro de 2010. Desde então lecionei em três escolas antes de chegar no espaço que estou hoje. Entre 2013 e 2021 trabalhei em uma escola rural, localizada em um assentamento próximo à Taquaruçu. Gostava muito de trabalhar naquele local. Sentia que conseguia fazer a diferença na vida dos estudantes. Atualmente trabalho no Colégio Estadual Duque de Caxias, também no mesmo Distrito, mas nessa escola leciono para as turmas do 2o e 3o anos do Ensino Médio.

Em janeiro de 2008 tive o meu primeiro filho, o João Pedro, hoje com 15 anos. Em junho de 2012 tive a Ana Cecília, hoje com 11 anos. Desde o nascimento de ambos fiquei muito envolvida com o processo de maternar, bem como minhas atividades pedagógicas. Porém, a vontade de cursar um mestrado sempre esteve comigo. As opções de mestrado em Educação Física, até 2021, eram distantes geograficamente, e infelizmente, a distância é um empecilho para mães de crianças pequenas.

Meu professor orientador na graduação foi o professor Marcus Fraga que, após o término do curso, insistiu para que eu continuasse a estudar com ele para tentar uma vaga no mestrado de Ciências da Saúde na UFG. Porém, como tinha passado no concurso em Palmas, preferi assumir a vaga e deixar o plano do mestrado para outro momento. Cursei especialização *latu-sensu* em Educação Física Escolar pela Faculdade Sudamérica.

A partir de 2020, a vontade de cursar um Mes-

trado ficou mais latente, já que meus filhos já estavam maiores. Passei então a cursar disciplinas como aluna especial no Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Tocantins (UFT), cursei duas disciplinas integralmente e na terceira percebi que seria difícil, eu, como professora de Educação Física, passar no processo seletivo desse mestrado e então desisti.

Tive conhecimento do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF)/UNESP em 2020 e desde então acompanhava as notícias sobre o programa, até que no fim de 2021 abriu o processo seletivo. Fiz a inscrição, passei, e hoje sou aluna do programa e, mais uma vez, sou a primeira da minha família a entrar para um mestrado, ainda mais em uma universidade pública. Uma conquista que me orgulha muito e inspira outras pessoas próximas.

Arelado a isso, tenho o mesmo entendimento que Folle e Nascimento (2008), os professores podem passar por etapas na carreira docente que vai da sobrevivência e descoberta da profissão, depois para a confiança e competência profissional e depois de muitos anos na sala de aula podem variar entre a serenidade e entusiasmo ou o cansaço e impaciência. Esse estudo se mostra interessante, pois percebi que já vivi esses momentos durante a minha trajetória na educação e considero que ainda estou na fase da serenidade e entusiasmo, razão talvez pela qual, mesmo depois de 19 anos de docência, ainda estou em busca de qualificação profissional e mais uma etapa se concretizando agora, com meu ingresso no Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional.

Tenho pretensão de estudar o brincar no Distrito de Taquaruçu, um tema relevante para a infância e presente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com o objetivo de mapear as brincadeiras do Distrito e a partir dos dados, registrar tais brincadeiras e criar um produto educacional com as brincadeiras mais citadas pelas crianças, que poderá auxiliar aos professores de Educação Física de Palmas. Esse estudo visa registrar a cultura do brincar no Distrito de Taquaruçu/Palmas, pois “cada cultura, em função de analogias que estabelece, vai construir uma esfera determinada (de maneira mais vaga que precisa) daquilo que numa determinada cultura é designável como jogo” (BROUGÈRE, 2019, p. 21).

Estou muito feliz em ser aluna do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF), é uma realização tanto profissional quanto pessoal que a Universidade Federal do Tocantins, Câmpus Miracema, e a UNESP estão proporcionando. Estou aprendendo e espero aprender muito mais durante esse percurso, ao passo de poder contribuir para o fortalecimento da Educação Física Escolar na cidade de Palmas e no estado do Tocantins.

No fim do mês de novembro de 2022, perdi minha mãe de forma muito inesperada. Uma doença autoimune reumatológica levou, de maneira muito rápida e sofrida, uma das pessoas mais importantes da minha vida. Uma mulher, mãe, esposa, avó, tia, amiga, saudável, forte, alegre, humilde, resiliente, que não poupava esforços ajudar quem dela precisava. A base da minha família.

Uma mãe que dedicou sua vida a cuidar dos seus quatro filhos, três mulheres e um homem. Que



ajudou a cuidar de seus quatro netos e que partiu de forma tão repentina. Ela deixa um vazio e uma saudade que não existem palavras para descrever. Uma perda que me tirou e me tira ainda do eixo, que me faz repensar a minha vida e da minha família e perceber que o tempo entre vida e morte é muito estreito e que fomenta em mim o desejo de reencontrá-la. É um amor que transcende a vida e a falta dela dói de uma forma que eu nunca pensei que poderia doer. A minha vida e dos meus é uma forma de honrar toda a dedicação dela por nós.

Recria tua vida, sempre, sempre.  
Remove pedras e planta roseiras e faz doces.  
Recomeça.

Cora Coralina<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup>CORALINA, Cora. Melhores poemas/Cora Coralina, seleção e apresentação Darcy França Denófrio. 2ª ed. São Paulo, Global, 2004.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. Ofício de Mestre. 2ª ed. Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 2000.

BARROSO, André Luis Ruggiero. Inquietações no tratamento do esporte na Educação Física Escolar. In: ALBUQUERQUE, Denise Ivana de Paula; DEL-MASSO, Maria Candida. Desafios da Educação Física escolar: temáticas da Formação em serviço no ProEF. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org). O brincar e suas teorias. 1ª ed. São Paulo, Cengage Learning. 2019.

FOLLE, Alexandra; NASCIMENTO, Juarez Vieira do. Estudos sobre desenvolvimento profissional: da escolha à ruptura da carreira docente. Revista da Educação Física/ UEM. V. 19, n. 4, 605-618, 4. Trim. 2008.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17ª ed. São Paulo, Paz e Terra, 1987.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Educação Física Escolar: entre o “rola bola” e a renovação pedagógica. In: ALBUQUERQUE, Denise Ivana de Paula; DEL-MASSO, Maria Candida. Desafios da Educação Física escolar: temáticas da Formação em serviço no ProEF. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. Educação, Porto

Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org). Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 14<sup>a</sup> ed. São Paulo, Cortez, 2011.

OLIVEIRA, Jaqueline Maria de. Custo-efetividade de políticas de redução do tamanho da classe e ampliação da jornada escolar: uma aplicação de estimadores de matching. 2008. Dissertação (Mestrado em Teoria Econômica) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Doi: 10.11606/D.12.2008.tde-14082008-094420. Acesso em: 2023-04-10.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Pessoais. Junho, 2008.

## **PARTE II**

**(MESTRANDOS DA 2 TURMA DO PROEF NA UFT)**



# **TECENDO SONHOS: UMA TRAJETÓRIA DE LUTA E SUPERAÇÃO NA EDUCAÇÃO**

**Elisabete Antônia Pereira Carneiro**

## **Trajétoria escolar: reviver as memórias**

Este texto é uma pesquisa de abordagem metodológica qualitativa, onde busco através das minhas experiências formativas apresentar um memorial descritivo com reflexões sobre os sentimentos que se revelam e a ligação com as escolhas realizadas na minha trajetória de vida pessoal, profissional e de formação.

Colocar no papel a própria história é revisitar memórias nem sempre tão boas, porém gosto de pensar que esse percurso que me trouxe até aqui me fortaleceu. Apesar das marcas deixadas, consigo enxergar que hoje tenho mais motivos para celebrar do que para lamentar.

Como assinala Novoa (1995, p.15), recolocar os professores no centro dos debates educativos e das problemáticas da investigação é importante e demonstra a relevância de se trabalhar com narrativas de professores em cursos de formação.

Assim, começo me apresentando: sou Elisabete Antonia Pereira, filha caçula de Dona Ozita e Seu Enio, e estes tiveram doze filhos. Eram cortadores de cana em Pernambuco, onde nasceram, mas foram para São Paulo por causa da seca que assolava o Nordeste da década de setenta. Chegaram no estado de São Paulo na cidade de Santo André, e tiveram

mais dois filhos. Eu nasci no dia 31/05/1973, diferença de um ano e quatro meses do meu irmão, isso quer dizer que até o aleitamento materno teve que ser dividido.

A essência de um homem de verdade,  
vem do pai pra formar um cidadão,  
vem da mãe pra lhe dar educação,  
e um menino vira homem caráter.  
Macho véi, com muita sinceridade,  
Eu lhe digo que aqui no meu sertão,  
caráter e honestidade são coisas de criação,  
tem família que sofre com sede e fome,  
sem dinheiro, sem luxo e sem “sobrenome”,  
12 filhos e nem um vira ladrão.

Bráulio Bessa

E como narra a poesia acima, apesar de todas as dificuldades, os 9 filhos sobreviventes tornaram-se cidadãos de bem. Meu pai, assim que chegou em SP, foi trabalhar na construção civil e viu que com seu porte pequeno e magro não conseguiria ficar naquele trabalho por muito tempo. Foi alfabetizado no curso chamado Mobral, um programa criado em 1970 pelo governo federal com objetivo de erradicar o analfabetismo do Brasil em dez anos. Arrumou um emprego como balconista de farmácia, onde ficou até se aposentar.

Minha mãe era retraída e com a cultura machista da época não aprendeu a escrever nem o próprio nome. Foi trabalhar como auxiliar de serviços gerais em fábricas da região. Como não sabia ler, de-

corava o desenho e a cor dos ônibus para chegar até o trabalho, sempre deu certo, e assim conseguiu sua aposentadoria aos 65 anos de idade. O objetivo da nossa família era lutar pela sobrevivência até a autossuficiência dos filhos e estes saírem de casa para casar-se.

Aos sete anos fui matriculada na primeira série da Escola Estadual Décio Machado Gaia, próxima a minha casa, e sempre gostei de frequentar essa escola. Minha primeira professora foi uma senhora muito brava chamada Dona Arlete, todos a temiam, ela tinha fama de bater nas crianças, e comigo não foi diferente, quando errava a leitura puxava meus cabelos.

Sempre tive que criar sonhos, imaginar e ser inventiva, buscava viver fora da realidade que me rodeava para ter fôlego de vida. Gostava de conversar com plantas e flores, animais e os ventos, criava brincadeiras e peças de teatros com os colegas da rua, e tentava fugir da vida a que estava destinada. O meu desejo era não ser como as pessoas que me rodeavam, porque a felicidade não era algo estampado no rosto delas, então estava sempre tentando ser diferente.

Meus irmãos mais velhos tiveram que abandonar a escola para ajudar também nas despesas da casa, e assim um a um chegavam até a quinta série e abandonavam a escola para trabalhar. Comigo e meu irmão foi diferente, frequentamos a escola para além da quinta série. Íamos para a escola em um período e no outro ficávamos livres para brincar na rua, as memórias desse tempo sempre foram de alegria.

Quando fui para a quinta série minha vida ga-



nhou novos ares, a Educação Física passou a fazer parte da grade curricular e boas memórias foram construídas a partir daquelas vivências. Eram aulas que aconteciam no contraturno da escola, o jogo de Basquetebol era a atividade principal, aliás foi o único jogo que a professora ensinou. Lembro-me até hoje o nome dela, professora Iracema, loura, magra, rude, exigente, mas ali eu me realizava.

Com um convite para treinar em um clube perto da escola, novos horizontes se abriram, conheci pessoas que tinham sonhos, via nelas a felicidade estampada no rosto. Assim, fui atleta desse clube, disputando campeonatos com carteirinha da Federação Paulista de Basquetebol por cinco anos. Me apaixonei pelo basquetebol, e todas as boas emoções que vivenciara até aquele momento vinham daqueles espaços, daquele ginásio, daquelas viagens e daquela convivência.

Como a vida é feita de ciclos, meu ciclo de atleta encerrava-se depois de 5 anos. Apesar do amor e das emoções boas que ainda emanavam daquele espaço, o talento não era suficiente para continuar sem a perspectiva de tirar dali o dinheiro para ajudar nas despesas da família. Fiquei por mais um ano estudando a noite, treinando a tarde e trabalhando no período matutino em uma loja de artesanato, tive meu primeiro registro em carteira profissional aos 14 anos.

As novas responsabilidades me fizeram amadurecer, o esporte que preenchia minha vida com boas emoções já não fazia parte da minha rotina. Os sonhos foram trocados por dura realidade de buscar um emprego.

## O caminho para a profissão

A escolha do curso técnico para estudar no ensino médio foi por influência de uma grande amiga, escolhi o Magistério. Eu não tinha certeza do que queria, mas entre já ter uma profissão e não ter, escolhi ter. A escola era pública, um pouco longe de casa e no período noturno.

Durante o curso comecei a procurar trabalho na área e minha primeira experiência na docência foi aos dezesseis anos com crianças bem pequenas, uma experiência que não tocava meu coração, mas tinha o salário, que era o meu objetivo.

No terceiro ano do curso de Magistério iniciei um estágio na secretaria de educação estadual da minha cidade, que durou dois anos. E aos meus dezessete anos entrava na sala de aula de uma escola pública, para substituir as professoras em turmas de primeiro ao quarto ano. Consegui me formar no curso de Magistério e me tornei a primeira integrante da família a terminar o ensino médio.

Pela incerteza financeira, sempre estava em busca de empregos melhores, e essa insegurança me acompanhou por muitos anos. Ainda assim fiz meu primeiro vestibular para o curso de pedagogia na Faculdade da cidade vizinha, mas não obtive êxito em ser aprovada.

Assim, me envolvi em outros projetos de vida, fiquei três anos em comunidades de jovens da igreja católica. Fui coordenadora e junto com outros jovens, sonhava em ver um mundo mais justo. Me identificava com a luta por melhores condições de vida daquela comunidade carente na qual estava inserida. No cur-

so de Magistério conheci Paulo Freire e a Pedagogia do Oprimido, facilmente fiz a ligação com a Teologia da Libertação, práxis da nossa realidade comunitária. Formei então um grupo de pessoas analfabetas para ensiná-las e destes alguns puderam ler suas primeiras palavras. Segundo Paulo Freire, é primordial provocar a reflexão nas pessoas, sem manipulá-las, acreditando que o pobre é o agente da sua própria libertação.

Apesar de achar que o Magistério tem essa função social que me afetava, queria me aproximar das emoções que sentia na época de atleta, queria estar na área da Educação Física. Prestei vestibular na Faculdade de Educação Física de Santo André, apesar de ser particular sempre foi muito bem-conceituada na região. E alguém pode perguntar: por que nunca realizou o vestibular das universidades públicas? Porque na minha cabeça era um sonho inalcançável, pessoas que estudavam nessas universidades eram pessoas de outro nível social, não faziam parte do meu rol de amizades. Fui aprovada nessa faculdade particular e outra saga se iniciava na minha vida.

## **A certeza de passos incertos no Ensino Superior**

Possuía o dinheiro para pagar a matrícula e a primeira mensalidade. Estava muito feliz por enfim frequentar uma faculdade no curso dos meus sonhos, vivia um dia de cada vez, a mensalidade do próximo mês deixava para me preocupar quando estivesse próximo a vencer.

Estudava no período matutino, não tinha oferta do curso à noite. Foi uma batalha árdua para pagar as

mensalidades em dia. Comecei a trabalhar em escolinhas de iniciação esportiva em basquetebol no clube que havia jogado, o salário era uma ajuda de custo, emprego ofertado pela minha primeira técnica chamada Soninha, que com mãos firmes sempre soube me acolher, deixo aqui o meu profundo agradecimento a essa mulher.

O sofrimento financeiro diminuiu um pouco quando consegui um financiamento do governo federal através do FIES, (Fundo de Financiamento Estudantil). Este fundo foi criado em 1999 para subsidiar as mensalidades em cursos de graduação para estudantes que estivessem regularmente matriculados em instituições privadas de educação superior, existente até hoje. Também trabalhei na Prefeitura da Cidade de Santo André como estagiária na área do Lazer principalmente nos finais de semana, o que também contribuiu para ajudar as despesas financeiras da época.

Não posso dizer que a minha graduação foi prazerosa, apesar de ser o curso dos meus sonhos, por muitas vezes pensava em desistir. Não tinha a cultura do estudo acadêmico, as aulas na escola pública foram muito aquém da qualidade de uma boa escola, a minha base era deficitária. Sempre tive que me esforçar ao máximo nas disciplinas teóricas para alcançar a média, já nas disciplinas práticas me saía bem melhor, principalmente as disciplinas que envolviam bolas e corridas.

Um fato que me marcou durante a graduação foi a doença e morte da minha mãe, meu chão ali se abriu. Afinal, era nela que me apoiava com seu exemplo de mulher guerreira e cuidadosa com os filhos, e a

vontade de desistir da faculdade só aumentava, mas sentia vergonha do que as pessoas iriam dizer sobre aquela garota que queria trilhar caminhos diferentes para chegar a lugares melhores, e então continuei. E no último ano da faculdade houve a morte do meu pai, sofri também, porém menos que quando perdi minha mãe, e agora faltava bem pouco tempo para me formar, não podia desistir.

Foram quatro anos, mas pareceu muito mais pela quantidade de marcas que deixou na minha vida. Porém, a partir daquele momento me tornava licenciada plena em Educação Física, e na teoria tudo seria diferente. Triste ilusão a minha, São Paulo tem muitas oportunidades, mas também muita concorrência. A perspectiva era de vida melhor, mas as coisas só pioravam. tive que me apegar a fé e pensar que aquela fase um dia iria passar, e passou.

## **O tempo da colheita**

A caminhada, apesar de árdua, também teve flores e bons encontros. Um deles foi com uma colega que trabalha em uma fundação educacional. Me ofereceu a oportunidade de participar de uma seleção para o cargo de professora de educação física para lecionar em uma escola da Fundação Bradesco no Tocantins. As condições eram ótimas, com lugar para morar, com bom salário e possibilidade de poucos gastos. Era uma escola internato para alunos e funcionários. A segurança financeira que sempre almejei enfim se aproximava.

Junto com as boas condições financeiras vinha junto a possibilidade de trabalhar com crianças em

vulnerabilidade social, estava feliz com a oportunidade de continuar a trilhar esse caminho.

Foram cinco anos de trabalho na cidade de Formoso do Araguaia, na Fazenda Canuanã, lugar que guardo boas memórias pessoais e profissionais. Enfim pude exercer a profissão que faz meu coração bater mais forte, a educação física escolar.

Depois de cinco anos, por razões pessoais, pedi para me desligar e acompanhar meu marido, sim, nesse tempo também me casei. A Fundação Bradesco, além de me proporcionar um bom emprego, também proporcionou conhecer meu marido oriundo do Distrito Federal para ali lecionar. Tivemos duas filhas, Bruna e Bianca. Fixamos residência em Palmas e por dois anos fiquei afastada das salas de aulas para cuidar das filhas. Em 2010 surgiu a oportunidade de fazer o concurso da educação para provimento do cargo de professora de Educação Física, obtive êxito e estou até hoje. Mas não pensem que foi simples a minha vida a partir daquele momento.

Ao tomar posse, havia algumas opções de escolas, escolhi ficar perto de casa nos Centros de Educação Infantil. Nunca havia lecionado para esse público, também não tive aulas na graduação sobre educação infantil, mas como já tinha uma experiência na escola pensei que daria certo.

Nas aulas com a Educação Infantil, o que eu levava agradava por pouco tempo, e logo as crianças perdiam o interesse pela aula. Teve um dia que foi inesquecível para mim, as crianças preferiram olhar uma lagartixa andando na parede do que prestar atenção na minha proposta de aula, terminei o dia com um sentimento de incapacidade.

Decidi que não queria mais ficar na Educação Infantil, mas não podia renunciar ao concurso público. Porém, como estava no estágio probatório, nada poderia ser feito para me ajudar. Saí de lá arrasada, pensando qual seria a melhor solução para aquele problema. Resolvi então me reinventar, ser a melhor professora que eu pudesse para prender a atenção daquelas crianças. O ato de planejar minhas aulas no presente sempre me faz refletir sobre essa história, o que Josso (2010) denominou como aprendizagem experimental.

Passaram-se treze anos e por livre escolha ainda estou lecionando na educação infantil na rede municipal. Fui convidada por duas vezes para dar formação sobre Contextos do brincar na Educação Infantil para os professores da rede. Apresentei trabalhos em congressos no ano de 2014, 2022 e 2023 com experiências do brincar no cotidiano da Educação Infantil.

Hoje tenho duas especializações, Gestão Escolar em 2011 pela Universidade Federal de Santa Maria, aqui enfim realizei o sonho de estudar em uma universidade federal pública, e a outra em Educação Especial com Ênfase em estimulação precoce em 2014 pela FACEL.

Particpei de dois projetos de livros, um foi o resultado do curso de 180 horas que fiz em 2020 com o título: Psicomotricidade e Desenvolvimento Humano, onde colaborei com a escrita de brincadeiras que fazem parte da minha rotina docente na Educação Infantil, e o último em 2022 que traz o título “Brincar: conceitos, diálogos e experiências” uma coletânea de vários trabalhos e eu apresento um capítulo com o título “O poder da música nas brincadeiras para cativar

as crianças pequenas”.

Com a escrita dos livros, me senti instigada a pesquisar e me embasar dos conceitos teóricos da Educação Física escolar. Já havia tentado ingressar por duas vezes em anos anteriores (2014 e 2021) no Mestrado em Educação da UFT, mas sem sucesso. Entretanto, o desejo ainda latente de me aperfeiçoar sempre me fez tentar mais uma vez, porém, agora no profissional. Fiz a prova da UNESP em 2022, bati na trave e não fui selecionada dentro das vagas disponíveis, em 2023 tentei novamente, mas desta vez estudei mais e para minha felicidade consegui ingressar.

Minha dissertação será sobre os ambientes e os processos de facilitação do desenvolvimento infantil. Acredito na importância do movimento no desenvolvimento das crianças dentro das instituições de educação infantil, e nem sempre o mover-se corporal é facilitado naquele meio ambiente. Quero investigar essa realidade e propor alternativas para facilitar esse processo.

Acredito que consegui alcançar o objetivo de relatar minha trajetória de vida acadêmica, pessoal e profissional, revelando que a educação está envolvida na minha história desde muito cedo e a Educação Física é minha melhor parte, aquela que me faz sorrir e me emocionar.



## REFERÊNCIAS

Vintém de cobre: Meias confissões de Aninha. São Paulo: Global Editora, 1997.

ANDRÉ, Marli. Memorial, instrumento de investigação do processo de constituição da identidade docente. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 14, n. 40, p. 287-299, maio/ago. 2009.

Cândido, J., Nóbrega, S., Gomes Bezerra, C., Matos, M., Silva, F., Félix, I. C., Gonçalves Da, V., Neto, S., João, E., & Borges De Queiroz, P. (n.d.). China: desenvolvimento e oportunidades A Teologia da libertação embutida no pensamento de Leonardo Boff: Uma iluminação para as Comunidades Eclesiais de Base. Pombal-PB. <http://www.gvaa.com.br/revista/index.php/RBFH>

Stefanie de Lima, D., & José de, A. (n.d.). IMPORTÂNCIA DO MEMORIAL DE FORMAÇÃO ENQUANTO ESTRATÉGIA DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL NO PROJETO VEREDAS.

De, L., Pereira, A., Oliveira Da Silva, F., Maycon, C., & Mota, A. (n.d.). REFLEXÕES DE SI: EXPERIÊNCIAS DE ESCRITA DO MEMORIAL DE FORMAÇÃO. Rev. Educ., Cult. Soc, 2, 510–521.

## **DESAFIOS E DESCOBERTAS: REFLEXÕES DE UMA CARREIRA DOCENTE**

**Francisco Flávio Sales Galdino**

O conhecimento de si nos possibilita uma forma bastante peculiar de refletir sobre o fazer pedagógico, revelando os motivos e acontecimentos que nos levaram a trilhar o caminho da docência. Este exercício permite ao professor formas de rever sua prática, buscando meios para aprimorá-la (Pereira; Silva; Mota, 2018).

Dessa forma, os acontecimentos transpostos para um memorial permitem acessar aquelas lembranças que estão armazenadas em nosso imaginário, especialmente as da infância, evidenciadas na escola, nos jogos e brincadeiras com os demais colegas, os sentimentos, alegrias, os desafios, as frustrações. Estes aspectos são imbuídos de aprendizagens, e por isso sinalizam os elementos que apontam para a trajetória pessoal e profissional do indivíduo (Pereira; Silva; Mota, 2018).

A partir deste cenário, gostaria de iniciar este memorial falando brevemente sobre a minha relação com os jogos e brincadeiras, pois acredito que estes elementos fizeram parte da maioria das crianças e adolescentes de minha geração, e em meu caso, elas transitaram entre o espaço da escola e da rua de minha casa. Vale ressaltar que faço parte daqueles que nasceram na década de 1990, sendo mais preciso, nasci em 15/08/1990. Assim, a maioria das formas de entretenimento acessíveis na época estavam relacionadas a atividades corporais e menos tecnológicas

como é característica da sociedade contemporânea.

Não sei se é um problema pessoal ou se acontece com outras pessoas, mas só consigo lembrar de acontecimentos ocorridos após meus oito anos de idade. Fatos anteriores a esta idade, tenho poucas lembranças, fazendo sempre a associação de acontecimento-idade juntamente com as séries escolares ao qual eu cursei.

Nesta idade, lembro que minha mãe me matriculou em um externato, colégio de Freiras da minha cidade. Parte que considero bastante relevante em minha vida, pois várias vivências corporais, algumas positivas e outras nem tanto, se fizeram presente neste contexto.

A referida escola possuía uma excelente estrutura, ginásio, auditório, salas com ventiladores “funcionais”, realidade muito distante da escola a qual pertencia anteriormente. Lembro da ansiedade que a turma estava para o início das aulas de Educação Física, pois na escola anterior não tínhamos esta vivência, então a euforia era grande. Quando finalmente chegou o dia, a professora acabou levando a turma para um bosque que ficava ao lado das salas e não para o ginásio como esperávamos.

Situação frustrante e justificada pela professora pelo fato de pertencermos ao turno da tarde, assim, não poderíamos ir naquele espaço semanalmente, pois ocorriam atividades no contraturno dos discentes que estudavam no período matutino. Não demorou muito para entendermos a situação discriminatória que se instalava, o turno da manhã funcionava totalmente particular, os discentes pertencentes ao período vespertino pagavam apenas metade do valor,

eram bolsistas.

Durante todo o período em que se deu a segunda série, época que ingressei na referida escola, não recorro de atividades realizadas na quadra, as aulas ocorreram exclusivamente no espaço lateral das salas da escola, o “bosque”. O bosque era um local arborizado com pedras gigantes, provavelmente em outros tempos pertencia ao próprio rio, localizado em frente à escola.

No espaço do bosque, a professora realizava algumas brincadeiras, piques, queimada, e o futebol, prática comum das aulas bastante aguardado pelos alunos. Como sempre fui um aluno um pouco tímido, participava apenas de algumas brincadeiras, na época era péssimo em jogar futebol, então preferia não participar para não ficar constrangido.

Este lado mais “caladão” dava lugar a uma criança mais interativa nas diversas atividades ocorridas no bairro onde morava. Neste espaço, me sentia mais à vontade e participava de várias brincadeiras, inclusive o futebol. Lembro que tínhamos uma época definida para os diversos jogos e brincadeiras. A Pipa, por exemplo, era uma atividade que iniciava por volta da segunda quinzena do mês de junho e se estendia por todo o mês de julho. Hoje em dia percebo que as crianças praticam mais por volta do inverno, fevereiro e março.

Outra atividade comum pertencente à minha infância e que tinha um período específico de prática era o “fura”. O fura era um pedaço de raio de bicicleta inserido num pequeno pedaço de cabo de vassoura ou outra madeira. A brincadeira geralmente realizava-se em duplas e consistia em ir fazendo linhas à medi-

da que o jogador conseguia fixar o fura no chão, tentando “cercar” a linha do adversário, de maneira que não fosse mais possível ele conseguir sair. O jogador que conseguisse esse feito, se tornava campeão. Geralmente o período destinado a esta prática eram as férias do final do ano, ou seja, no inverno.

No período do inverno também jogávamos um outro tipo de fura. Este era similar àqueles objetos utilizados em tiro ao alvo, com penas presas à parte do fundo e uma ponta afinada na ponta, que poderia ser o próprio “raio” de bicicleta. O objetivo era fazê-los fixar em árvores.

Outras práticas se estendiam por todo o ano, como o próprio futebol, a queimada, polícia-ladrão, caminho para o “inverno”, rei, peteca, banana e carasco, entre outras. Minha infância, especialmente a que se deu com os meus colegas de bairro, foi muito rica no universo dos jogos e brincadeiras.

Voltando a relatar sobre as atividades corporais vivenciadas no espaço da escola, de forma geral elas não se davam, até então, de maneira divertida, assim como com os colegas de bairro. Ainda na segunda série, por volta da metade de 1998, surgiu a notícia de que haveria um torneio intercalasse, e rapidamente criou-se um alvoroço entre os alunos para definir os integrantes que iriam participar dos jogos. Lembro que na ocasião haveria duas modalidades, queimada e futebol, e logicamente pensei em participar da queimada, haja vista não ficar muito à vontade em jogar com os colegas de turma.

A professora da turma deixou a escolha dos times que iriam representar a turma a cargo de alguns alunos, estes estipularam um dia ao qual fariam uma

seletiva. Nunca gostei de faltar às aulas, pois a ideia de não ir representava em minha mente que perderia algo importante e posteriormente talvez não conseguisse recuperar. E caso reprovasse, poderia ter algum tipo de problema em casa, pois mesmo sendo conveniado, o valor era bastante expressivo para as condições de minha família na época. Em casa, éramos três filhos, sendo todos os três matriculados nesta unidade de ensino, então médias “vermelhas” e principalmente reprovação, não eram bem-vistas por meus pais.

No entanto, a falta de “habilidade” no futebol/futsal na época fez com que no dia específico da seletiva eu não participasse da aula, conseqüentemente da equipe que iria representar a turma. Esse fato representa para Darido, Gonzales e Ginciene (2018, p. 109) uma forma de “evitar situações em que essas dificuldades fiquem expostas e se convertam em motivo de constrangimento”. Isto se traduz na exclusão de diversos alunos quando seu baixo repertório motor é posto em evidência nas aulas de Educação Física. Este ocorrido representa uma das primeiras frustrações vivenciadas por mim na escola e relacionadas ao universo das práticas corporais, mesmo dentro de sala sendo um aluno dedicado com os trabalhos escolares.

Esta dificuldade de interação no ambiente escolar, especialmente em atividades práticas das aulas de Educação Física me acompanharam por boa parte dessa trajetória. Lembro de na quarta série também ter ocorrido um outro interclasse, e acabei utilizando a mesma estratégia, de faltar aula no dia da escolha dos alunos que iriam representar a sala. Na ocasião,

a frustração foi um pouco pior, pois meu irmão mais novo, que nem gostava de futebol/futsal, iria participar, assim, meu pai também iria assistir aos jogos.

O time de minha sala (4ª série vespertino) enfrentou a 4ª série matutina. Recordo-me que logo no início do jogo, meu pai olhou para mim e perguntou-me por qual motivo eu não estava participando da equipe, meio sem jeito, relatei a ele que no dia da escolha havia faltado a aula por estar com dor de barriga. Certamente estava mentindo, não participei por sentir medo dos comentários dos demais caso não me saísse bem durante o jogo. Isto acabou me livrando de um constrangimento ainda maior, pois a equipe adversária era muito boa, eles jogavam em forma de rodízio e tinham jogadores muito habilidosos. O resultado foi uma goleada sofrida pelo time da minha turma.

Sentia que precisava interagir mais nestes momentos de vivências corporais, pois como já relatei, socializava bastante com os colegas de minha rua. Foi então que, numa certa aula de Educação Física realizada no bosque, ainda faltava um menino para “formar” as duas equipes necessárias para que ocorresse o jogo, assim, os colegas de turma insistiram para que me integrasse a uma das equipes. Inicialmente fiquei receoso, mas acabei aceitando. Fui muito bem na partida, marcando até gols, este fato representou uma virada de chave referente à minha participação e interação nas aulas, principalmente as de Educação Física.

Meu desempenho naquele jogo me deu confiança para socializar nos momentos de prática de futebol nas aulas, meus colegas de turma naturalmente já

me chamavam para compor os times. O fato de jogar o futebol/futsal passou a representar a partir daquela aula o principal meio de fazer amizades. Pelo restante da 4ª série, participei ativamente dos momentos de futebol/futsal.

Na quinta série, as aulas de Educação Física eram feitas de maneira integrada, 5ª, 6ª e 7ª série. Se davam de modo essencialmente prático e realizadas em horários distintos, ou seja, havia um horário definido para aulas dos meninos e outro para as meninas. O que na concepção de Júnior (2020, p. 155), é uma das problemáticas que afetam as aulas de educação física, e estão ancoradas no “paradigma biológico, que estabelece a transição entre infância e puberdade, como determinante para as transformações físicas que distanciam os corpos [...]”, separando as aulas de acordo com o gênero.

Nestas aulas percebi o outro lado da moeda, pois jogava constantemente com os demais meninos que gostavam do futebol, esta era a única prática neste período ministrada pela professora, ou seja, como lembrou Gonzáles (2020), uma “rola a bola”, uma vez que após a docente distribuir o material de jogo, permanecia sentada até o término da aula realizando algumas anotações, os próprios alunos é quem formavam os times. Aqueles que, como eu no passado, não gostavam ou não se sentiam confortáveis em jogar futebol/futsal, ficavam sentados na arquibancada para receberem a frequência.

Ainda que tenha sido uma prática excludente, representou para mim na época uma perspectiva de vida, essa relação com o futebol/futsal me motivou a almejar aquela prática como uma possível profissão.



Especialmente naquele ano, por volta de 2002, após a conquista do torneio interclasse contra a equipe do 1º ano do ensino médio.

O destaque neste evento possibilitou minha inserção na seleção de Futsal da escola. Isto representou uma conquista significativa em minha vida, pois até então, não conhecia nenhum aluno da tarde que pertencia a esta seleção, em sua grande maioria eram os alunos do turno da manhã que compunham esse grupo. Neste ambiente, pude participar de diversos amistosos e torneios estudantis, conquistando algumas medalhas e troféus.

Durante os treinos da seleção da escola, um ponto me deixava bastante chateado, as atividades deste grupo ocorriam duas vezes por semana, todas as segunda e quinta-feira pela parte da manhã. A minha casa localizava-se um pouco longe da escola, cerca de 2km de distância, e como não possuíamos bicicleta, além de ir para o treino pela parte da manhã, deveria voltar para casa, tomar banho, almoçar e retornar para a escola.

Estas atividades eu realizava sem problemas, porém, geralmente o professor faltava às segundas, o motivo era que o docente tinha problemas com bebidas alcoólicas e não aparecia nestes dias. Isto me deixava bastante triste, ao ponto de prometer para mim mesmo que se algum dia eu fosse um professor de Educação Física ou mesmo um treinador, evitaria ao máximo faltar ao compromisso, à medida que estas atividades geralmente são as que mais atraem os interesses dos alunos.

Esta falta de responsabilidade do professor, somado ao interesse na prática do futebol, considero

como os fatores que também provocaram em mim o desejo de seguir na área. Desta forma, além do interesse pela prática esportiva, que se estendeu durante os anos finais do ensino fundamental e ensino médio, minha trajetória na educação básica também foi marcada pela dedicação aos estudos, assim, me orgulho de nunca ter tido a necessidade de fazer provas de recuperação, ou algo do tipo.

Sempre tive bem claro em minha mente, que caso não surgisse alguma oportunidade de seguir carreira no meio esportivo, o conhecimento oportunizado na escola é que me permitiria a mudança de realidade.

Dentro deste contexto, para muitos jovens da minha época não só o esporte, mas a educação era concebida como uma ferramenta de transformação social. Assim, externo aqui o meu entendimento referente à função social da escola apoiado na perspectiva de (Freire, 2006 apud Nunes, 2017, p. 355), quando diz que a educação “[...] é um processo que potencializa o exercício da cidadania de homens e de mulheres que tem consciência crítica, tem voz e constroem/transformam o mundo em que vivem.”

A tomada de decisão sobre a educação como caminho a ser trilhado ocorreu mediante a aproximação do último semestre do terceiro ano do ensino médio, em 2008. Neste período, me deparei com uma dúvida que afeta grande parte dos jovens desta idade: não saber qual curso escolher no vestibular. Na ocasião já estava com 18 anos, e a ideia do futebol como uma profissão infelizmente não tinha vingado, as possibilidades de ascensão para adolescentes e jovens da região norte através do esporte, em sua

maioria eram bastante escassas, por isso considerei a possibilidade de ingressar em algum curso superior.

Naquela época, não tínhamos a quantidade de informações disponíveis atualmente, a maioria dos estudantes que prestavam vestibular em minha cidade direcionavam suas notas para cursos de licenciatura. Foi então que refleti sobre as práticas corporais que me acompanharam no decorrer do tempo, a relação entre a paixão pelo futsal e o interesse pelo estudo me levou a considerar a profissão de Educação Física como uma escolha natural. Percebi que poderia unir minha paixão pelo esporte à minha vontade de adquirir conhecimento, transformando essa combinação em uma carreira profissional.

Minha jornada acadêmica se iniciou em 2009 na Universidade do Estado do Pará, campus VII. Pela primeira vez fiquei longe de minha família, a ida para Conceição do Araguaia/PA representou uma mudança por completo em minha vida, o clima, cultura, o estudo, as pessoas com quem, a partir daquele momento, eu deveria me relacionar, todos esses pontos demandaram muita persistência e força de vontade para alcançar os meus objetivos iniciais: ter algo que futuramente possibilitasse minha liberdade financeira. Conforme Dile (2017 apud Pereira; Silva; Mota, 2018), o curso universitário não se esgota no simples fato de prestar um concurso público, mas abrange o fato de conhecer o desconhecido, gente nova, novas experiências.

Pouco a pouco a ideia de gerar renda praticando o futebol deu lugar a perspectiva de ensinar os demais com práticas corporais. Em meio ao cenário universitário, tive a oportunidade de ampliar minha vi-

são de mundo e traçar novos objetivos para a minha vida. O conhecimento adquirido e vontade de aprender mais me fizeram ficar bastante tentado em pesquisar, participar de eventos, publicar artigos. Porém, nesse período a Universidade do Estado do Pará (UEPA) não dispunha de professores com esse perfil, nem grupos de estudo, e os eventos promovidos pelo campus eram bastante escassos. Até ocorreram alguns seletivos para a possibilidade de bolsas, mas os alunos que ingressavam ficavam mais restritos a elaboração de relatórios e fichamentos.

Por volta de 2011 o campus conseguiu concluir a obra de uma piscina no campus, e haveria a inclusão de um projeto de extensão destinado a crianças de 6 aos 13 anos de idade, objetivando ensinar técnicas iniciais para o desenvolvimento do nado. Inicialmente a professora inaugurou o projeto com apenas um aluno bolsista. Em busca de novas aprendizagens, e ainda conseguir carga horária para o cumprimento de créditos, contatei a professora responsável para a possibilidade da participação como voluntário.

Com o aval da docente, ingressei no projeto, espaço que frequentei por cerca de dois anos, experiência muito enriquecedora e bastante divertida. Já para o final do curso, em 2012/2013, ainda tinha latente a vontade de publicar artigos em revistas, pois entendia que isso é que deveríamos fazer ali, foi então que fiz alguns ajustes em um trabalho de disciplina realizado em grupo e mandei para uma revista, EFdeportes. Lembro de pesquisar no google pelo nome de um professor que havia ministrado a disciplina de anatomia, ter percebido que ele tinha trabalhos na referida revista, alguns com os alunos do campus de Altamira/

PA, esse foi o motivo que me fez inteirar sobre as normas exigidas e enviar o trabalho.

Passados cerca de dois meses, percebi que a revista havia publicado o artigo, momento de muita felicidade, pois sem a orientação de um professor havíamos conseguido êxito no artigo. Esse feito me fez querer construir mais trabalhos, consegui a publicação de mais cinco até o final do curso, mas uma coisa me chamou a atenção. No último trabalho, resolvi enviar para outra revista (*Pensar a Prática*), passados dois meses a revista mandou o retorno por e-mail informando que o trabalho não havia sido aceito, e fiquei me indagando o motivo do ocorrido, buscando sobre normas e aceitabilidade ou não de artigos, encontrei uma tabela que dispunha de diversas revistas e a classificação delas, e o nível exigido para a revista a qual eu tinha alguns artigos era bastante baixo, esse fato me deixou um pouco cabisbaixo.

Já no período de defesa do TCC me dediquei o máximo para tentar publicá-lo, o que se concretizou tempos depois, este último em uma revista mais conceituada em relação a outra. Além dos elementos listados, busquei constantemente me atualizar por meio da participação em congressos e eventos acadêmicos de outras instituições, ainda que as questões financeiras e de locomoção limitassem essas ações. Concluí minha graduação com êxito em 2013, obtendo o diploma de Licenciatura em Educação Física, o que reforçou minha determinação e paixão pela constante atualização profissional.

Após a conclusão da graduação, iniciei minha carreira profissional em 2013, com um contrato de 100 horas no município de Ipixuna do Pará. No mes-

mo ano consegui a aprovação no concurso público para o provimento de cargos efetivos no município de Viseu/PA, local onde me encontro em exercício, sendo minha carga horária concentrada especificamente na Vila intitulada Fernandes Belo.

A fim de manter viva a busca pelo aperfeiçoamento, iniciei um projeto de pós-graduação em 2015, com especialização em Fisiologia do Exercício, o qual acabei concluindo no mesmo ano. Esta era uma área que me interessava bastante, desde o período da graduação, por isso o motivo de meu interesse, mesmo não conseguindo aplicar como gostaria, em âmbito escolar, esse conhecimento adquirido. Por volta do ano de 2016 também consegui aprovação em outro município, Cachoeira do Piriá/PA, município ao qual me encontro de licença devido à demanda de estudos.

Durante esses 10 anos de atuação docente nesses municípios, tive a oportunidade de desenvolver habilidades que a vida acadêmica não me ensinou, como, por exemplo, o trabalho em equipe com demais professores na execução de projetos escolares, ou mesmo atividades relativamente fáceis como o simples fato de montar o horário de aula ou mesmo preencher uma caderneta, aspectos que a primeira vista parecem coisas “bobas”, mas que, acredito eu, inicialmente pode se mostrar como algo bastante trabalhoso para um docente recentemente formado. Além disso, o chão da quadra me fez sentir na pele as principais dificuldades que assolam as escolas brasileiras, e acabam dificultando o desenvolvimento de uma prática educativa mais potencializadora. Problemas relacionados à falta de estrutura, materiais para

a prática, dificuldade na inclusão de alunos com necessidades especiais, formação continuada, se evidenciam como grandes empecilhos para o fazer pedagógico dos professores no geral.

Os problemas listados acima fizeram com que a minha prática docente fosse baseada principalmente no ato de “adaptar”, adaptar espaços, os materiais, muitas vezes não sentindo, através da observação dos alunos, que as atividades desenvolvidas atendiam às expectativas propostas. Confesso que esse fato por vezes me causou desânimo, estresse, falta de criatividade.

Esse conjunto de fatores, somado ao desinteresse dos alunos por atividades que não fosse o futebol, fez com que eu ficasse, pelo menos um ano, com uma vontade imensa de mudar de profissão, pois já não planejava corretamente as aulas, já não estudava. Esse sentimento ocorreu por volta de 2018, e se estendeu até início de 2019.

Com a chegada da pandemia em 2019, as aulas foram suspensas totalmente, pois na escola na qual trabalho com os anos iniciais do ensino fundamental, EMEFM Fernandes Belo, a maioria dos alunos não dispunha de acesso à internet na ocasião, impedindo assim que as aulas continuassem de forma on-line. O fato de ficar em casa me proporcionou diversos momentos de reflexão sobre diversas coisas, minha vida, a vida das pessoas que fazem parte de meu contexto, do meu trabalho, e o que eu iria fazer depois que tudo aquilo terminasse.

Nesses momentos, alternava as reflexões com atividades de passatempo, e isso era o que eu desejava literalmente, que o tempo passasse. Dentre

essas atividades, assistir series, jogar videogame e ler “coisas” era o que mais fazia. As leituras foram pouco a pouco reativando o sentimento de busca de conhecimento, a vontade de aprender. Foi então que decidi fazer uma nova especialização ou mesmo um mestrado, pois já que tinha me formado para ser professor. Voltei a perceber que deveria desempenhar meu papel corretamente, e certamente esse processo passava por uma nova qualificação. Nas palavras de Pereira, Silva e Mota (2028, p.516),

Há um notório privilégio das situações em que a qualificação está sempre associada a um curso de formação universitária. Isso demonstra que a reflexão de si e de seu processo formativo levam em consideração o fato de que a docência não se constitui pelo simples desejo ou paixão pela profissão.

Foi na busca por cursos de pós-graduação que encontrei o PROEF. Assim, em 2023, decidi embarcar em mais uma jornada de formação profissional, ingressando no Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional, o Proef. Esse programa representou uma oportunidade de ressignificar a minha prática docente, além de me tirar daquela fase de “crise” de profissão. Tem proporcionado, através das disciplinas até então presenciadas, bem como do contato com os docentes e discentes que compõem o curso, experiências que tem certamente contribuído para o aperfeiçoamento de meu exercício na área.

Está nova fase representada pelo ingresso no mestrado tem apresentado alguns desafios, como a necessidade de uma jornada dupla, conciliando a vida profissional com a acadêmica, o deslocamento para



as aulas presenciais, as demandas de casa, entre outras. Contudo, todas as vitórias que obtive nestes anos são por meio de muitas batalhas, mas no final sempre valeram a pena. Tenho certeza de que este processo me tornará um profissional melhor, como já tem feito. Assim, este pequeno recorte de minha trajetória em forma de memorial trouxe à tona momentos, pensamentos, e especialmente os sonhos, muitos realizados e outros que ficaram pelo caminho, ou mesmo foram ressignificados.

De certo, não pretendo parar por aqui, a vida é curta e devemos viver/aproveitar cada oportunidade, sempre tentando ser um profissional melhor, uma pessoa melhor, isso faz toda diferença, em outras palavras “[...] cheguei à seguinte conclusão: não adianta consertar o resto, consertar a gente ajuda para caramba!” (Que país é este, 1987).



QUE país é este. Intérprete: Renato Russo. Compositor: Renato Russo. In: COMO É que se diz eu te amo. Intérprete: Renato Russo. Rio de Janeiro: EMI Odeon, 1987. (5:36). Disponível em: <https://open.spotify.com/track/29zkA5RAXSVd6cZ0Mjkw4W?si=4twfEC-dyQGyA1h6aelp7Ww>. Acesso em: 4 nov. 2023.

## RE-VI-(VENDO) MEMÓRIAS

**Heliane de Nazaré Carvalho Pereira**

Narrar minha trajetória acadêmica sugere uma visita não apenas nas minhas experiências e vivências do passado, mas entender a partir de quando me reconheci como ser humano. Ao apresentar meu memorial descritivo, sou provocada a entender por meio das lembranças que guardei em todo o meu processo de construção enquanto estudante, e posteriormente como agente das minhas conquistas.

[...] os memoriais permitiram conhecer o ponto de vista crítico e metateórico do pesquisador ao analisar seu próprio percurso de formação e produção acadêmica ao longo dos anos dedicados à atuação ou pesquisa na área da educação, explicitando aspectos que a leitura direta de textos dispersos dos pensadores nem sempre revela. (REGO, 2014, p. 783).

“Eu espero que quando a morte me encontrar, ela me encontre viva”, parafraseando esse provérbio africano que nesse momento me apresento e me reapresento diante dessa narrativa. Entendo que viver é estar ativo, é produzir, vivenciar e experimentar. Por meio dessas reflexões trago as minhas primeiras influências, do início da minha trajetória escolar e do meu sentimento diante da importância da educação, bem como o impacto emocional da ausência de referências acadêmicas e do afastamento dos estudos formais por parte dos meus familiares.

ROSA, Guimarães (1998) “De tudo não falo” [...]. Nasci em 1976 em Belém do Pará, década de transição do regime militar que ainda ressoava fortemente

na educação das famílias e nas unidades escolares do meu estado. Este regime refletiu principalmente no ensino das escolas públicas e conseqüentemente em metodologias tradicionais que foi a base da minha formação. A partir da década de 80, quando comecei os primeiros passos no meu processo de escolarização, minhas primeiras lembranças no que diz respeito a importância da educação foram as falas de minha avó materna, Fortunata da Mota Carvalho, com quem convivi boa parte da minha vida. Sem dúvidas atribuo a ela minha primeira inspiração acadêmica, pois partia dos seus relatos, de seu desejo de ver “algum filho formado”, sonho este que acabou não acontecendo.

No entanto, inevitavelmente pela convivência que tive com meus parentes sempre muito próxima, este sonho foi transferido às suas netas: eu e minha irmã. Nesse cenário, tive que entender e crescer em um ambiente que não tinha uma referência em conviver com um adulto formado no ensino superior, onde muitos de meus parentes maternos não concluíram o ensino médio, que na época chamavam de segundo grau. No entanto, sentia que essa estrutura familiar não poderia impedir o incentivo aos meus estudos, e de fato não foi impeditivo, pois consegui concluir toda a trajetória acadêmica: ensino fundamental, médio e superior.

Neste ambiente, sentia que havia limitações em relação à ausência e dificuldades de algum familiar me apoiar ou orientar nas minhas atividades escolares, na troca de experiências, bem como na escolha da futura profissão e da escolha do curso acerca do acesso às universidades. Embora eu tenha crescido com essa limitação, considero que essas questões

sociais da minha família contribuíram no meu pensamento crítico diante desse afastamento de adultos da escola.

MÁRQUEZ, Garcia (2009, p. 160) [...] “não há nada mais perigoso que memória escrita”. A minha infância foi dividida entre duas famílias: a materna e a paterna. Nesta conjuntura, passei a conviver concomitantemente num segundo lar, o dos parentes paternos.

Na família do meu pai, a realidade foi muito diferente em relação as questões de formação acadêmica. Cinco dos sete filhos da minha avó paterna cursaram o ensino superior, com exceção do meu pai e um tio que não se graduaram em universidades. Os demais tios e tia formados nos cursos de Medicina, Direito e Sociologia, que acabaram me aproximando desse mundo acadêmico, cheio de livros e um certo glamour destas profissões na época.

Vivendo esses dois mundos distintos no que tange à educação formal, reconheço um certo privilégio de experienciar, por meio do convívio que tive com essas duas famílias de realidades socioeconômicas distintas. Isso acabou me permitindo um olhar mais sensível diante dessa realidade da região norte do Brasil. Nesta realidade, que por vezes transitava em diferentes costumes, culturas e educação, estávamos eu e minha irmã, crescendo sob as influências das escolas públicas tradicionais de bairros nobres da capital Belém.

Após essas considerações iniciais, narro este memorial apresentando em dois momentos: no primeiro momento, ressalto todo o meu processo de escolarização na minha cidade natal Belém do Pará,

onde finalizei a graduação em Licenciatura Plena em Educação Física; e posteriormente destacarei a minha trajetória profissional na minha cidade adotiva, Palmas, capital do estado do Tocantins, até chegar nas minhas aspirações ao Mestrado Profissional em Educação Física.

Entendo que a infância não permite entendermos a importância da educação no processo de formação do indivíduo. Quando criança via minha irmã mais velha ser levada à escola. E como eramos as únicas crianças da família, dividíamos não só as brincadeiras e traquinagens pertinentes da idade, éramos cúmplices de vida.

A matrícula da minha irmã acabou motivando o meu interesse de participar dessa nova rotina que era frequentar a escola. É dessas escolas que gostaria de compartilhar minhas lembranças, pois foram nesses ambientes que sem dúvidas recebi as importantes influências e me permitiram chegar aonde estou hoje.

Fui matriculada no então jardim de infância na escola municipal “Amância Pantoja” para acompanhar minha irmã na escola pois fazíamos tudo praticamente juntas. Como não estávamos matriculadas na mesma turma, pois ela já estava na alfabetização, passei a encarar um espaço diferente com outras crianças que não eram do meu convívio e com uma professora que organizava as tarefas e brincadeiras. Para mim, um espaço desafiador, cercado de cumprimento de horários e desafios, onde havia uma líder que de tão imponente me trazia admiração e respeito. Falo da diretora da escola Ruth Barbosa, a primeira referência de autoridade em um contexto não familiar.

Nesta escola, tínhamos um horário destinado às

aulas de Educação Física onde fazíamos exercícios ginásticos e bastante jogos populares. Não tínhamos quadra de esporte e o espaço que era destinada as aulas de educação física era um campo de areia com terra batida. Ali, vivenciávamos a iniciação esportiva adaptada, experienciando o Voleibol e Handebol, já que o futebol era apenas para os meninos.

Não lembro ao certo se a professora que ministrava essas aulas era formada em Educação Física, porém suas características físicas e a alegria que sentia na participação dessas aulas ficaram inesquecíveis.

No decorrer da minha formação como estudante do ensino fundamental na Escola Estadual Vilhena Alves e nas aulas de Educação Física, fui apresentada ao ensino essencialmente esportivizado. Na década de 80, o esporte na escola era o meio tradicional nas aulas de educação física. Como o objetivo era a participação em competições escolares, logo me tornei atleta da escola na modalidade voleibol.

Partindo dessa metodologia de ensino, as aulas regulares aconteciam em um turno e as aulas de Educação Física no contraturno, e para os menos habilidosos montavam outras turmas para aulas de ginástica e jogos; nesta característica de ensino, minha escola teve bons desempenhos nos jogos escolares, essa competição era a mais tradicional no estado e envolvia as unidades de ensino da rede pública e privada. E assim conclui todo o ensino fundamental nesta escola.

Seguindo a mesma metodologia de ensino das escolas públicas de Belém, ingressei no ensino médio na Escola Estadual Orlando Bitar, e nessa unidade de



ensino o esporte era uma tradição, principalmente em resultados nas competições, e para contemplar a necessidade de nós adolescentes, que precisavam se autoafirmarem e conquistar popularidade entre os demais estudantes na escola. No entanto, essa dedicação aos treinamentos resultou em muitas medalhas, mas também na perda de foco nos estudos formais que ficaram em segundo plano, resultando na minha primeira e última reprovação no 1º ano.

Antes da reprovação na escola, fui convocada para um projeto na AABB que contemplava alunas atletas de voleibol de escolas públicas. Recebíamos material esportivo, roupas, tênis e vale transporte para os treinos bem como acompanhamento médico. Sem dúvidas foi a realização de um sonho para quem sempre teve sua formação no esporte. Só que a reprovação na escola me tirou desse projeto.

Embora essa frustração tenha me tirado forças de continuar com os treinamentos, continuei como atleta da escola, e no último ano do ensino médio nossa equipe acabou sendo campeã do Jogos Escolares Paraenses/JEPs, único título desta categoria da história da escola Orlando Bitar.

Sempre senti orgulho de todo o meu percurso na educação básica, por ter sido estudante de escola pública. Após a conclusão do ensino médio, prestei vestibular pela segunda vez, em 1995, onde fui aprovada no curso de licenciatura plena em Educação Física pela Universidade Estadual do Pará – UEPA. O curso era anual, e no decorrer da minha graduação, no primeiro ano, tive a oportunidade de cursar a disciplina de Karatê, que na grade das disciplinas estava como optativa.

Durante as aulas, o professor da disciplina que era mestre na modalidade me convidou para treinar em sua academia e acabei me tornando atleta da modalidade, participando de torneios e campeonatos, chegando à graduação de faixa verde. Esta experiência foi significativa e contribuiu muito na minha formação e na minha atuação profissional atualmente.

Em 1997, a confederação de esporte universitário, entidade organizadora dos Jogos Universitários Brasileiros – JUBs, ofereceu pela primeira vez no programa dessa competição universitária a modalidade futsal feminino. A Universidade Estadual do Pará - UEPA se prontificou a organizar seletivas de atletas para formação de suas equipes universitárias no interesse de participação nos JUBs. Na época eu participei da seletiva nas modalidades vôlei e futsal e passei na seletiva de futsal, onde passei a integrar a equipe da universidade por 3 anos. Após a equipe de futsal formada, conquistamos as seletivas estaduais e nos classificamos para o JUBs naquele ano, entre outras competições universitárias.

Em 1998, conheci por meio dessas competições as atletas de voleibol da UEPA e algumas dessas atletas eram técnicas no clube do Remo. Foi onde recebi o convite para fazer estágio no clube para atuar como monitora da escolinha de iniciação de voleibol. A partir de então, comecei a ter contato com a docência.

No decorrer do estágio, fui participando dos treinamentos das equipes infanto e juvenil do clube do Remo, e então acabei recebendo convite para ser auxiliar técnica das equipes do clube nas competições estaduais e nacionais, e assim fui formando minha carreira de técnica de voleibol até minha graduação

na faculdade.

Após minha formatura em 1999, uma atleta do clube montou um projeto de voleibol de praia e me convidou para treinar uma dupla feminina na categoria sub 21 em Salvador/BA. Passei 2 meses trabalhando com elas e por falta de patrocínio retornei a Belém.

Sem dúvidas, toda minha história acadêmica foi vivida no esporte, minha formação básica e acadêmica foi por meio do esporte, o que resultou em uma profissional proativa e disciplinada. No entanto, a frustração em não conquistar uma carreira profissional que possibilitasse um meio de sobrevivência me forçou a buscar outras cidades que pudesse trabalhar na minha área.

Foi quando, em 2001, conversando com uma amiga que estava trabalhando em Palmas, estado do Tocantins, me chamou a atenção o salário que era pago na época para professores e a quantidade de oferta de trabalho nesta cidade. Foi então que decidir me mudar para Palmas e passei a trabalhar para a secretaria municipal da educação de Palmas como professora de educação física das séries iniciais, e na oportunidade, fiz o curso de arbitragem pela federação de voleibol e passei a atuar também como árbitra em competições escolares e municipais.

Em 2002, prestei o concurso realizado pelo governo do estado do Tocantins na área da educação. Aprovada, fui chamada para tomar posse no município de Guaraí. Atuei na docência em uma escola estadual de ensino fundamental chamada “Raimundo Alencar Leão” por um ano e meio e acabei sendo removida para Palmas.

Em 2004, fui aprovada também no concurso da educação da rede municipal de Palmas, onde desde então passei a trabalhar nas duas redes de ensino e continuava atuando como árbitra pela Federação Tocantinense de voleibol, trabalhando em campeonatos estaduais e nacionais como os jogos escolares da juventude, campeonato brasileiro de seleções, e circuitos de vôlei de praia.

Em 2010, fui convidada para ser diretora de esportes da Secretaria Estadual de Esportes, atuei na gestão por quase dois anos e por conta das progressões e plano de cargos e salários, decidi retornar para educação. Fui lotada na Seduc para trabalhar na organização e execução dos jogos escolares do Tocantins - Jets onde trabalhei por sete anos.

Em 2009, Palmas teve uma mudança política importante. Políticas públicas, principalmente na área educacional com aprovação do Plano de Carreira dos Servidores, trouxe benefícios e ganhos significativos salariais aos professores concursados. E neste contexto optei para retornar à sala de aula a partir de 2017, onde me encontro atuando até o presente momento.

Estou na docência das aulas da disciplina Lutas e Jogos de tabuleiro na Escola de Tempo Integral Padre Josimo Tavares, e no período noturno trabalho com as aulas de Educação Física na Escola Estadual Beira Rio no distrito de Luzimangues – Porto Nacional com turmas de ensino médio e EJA.

Neste meu percurso de vida, ter a oportunidade de vivenciar a realidade da escola pública como estudante e hoje enquanto profissional ser professora da educação básica em escolas públicas talvez não seja

somente consequência das minhas escolhas, mas o resultado de experimentos e encontros com todos os agentes que fizeram parte da minha jornada, e das oportunidades que me permitiram conhecer e viver durante todo esse processo.

Acreditando que minha carreira profissional estava consolidada, veio a oportunidade de concorrer ao processo seletivo do mestrado profissional em Educação Física – PROEF em 2023. Minha aprovação me trouxe uma nova perspectiva sob a minha profissão. Após esses anos de experiência na educação, são muitas as angústias e problemáticas no ensino da Educação Física nas escolas públicas do estado do Tocantins.

No entanto, apesar de tantas dificuldades, pretendo devolver para as escolas todo o investimento que recebi durante minha formação educacional. Para tanto, pretendo pesquisar sobre a Educação de Jovens e Adultos – EJA, uma modalidade de ensino de alunos que por algum motivo abandonaram os seus estudos. Penso que há necessidades de mais estudos e pesquisas voltados para este discentes, pois em algum momento foram nossos alunos, que perdemos das salas de aula.

Outro olhar diante dessa modalidade de ensino retoma o início de minha narrativa quando minha maior incentivadora na educação, minha avó, que não chegou a concluir o ensino fundamental, mas que eu admirava sua letra perfeita, sua habilidade em contas matemáticas e seu olhar diante da vida. Me motiva a conclusão desse mestrado oferecer a ela, que sonhava em ver um filho ou uma neta formada e que agora provavelmente terá orgulho maior em ver uma neta

mestre.

Reconhecendo o protagonismo da minha história de vida, penso que as memórias pertinentes à construção da formação acadêmica enquanto professora da Educação Básica foi fruto da minha trajetória escolar, passando pelo ensino fundamental ao ensino superior e conseqüentemente na pós-graduação.

Considero que foi um processo complexo, pois envolveu diferentes fatores, que refletiram não somente nas minhas características sócio emocionais em diferentes fases de desenvolvimento humano, como no meu contexto familiar e social, na qualidade da educação oferecida pelas escolas e pela universidade em que estudei. Ressalto também a disponibilidade de políticas públicas e do apoio à educação que recebi.

Entendendo a importância do ensino fundamental e toda a sua contribuição para o meu desenvolvimento cognitivo, a transição do ensino médio desde as mudanças físicas e socioafetivas, a preparação para o mercado de trabalho oferecido por meio do ensino superior, foram fases do aperfeiçoamento humano e profissional.

No entanto, mesmo com todas essas contribuições vivenciadas e aprendidas neste contexto, que inegavelmente me auxiliaram na graduação como Licenciada Plena de Educação Física, as oportunidades que tive com as experiências em gestão nas secretarias de esportes e educação. Ainda assim, afirmo que o maior legado para minha formação profissional foi o dia a dia da sala de aula, é o “SER” professora, e nesta profissão me conecto com minhas origens e com o mundo.

## REFERENCIAS

REGO, T. C. Trajetória intelectual de pesquisadores da educação a fecundidade do estudo dos memoriais acadêmicos. *Revista Brasileira de Educação*, v. 19, n. 58. jul.-set. 2014.

VIEIRA, C. E.. Memorial acadêmico para Professor Titular. *Educar em Revista*, n. 63, p. 291–312, jan. 2017.

GUIMARÃES ROSA, J. Grande sertão: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GARCIA MARQUEZ, G. “Por um país ao alcance das crianças” 1974-75. In: CORONEL, L. (concepção, projeto e edição) *Dicionário Gabriel García Márquez: a magia literária da América*. Porto Alegre: TAB Marketing, 2009. p. 274-275.

## **DESCOBERTAS, CAMINHOS E DECISÕES: O SER DESVELADO NO OLHAR DO PASSADO.**

**Linvalra**

Escrever sobre mim e revisitar minha história me faz refletir sobre os acontecimentos e saber que todas as minhas decisões, certas e incertas, me trouxeram até aqui. E como diz Passeggi (2011), não se busca descobrir uma “verdade”, mas sim entender o significado dessas experiências, construindo conscientemente minha história, meu aprendizado e meu caminho, deixando minhas marcas.

Minha história com a Educação Física começou de forma inusitada, como eu definiria. Vou explicar isso ao longo do texto. Sou a irmã mais nova de duas filhas, fruto do casamento de dois nordestinos que se conheceram e se casaram em Brasília. Nasci em Brasília na década de 70, precisamente em 1972. Dessa época tenho poucas recordações, pois ficava em casa e não podia sair para brincar na rua. Minha única companhia era minha irmã, mas não me lembro de brincarmos juntas. Eu gostava de viver dançando pela casa e fazia ponta e dançava como bailarina, pois tinha o sonho de fazer balé ou simplesmente dançar. No entanto, aos seis anos, fui morar no interior do Ceará, na cidade de Missão Velha, uma pequena cidade que não oferecia a oportunidade de realizar um dos meus sonhos de infância: poder dançar.

Sim, era um dos meus sonhos, pois também tinha outro, que era poder nadar. Não sei se era nadar de fato ou apenas estar imersa no meio líquido, algo que me fascina. Não havia piscinas com tanta facili-



dade como temos hoje em algumas casas ou clubes. Apesar de não ter lugares na cidade que pudessem proporcionar minhas vivências corporais, como dançar e nadar, tive uma infância muito feliz. Foi nessa cidade do interior que tive a oportunidade de brincar na rua, junto com outras crianças, com a liberdade de brincar nas praças, calçadas e compartilhar esses momentos. Portanto, o brincar espontâneo é fundamental como lazer. Conforme Saura (2014), refere-se ao envolvimento das crianças em atividades livres, escolhidas autonomamente por elas, sem a direção de um adulto.

Minha experiência pessoal com a Educação Física escolar na infância não foi marcante nem motivadora. Inicialmente, pode parecer contraditório e até inusitado, pois comecei a ter aulas de Educação Física na 5ª série (antigo ginásio) com 10 anos de idade. As aulas eram realizadas às cinco horas da manhã, exclusivamente para as meninas. No entanto, a pessoa responsável por ministrar as aulas não possuía formação adequada e era alguém com afinidade pela atividade física que, provavelmente, havia obtido um contrato pela prefeitura para lecionar. Participei de poucas aulas antes de ser dispensada por meio de um atestado médico, sem nem mesmo saber o motivo específico.

A Educação Física enfrentou ao longo da história uma diferenciação em relação aos demais componentes curriculares, sendo muitas vezes tratada de forma exclusivamente prática e realizada fora do turno escolar, conforme estabelecido pelo Decreto nº 69.450, de 1971 (BRASIL, 1971). As aulas eram baseadas principalmente em exercícios físicos, mas não

despertavam meu interesse ou entusiasmo.

Os autores Silva, Moreira e Oliveira (2021) abordam o tema de que a Educação Física, por ser uma área ampla e diversificada, passou por transformações ao longo do tempo, desenvolvendo diferentes concepções de ensino e aprendizagem, além de diversas maneiras de conceber suas finalidades, objetivos e conteúdos. Atualmente, abrange tanto os conhecimentos biológicos da aptidão física como os aspectos socioafetivos, culturais, motores, entre outros.

Em meu ensino médio, as aulas de Educação Física eram agendadas como a primeira atividade do dia, antes de todas as outras disciplinas. O principal foco dessas aulas era a promoção da aptidão física e habilidade motora. Darido (1999, p. 12) coloca que “os objetivos e as propostas educacionais da Educação Física foram se modificando ao longo deste último século”, e mesmo assim, “todas estas tendências, de algum modo, ainda hoje influenciam a formação do profissional e as práticas pedagógicas dos professores de Educação Física”. De acordo com Darido (1999), o método tecnicista, muito criticado a partir 1980, ainda é predominante até hoje.

Morei no interior do Ceará até os meus dezoito anos e, então, chegou o momento de decidir para qual curso eu faria o vestibular. Acredito que essas circunstâncias iniciais já sinalizavam minha inclinação e interesse pela cultura corporal do movimento, pois encontrava no movimento a possibilidade de me expressar corporalmente e encontrar meu lugar no mundo. Foi minha irmã, que já estudava em Recife, que teve essa sensibilidade e vislumbrou, diante do meu

perfil, o curso de Educação Física como uma área de formação que me identificaria. Ela me conhecia muito bem e realmente me encontrei nesse universo de tantas possibilidades e caminhos.

Um fato curioso de tudo isso é que, apesar de gostar muito de dançar, nadar e me movimentar, não fui atleta e não tinha vivência no mundo dos esportes coletivos. Por isso iniciei dizendo que era inusitado. Como alguém que aparentemente não se identificava com a Educação Física, de repente escolhe cursar e se tornar professora. Curiosamente, apesar dessas experiências pouco satisfatórias, elas não afetaram minha decisão de prestar vestibular para o curso de Educação Física.

Durante minha trajetória acadêmica, surpreendi-me ao perceber que a maioria dos meus colegas de faculdade tinham sido ex-atletas ou, no mínimo, se destacado em algum esporte coletivo. Havia também um grupo voltado para as aulas de academia. Apesar das experiências anteriores, eu sentia que estava no lugar certo.

Sobre a escolha do curso, Figueiredo fala que a escolha da Educação Física está relacionada às experiências prévias com esporte ou atividades corporais, tanto positivas quanto negativas, dentro ou fora da disciplina. Essas experiências são referências importantes para os alunos que optam pelo curso.

Portanto, ao escrever sobre minha história como professora de Educação Física, além de aprender e reconstruir meus conhecimentos, esses momentos de reflexão me permitem explorar e compreender melhor os eventos vivenciados, considerando tanto os aspectos objetivos quanto os subjetivos, proporcio-

nando uma análise mais profunda dos fatos e acontecimentos, e contribuindo para o desenvolvimento contínuo dos meus saberes e práticas pedagógicas na área da Educação Física. “Numa palavra, é entrar em cena um sujeito que se torna autor ao pensar na sua existencialidade” (JOSSO, 2012, p.23).

Minha formação acadêmica foi amplamente baseada na licenciatura, iniciando minha graduação em Recife no ano de 1991, com o objetivo de me tornar uma professora de educação física escolar. Lembro-me vividamente da ênfase que era colocada na mudança social, na adoção de novas metodologias para o ensino da Educação Física e na busca pela transformação. Durante o curso, fui apresentada a abordagens pedagógicas inovadoras, que valorizavam o desenvolvimento integral dos alunos, considerando não apenas o aspecto físico, mas também o emocional, social e cognitivo. Foi nessa época que os estudos do livro coletivo de autores em Recife começaram a surgir, e eu estava presente nesse movimento, mesmo sem compreender completamente as discussões naquele momento. Mais tarde, percebi que estava inserida nesse movimento de diálogo que já discutia questões como cultura corporal, concepção de currículo ampliado e perguntas sobre o propósito da Educação Física, explorando os movimentos renovadores na área.

E nessa perspectiva, o Coletivo de Autores (SOARES et al., 1992) traz a ideia de que cada educador precisa ter uma clara compreensão de qual projeto de sociedade e de ser humano ele persegue, sendo fundamental refletir sobre os interesses de classe que ele defende, bem como os valores, a ética e a moral

que escolhe fortalecer por meio de sua prática educativa. Além disso, é necessário articular suas aulas com esse projeto mais amplo de ser humano e de sociedade, buscando alinhar suas ações e propósitos educativos com essa visão de mundo.

Diante desse contexto, a Educação Física, tanto no passado quanto atualmente, busca constantemente direcionar suas abordagens para o aluno, reconhecendo-o como um ser humano completo e inserido no mundo. Essa perspectiva vai além do corpo e da mente, abrangendo todas as dimensões do indivíduo, como aspectos psicológicos, cognitivos, motores e afetivos, levando em consideração também o contexto social e cultural em que ele está inserido (Guiraldelli, 2016). Em outras palavras, a Educação Física procura promover uma visão holística do aluno, valorizando sua integralidade e considerando a interação entre diferentes aspectos de sua vida e experiências.

Na faculdade, tive a oportunidade de conviver com vários professores inspiradores, e um deles foi o Cláudio Monteiro (Claudinho) da disciplina Recreação e Lazer, que me inspirou e me mostrou um caminho de possibilidades e formas diferentes de perceber o ensino da educação física com o olhar na capacidade crítica e criativa do aluno, com metodologias ativas, tipo “Brainstorm”, que significa tempestade cerebral ou de ideias.

O Claudinho rompeu com a ideia de hierarquia entre professor e aluno de forma significativa. Recordo-me do dia em que saímos em um grupo de alunos para explorar o centro de Recife, e o professor assumiu o papel de guia e compartilhou conosco histórias fascinantes e fatos ocorridos em diferentes épocas.

Ele tinha conhecimento dessas histórias tanto por meio de relatos de pessoas quanto por ter presenciado alguns eventos.

Aquela experiência despertou em mim uma vontade ainda maior de explorar e conhecer outras cidades e culturas. O professor Claudinho mostrou-me o poder inspirador e envolvente que um educador pode ter. Aquele dia memorável no Recife Antigo reforçou meu desejo de ser uma educadora que vai além do ensino tradicional, envolvendo os alunos em experiências educacionais que os conectem com o passado e os inspirem a explorar e compreender o mundo ao seu redor.

Ainda na universidade, fiz um curso de arbitragem em natação, já que a natação foi uma das minhas primeiras inclinações para esse universo da educação física. Eu, juntamente com minhas amigas e colegas de faculdade, Andrea e Flávia, atuávamos como árbitras, geralmente nos finais de semana. Principalmente no Clube Português e no Náutico de Recife, que ficavam próximos ao apartamento onde eu morava, no bairro das Graças. Após as competições, saíamos para nos divertir pela cidade. Essa experiência foi enriquecedora, pois foi a primeira vez que ganhamos nosso próprio dinheiro exercendo nossa futura profissão. Tínhamos a responsabilidade de fiscalizar e desempenhar nossas funções de acordo com as regras. Apesar das incertezas e medos de iniciantes, aqueles quase dois anos foram valiosos em termos de aprendizado, experiências e momentos marcantes.

Durante a faculdade, tive a incrível oportunidade de participar do Balé Popular de Recife, o mais antigo grupo de dança em constante atividade em Per-

nambuco. Lá, aprendi danças folclóricas como Coco, Maracatu, Xaxado, Ciranda, Frevo, entre outras. Foi uma experiência enriquecedora, não apenas aprendendo gestos e movimentos, mas também compreendendo a história, o significado e a emoção por trás de cada dança. Além disso, tive a maravilhosa oportunidade de subir ao palco e compartilhar essa arte com o público, vivenciando a gratificante sensação de ser aplaudido e admirado por algo que não pode ser explicado em palavras.

De acordo com Josso (2012), existe um embarque na jornada para explorar a si mesmo. Isso envolve relembrar o percurso, os encontros com outras pessoas, as paradas ao longo do caminho, os eventos e as atividades que permitem ao viajante se localizarem no espaço e no tempo, recordar os sonhos, compartilhar as marcas das experiências, descrever as emoções internas e os comportamentos, sendo a autodescoberta e compreensão do que o viajante e a viagem são inseparáveis.

Ela ainda segue discorrendo sobre essa articulação do tempo e do seu eu, onde:

É no decurso desta situação, em que o presente é articulado com o passado e com o futuro, que começa, de fato, a elaborar-se um projeto de si por um sujeito que orienta a continuação da sua história com uma consciência reforçada dos seus recursos e fragilidades, das suas valorizações e representações, das suas expectativas, dos seus desejos e projetos. (JOSSO, 2012, p.23)

Em janeiro de 1996, logo após minha graduação em Recife, retornei para minha cidade natal, Brasília, e comecei a trabalhar voluntariamente com um

grupo de pessoas com deficiências múltiplas no meio líquido. Concomitantemente, no mesmo local, trabalhava como professora de hidroginástica e natação para crianças. Esse período durou aproximadamente um ano e meio, até que finalmente fiz o curso para professor de Educação Física no GDF (Governo do Distrito Federal).

Assumi o cargo de professora em janeiro de 1998 e comecei a trabalhar em uma cidade satélite do Distrito Federal chamada Núcleo Bandeirante, em um Projeto Piloto da Escola Candanga (Moraes, 2009). Esse projeto foi criado durante a gestão de Cristovam Buarque (1995-1998) em Brasília. A Escola Candanga tinha um projeto político-pedagógico popular, que não se limitava a indicadores e metas quantitativas. O currículo da Escola Candanga era baseado em três dimensões: filosófica, socioantropológica e psicopedagógica, com o objetivo de desenvolver o senso crítico e a autonomia dos estudantes (Moraes, 2009, apud Alcoba, 2003).

A partir de 1999, com a mudança de governo no Distrito Federal, o projeto educacional representado pela Escola Candanga foi extinto. Como resultado, fui remanejada para outra escola, onde passei a lecionar para os anos finais, em uma cidade satélite chamada Santa Maria, onde permaneci até o ano de 2003.

Já estabelecida em Brasília e com mais de cinco anos de serviço público, me deparei com uma escolha pessoal difícil. Inicialmente, solicitei uma licença para assuntos particulares, mas infelizmente meu pedido foi negado. Há momentos na vida em que certas coisas se tornam prioridades e não há como evitar fazer uma escolha. Perante a circunstância em que minha



mãe estava doente e precisando de minha companhia e cuidados, tomei uma decisão significativa em minha vida. Optei por pedir exoneração do meu emprego, não hesitaria em fazer tudo novamente, pois o amor e cuidado que tenho por ela são inestimáveis.

Cheguei em Palmas, Tocantins em maio de 2003 e comecei a trabalhar na SESAU (Secretaria de Saúde). Minha irmã, que era diretora da Atenção Básica na época, conseguiu um contrato para que eu pudesse atuar na DANT (Doenças e Agravos Não Transmissíveis), combatendo o tabagismo como fator de risco para o câncer e as doenças cardiovasculares, além do comportamento sedentário que predomina nas repartições públicas.

Diante da situação identifiquei uma oportunidade de implementar a ginástica laboral como uma estratégia de promoção da saúde e bem-estar dos funcionários da SESAU.

Durante esse período, de 2003 a janeiro de 2005, aproveitei para realizar uma pós-graduação em saúde pública e fiz minha monografia com o tema: “A Prática de Atividade Física como Estratégia de Promoção da Saúde e Prevenção de Doenças: Um enfoque teórico”.

Participei, em 2003, de uma oficina com Markus Vinicius Nahas, autor do livro “Atividade Física, Saúde e Qualidade de Vida: Conceitos e Sugestões para um Estilo de Vida”, que destaca diversas áreas-chave nas quais os programas de bem-estar dos trabalhadores podem se concentrar. Essas áreas incluem atividade física, alimentação saudável, controle do estresse, prevenção de doenças, combate ao tabagismo, consumo de álcool e outras drogas. Foi exata-

mente nessa perspectiva que eu estava trabalhando, promovendo estilos de vida ativos através da ginástica laboral.

Ainda em 2005, a prefeitura lançou um edital para um concurso que ocorreria nos próximos meses. Tive certeza de que era o momento certo para retornar e voltar às minhas raízes. Antes do concurso, consegui um contrato na prefeitura para professora de educação física na Escola Olga Benário. Mal sabia eu que em poucos meses estaria assumindo aquela mesma vaga como professora efetiva. No término de 2005, participei do concurso e fui aprovada, confiante de que era o caminho que deveria seguir.

Assim, retornei à escola Olga Benário como professora efetiva, onde ainda estou atualmente. Sinto que Deus me restituiu o emprego que havia aberto mão por minha mãe. No ano seguinte, em 2006, casei-me e tive minha primeira filha em 2008, marcando uma nova fase.

A escola passou por várias mudanças desde a etapa ao modelo. Hoje atendendo exclusivamente a etapa dos anos iniciais, no modelo de tempo integral e com várias adaptações na estrutura. Juntamente com a escola, fui me adaptando e construindo minhas relações pessoais e profissionais. Em 2010, resolvi fazer minha segunda pós-graduação, agora em educação física escolar, com o tema da monografia: As contribuições da Educação Física na Construção da Comunicação, Imagem e Consciência Corporal. Juntamente com minhas teias de relações da escola, minhas amigas Paula, Fátima, Aninha e Eliane. Mesmo com o nascimento da minha segunda filha, e não sendo o melhor momento, encarei o desafio, pois

acredito que as relações se fortalecem no convívio e nas dificuldades.

Hoje, na escola, o desafio está relacionado à falta de estrutura adequada para atender as 20 turmas em uma escola de tempo integral adaptada que possui um currículo que contempla muitas práticas corporais, conseqüentemente, muitos professores de educação física. Sendo constantemente preciso adaptar os espaços e as atividades para atender às demandas, buscando diariamente maneiras de proporcionar um ambiente propício para a prática de atividades físicas e promovendo experiências enriquecedoras para os estudantes.

Desde 2011 me dedico exclusivamente como professora de educação física aos anos iniciais (1º, 2º e ocasionalmente 3º), e contemplo os conteúdos de jogos, brincadeiras, ginástica, esportes (marca, precisão e territorial) e dança. Além disso, busco sempre oportunizar momentos em que as crianças possam escolher suas atividades preferidas, trabalhando na perspectiva da escuta e da observação, que BROUGÈRE (2019, p.108) diz que “A cultura lúdica compreende o que se poderia chamar de esquemas de brincadeiras, para distingui-los das regras *stricto sensu*”.

É importante destacar que esses esquemas de brincadeiras são vagos e não possuem regras rigorosas, permitindo que as crianças tenham liberdade para explorar e experimentar. Essa liberdade criativa é essencial para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças, pois estimula sua capacidade de simbolização, imaginação e cooperação. (Brougère, 2019)

Acredito que é fundamental proporcionar às

crianças um espaço em que elas possam exercer seu direito de escolha, permitindo que expressem suas preferências e interesses. E é por isso que trago como tema de pesquisa em minha dissertação o tema sobre o Direito ao Lazer nessa perspectiva da criança.

Olhando para trás, percebo o quanto a pandemia foi um divisor de águas em minha vida. Durante tanto tempo eu estava presa em uma rotina automática, sem me permitir explorar novas possibilidades. No entanto, esse período turbulento do início de 2020 despertou um desejo intenso de voltar a estudar, algo que sempre foi incentivado pelas minhas amigas, Roseany e Mércia. Embora eu sempre tenha fugido dessa ideia, a pandemia trouxe à tona essa vontade latente.

Em 2020, decidi me inscrever no processo seletivo do mestrado em Educação pela UFT. Infelizmente não fui aprovada, e acabei desistindo de tentar novamente. Foi então que soube por outros colegas, Eures e Marley, sobre o Proef, que era um mestrado profissional específico da Educação Física, um programa que eles já estavam participando. Essa descoberta me motivou a tentar novamente em 2021, mas percebi que não estava devidamente preparada para enfrentar o desafio.

Foi somente em 2022 que decidi encarar de frente essa jornada acadêmica. Com convicção e determinação, prometi a mim mesma que daria o melhor de mim para conquistar essa oportunidade. E, finalmente, fui aprovada. Desde então, tenho sido desafiada diariamente nessa nova etapa da minha vida.

Escrever este memorial, algo totalmente inédito e revelador para mim, tem me ajudado a mergulhar

profundamente em minhas próprias experiências. Como mencionado por Passeggi (2011), a auto(biografia) nos permite investigar nossas vidas, considerando histórias pessoais, experiências profissionais e trajetórias de vida, especialmente no contexto da prática educacional.

Estou ciente de que essa jornada no mestrado será repleta de desafios e aprendizados. No entanto, estou determinada a enfrentá-los com coragem e dedicação. Acredito que essa oportunidade de estudar e refletir sobre minha própria trajetória contribuirá para um crescimento pessoal e profissional significativo.

Agradeço às minhas amigas e colegas por me incentivarem a seguir esse caminho, pois sem elas eu não teria despertado para essa possibilidade. Agora, estou pronta para abraçar essa nova fase da minha vida acadêmica e me tornar uma pesquisadora comprometida com a transformação educacional.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto nº 69.450, de 1 de novembro de 1971. Regulamenta o artigo 22 da Lei número 4.024, de 20 de dezembro de 1961, e alínea c do artigo 40 da Lei 5.540, de 28 de novembro de 1968 e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2 nov. 1971. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/d69450.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d69450.htm). Acesso em: 03/11/2023

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org). O brincar e suas teorias. 1ª ed. São Paulo, Cengage Learning. 2019.

DARIDO, S. C. Educação Física na escola questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.

GUIRALDELLI, J. P. Educação Física progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física brasileira. 8ª ed. São Paulo: Loyola, 2016.

JOSSO, M. C. O Corpo Biográfico: corpo falado e corpo que fala. Educ. Real., Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 19-31, jan./abr. 2012.

MORAES, S. C. de. (2009). Propostas alternativas de construção de políticas públicas em educação: novas esperanças de solução para velhos problemas? Educar Em Revista, (35), 165–179. <https://doi.org/10.1590/S0104-40602009000300013> acesso em 06 de nov. de 2023

NAHAS, M.V. Atividade física, saúde e qualidade de vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo / Markus Vinicius Nahas. – 7. ed. – Florianópolis, Ed. do Autor, 2017. 362 p.

PASSEGI, M. da C., Souza, E. C. de ., & Vicentini, P. P.. (2011). Entre a vida e a formação: pesquisa (auto) biográfica, docência e profissionalização. *Educação Em Revista*, 27(1), 369–386. <https://doi.org/10.1590/S0102-46982011000100017> acesso em 07 de nov.2023

SAURAS.C. O imaginário do lazer e do lúdico anunciado em práticas espontâneas do corpo brincante. *Rev bras educ fís esporte [Internet]*. 2014Jan;28(1):163–75. Available from: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092013005000015> acesso em 04 de nov. de 2023

SILVA, E. C., MOREIRA, E.C., OLIVEIRA, A. A. B., Objetivos e Conteúdos para o ensino da educação física escolar. In: ALBUQUERQUE, Denise Ivana de Paula; DEL-MASSO, Maria Candida. *Desafios da Educação Física escolar: temáticas da Formação em serviço no ProEF*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.

SOARES, C. L. et al. *Metodologia do Ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.

## MINHAS MARCAS, MINHAS HISTÓRIAS

**Marcio Sousa Silva**

Com uma saudação musical do jogo da capoeira, inicio minha apresentação: “Ô, boa noite para quem é de boa noite, ou bom dia para quem é de bom dia. A benção, meu papai, a benção, maculelê é o rei da valentia.”

Meu nome é Márcio Sousa Silva. Sou um homem, um professor negro, com cabelos crespos, natural da cidade de Ibiassucê, um pequeno município no sudoeste baiano. Faço questão de enfatizar a palavra “NEGRO”, porque ser negro em uma sociedade que tende a estabelecer a cultura branca como referência pode resultar na padronização de comportamentos e culturas, levando à exclusão, desapropriação e desvalorização da identidade e dos corpos negros.

Também destaco a palavra PROFESSOR, por ser uma profissão que se relaciona com as construções socioculturais, e históricas, que tem, em sua seleção, conteúdos e metodologias que podem conduzir a transformações, rupturas ou agir de forma a controlar e dificultar mudanças que levem à inclusão das diferenças e de direitos. Connelly e Clandinin (1995, apud ANDRÉ, MARLI 2004) trazem à discussão que o homem é um contador de história, tanto de forma social quanto coletiva.

Convidarei os leitores a sentar e ouvir a minha história, compartilharei um pouco sobre mim, minhas experiências, escolhas e jornada até este ponto, onde me encontro agora, refletindo sobre essas memórias. De acordo Zabala (1994), escrever sobre as expe-



riencias e caminhos nos faz memorar e aprimorar a nossa expressividade através da escrita, a reflexão sobre os fatos ocorridos, e os caminhos que levaram a esses resultados, levando à interação do que eu era, com o que sou, favorecendo na construção de um olhar mais aprimorado, reflexivo e histórico da realidade vivida e a ser vivida.

Deste modo, para entender onde estou hoje, meus posicionamentos socioeducativos e políticos enquanto mestrando do curso do Proef, é fundamental que conheça a minha história, raízes, e os fatos que me levaram a tal direcionamentos. Importante destacar que as nossas construções são feitas da somativa de várias decisões, escolhas, por questões que independem de nosso controle. Assim, me desconstruo e constituo diariamente. Moita (1992, p. 114-115), afirma que, para:

Compreender como cada pessoa se forma é encontrar as relações entre as pluralidades que atravessam a vida. Ninguém se forma no vazio. Formar-se supõe troca, experiência, interações sociais, aprendizagens, um sem fim de relações. Ter acesso ao modo como cada pessoa se forma é ter em conta a singularidade da sua história e, sobretudo, o modo singular como age, reage e interage com os seus contextos.

Para entender o que me leva a pesquisar sobre os Jogos de matrizes Africanas Quilombolas nas aulas de educação física escolar: Para além das Práticas tradicionais, passearemos por questões temporais longínquas, porém importantes em minhas avaliações diárias que conduziu a essa tomada de decisão.

No ensino primário, as exclusões aconteciam tanto por questões corporais, por não se enquadrar

nos padrões sociais, quanto por não me sentir incluído culturalmente nas temáticas abordadas em sala aula. Um episódio que me marcou fortemente quando criança, foi o fato de ser indagado pela professora se em minha casa não tinha pente. Na época, por influência musical de Michael Jackson, Bob Marley e Jairzinho, que fazia dupla com Simony, usava o modelo de cabelo Black Power. No dia seguinte, cortei o cabelo.

Era triste não ser representado e valorizado como beleza nas revistas, contos, novelas, livros didáticos e aulas na escola. O trato com a história e a cultura do negro começava com a escravidão, como se esse fosse o único marco importante em sua cultura. Parecia que o negro era naturalmente escravo, e não uma condição a que foram submetidos. A subserviência a que era imposta antes da escravidão, enquanto inferiores, era normalizada nas ações e tratamentos naturalizados em apelidos, zombarias e piadas.

O mundo que eu visualizava até o momento, trazia consigo o significado que ser negro era algo ruim, pois, ora associava ao escravo enquanto ser biológico e culturalmente inferior, ou enquanto pessoas que tinham como características os subempregos, os trabalhos domésticos. Era forte em minha mente enquanto criança a existência de um muro entre brancos e negros, a distinção entre o que era destinado a profissão de negros e brancos, limites sólidos impossíveis de ser transporto.

A primeira experiência corporal, contato com os tambores, a orquestra da capoeira e o samba de roda se deu através dos mestres de Capoeira, Mestre Tião e Malhado de uma cidade vizinha. Essa experiência

me encantou e me fez sentir representado, o coração parecia que ia sair pela boca de tanta alegria e emoção. O suingue, a mandiga, malícia em que constituía aquela construção me fez querer participar, aprender e trazer aquela construção corporal rica de significados e poesia para minha vida. A capoeira, jogos, brincadeiras, luta, poesia, história da cultura negra me encantou.

“Zum, zum, zum, capoeira mata um”. Capoeira me salvou, conhecer minhas raízes através do jogo me transformou. Ampliou a minha relação com o meu corpo, me encontrei.

Concluí todo o ensino fundamental e médio tendo nas aulas de Educação Física apenas os esportes tradicionais de origem europeia, práticas tão distantes. Enquanto isso, o tratamento das culturas regionais e locais era negado, mesmo após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 dos Parâmetros Curriculares Nacionais de 1998, e dos diversos debates teóricos progressistas que estabeleciam que a educação física deveria incluir, como elemento de ensino, a cultura corporal, e não se limitar apenas às práticas esportivas.

No ano de 2000 terminei o Ensino Médio, e um vácuo seguiu durante três anos. Durante esse tempo, acrescentei à minha prática de capoeira a atividade de musculação. Se havia academia e professor de Educação Física em minha cidade? Até aquele momento, não. Praticávamos em aparelhos feitos em uma serralheria da cidade, e um amigo que havia aprendido em uma academia em Salvador nos ensinava, ou melhor, nos transmitia o pouco que sabia.

O ano de 2003 foi bastante marcante. Em uma

festa, fui agredido gratuitamente por cinco pessoas, e uma delas quebrou um copo, colocou os cacos dentro e atirou em meu rosto. Fiquei internado durante vários dias, e muitos pontos marcaram meu rosto. Nesse momento, tinha duas opções: me vingar ou estudar. Optei pela segunda opção, e lá mesmo no hospital comecei esse processo de estudo, prestando vestibular ao final do ano.

No primeiro momento, meu objetivo era cursar Direito. No entanto, devido à distância das universidades que ofereciam esse curso, optei pelo meu segundo sonho, que era cursar Educação Física. Fui aprovado no ano de 2003, e em 2004, mudei-me para Guanambi, cidade que ficava a 86 km do local em que residia para cursar a Licenciatura Plena em Educação Física no Campus XII da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

O início foi muito difícil, pois saí da comodidade da casa da minha mãe e irmão para dividir um apartamento com pessoas que até então desconhecia. Foi um processo doloroso; pensei em desistir várias vezes. No entanto, mantive o foco no meu objetivo maior e em todo o esforço que muitos fizeram para que eu tivesse a oportunidade de estar lá. Não era muito comunicativo, mas, com o passar do tempo, fiz amizade com um grande amigo, o Renato, que já conhecia de eventos nos quais ele se apresentava em uma banda.

Residia a uns dois quilômetros da Universidade. Esse percurso fazíamos caminhando. Durante o trajeto, refletíamos e fazíamos cálculos para ver quantos quilômetros seriam percorridos até a conclusão do curso. Aos poucos, fui me enturmando, e a cami-

nhada foi ficando menos dolorida. Meu amigo Renato se tornou um grande irmão. Residíamos em cidades muito próximas antes de cursar, o que aproximava o nosso universo cultural.

Com a disciplina de Metodologia do Ensino da Capoeira, me identifiquei. A história da capoeira, que se entrelaça com a própria história do Brasil e da cultura negra, fez com que eu me sentisse em casa. Ficava encantado ao ver essa manifestação corporal rica em historicidade e cultura, a música, a letra, o gingado, o sincretismo e o misticismo me atraíam como se estivesse em um estado de hipnose. Sua singularidade, que podia variar entre dança, jogo, luta e teatro, a distinguia das demais disciplinas que eu havia estudado até então.

Naquele momento, compreendi o sentido que o autor Renato Vieira (1996) atribui a essa prática, vendo-a como a dialética dos corpos, uma forma de comunicação que vai além de uma prática puramente corporal. Era uma filosofia de vida que se expandia da roda de capoeira para a forma como agíamos e enxergávamos o mundo. Quero citar como referências importantes para essa nova compreensão as contribuições da disciplina lecionada pelo Professor Salles.

Vale destacar também as contribuições da professora Margareth Conrado Leão, que era recém-chegada do Estado de Pernambuco e ocupava a cadeira da disciplina de Dança no campus. Ela me apresentou uma variedade de danças, batuques e a história da cultura corporal negra. Apaixonada pelo que fazia, a professora conseguia envolver toda a turma, e, em especial, a mim. Fui profundamente inspirado pelos batuques do atabaque, pelo berimbau da capoeira,

pelas cirandas, pelo caboclo e pelo frevo pernambucano. Os mestres Malhado e Tião, bem como as aulas de metodologia do ensino da capoeira lecionadas pelo professor Sales e de metodologia da dança lecionadas pela professora Margareth Conrado Leão, serviram de base para a escolha da minha temática de conclusão de curso, convidando-a para ser minha orientadora.

É interessante notar que, mesmo dentro da Universidade, a cultura corporal negra é pouco tematizada, limitada a uma disciplina de Metodologia do Ensino da Capoeira e uma de dança que não especifica esse enfoque. A abordagem restrita no currículo limita o debate sobre a cultura corporal afro-brasileira, diante da multiplicidade de formas observadas no território brasileiro, o que, por sua vez, limita suas contribuições e o domínio do conhecimento por parte dos futuros professores. Essa limitação prejudica a apropriação do conhecimento que reflita na promoção da igualdade e diversidade racial, aspectos tão necessários para a formação adequada de professores, os quais devem traduzir esses conhecimentos em atitudes e práticas inclusivas nas escolas e aulas do ensino básico.

Portanto, busquei durante esse período de estudos pesquisar algo que fosse além das práticas tradicionais que dominavam as aulas de Educação Física. Meu objetivo era entender os processos que dificultavam a presença da capoeira em diversos espaços, incluindo a escola, que frequentemente eram localizados de forma marginalizada e pouco valorizados. Busquei encontrar caminhos para a inclusão e valorização da capoeira, culminando na minha pes-

quisa de conclusão de curso, intitulada “Capoeira, do Preconceito à Arte”.

Nos últimos quatro semestres, comecei a trabalhar no Centro Educacional de Ibiassucê como contrato do ano de 2005 a 2008. Se já era desafiador conciliar estudos com trabalho, as viagens de 86 quilômetros três vezes por semana tornavam o processo ainda mais complicado. Digo “em parte” porque, ao mesmo tempo que era cansativo, o apoio da minha família durante esses dias me fortalecia. Ter meu próprio dinheiro, fruto do meu trabalho, era muito gratificante. O apoio do professor Jesus Mário, diretor da escola a qual trabalhava, meus pais, irmãos (todos professores), em especial minha irmã, a Inês, foi fundamental nesse período.

No último ano de curso, montei uma academia de musculação com um sócio, um grande amigo, Antônio de Farias. A jornada, que já era difícil, se intensificou ainda mais: Universidade, pesquisa, escola, academia, família, esposa e filha. Sim, você leu corretamente, esposa; com toda essa dinâmica, casei-me com a baixinha mais brava que conheci até hoje, Kátia Viviany, colega de trabalho e professora de história.

Depois de muitos estudos e com a imprescindível orientação da professora Margareth, defendi o meu trabalho em julho de 2008, intitulado “Capoeira, do Preconceito à Arte”, sendo aprovado. Durante o ano de 2009, fui convidado a trabalhar no Centro Estadual de Educação Especial de Caetité (CEEEEC), sob a direção de Telma Jaine. Para quem estranhou o nome, Caetité é a cidade do grande educador Anísio Teixeira e do cantor Waldick Soriano. Minha rotina

continuou sendo o trabalho na minha academia, que ficava na cidade onde morava, Ibiassucê, e as novas atribuições de professor de Soroban e Educação Física no CEEC, na cidade vizinha, que estava a 45 quilômetros da minha residência.

Durante toda essa correria do ano de 2009, que, no entanto, foi um pouco menos intensa do que nos anos anteriores, minha esposa e eu decidimos nos dedicar a concursos. Essa escolha foi um pouco conturbada, pois os familiares não queriam que a gente fosse embora. A primeira decisão, ao pesquisar no site do PCI Concursos, foi verificar as opções de editais abertos. Encontramos duas opções: uma da Secretaria do Estado de São Paulo, onde tínhamos apoio de parentes, e outra de um estado onde não conhecíamos ninguém. Optamos por ter uma vida mais independente e autônoma, em uma cidade mais tranquila e pequena no Tocantins.

A escolha da cidade de Paranã se deu pelo critério de ser uma cidade pequena, com lindas paisagens naturais e rica em cultura. Fomos aprovados no concurso e viemos para o Tocantins em 2010. Todos os novos concursados, incluindo eu, de início não fomos bem recebidos, sendo chamados muitas vezes de ‘pau de enchente’ e forasteiros, isso machucava. Esse desprezo tinha como um dos motivos o fato de estarmos tomando posse de vagas que eram ocupadas e controladas por viés político.

Para contrapor a esse tratamento desumano, fui bem acolhido pela cultura local, pelos alunos, alguns colegas e pela comunidade simples, com sua alegria e expressividade marcadas de forma intensa nos diversos festejos que acontecem ao longo do ano. A



descendência quase absolutamente negra marcava cada evento. Os tambores que ecoavam na Bahia e em Pernambuco também ressoavam na dança tradicional quilombola da Súcia e na Catira, me senti abraçado.

Assumi na Escola Estadual Desembargador Vergílio, e após o primeiro impacto da rejeição por uma pequena parte da comunidade, consegui construir uma boa relação com os estudantes e colegas de trabalho. Ao lecionar a disciplina de Educação Física, senti que a comunidade escolar estava receptiva a trabalhar com temáticas que iam além dos esportes tradicionais.

Respeitando os saberes dos alunos e ouvindo sobre suas vidas, seus gostos e desgostos, bem como suas raízes, eles se dispuseram a aprender e praticar o que ainda não sabiam, como preconizado por Paulo Freire (2004). Assim, construí uma relação respeitosa em que o aluno era visto como sujeito da aprendizagem, não como mero receptor de receituários.

Além disso, participar dos jogos estudantis e viajar com os alunos para competições foi um processo muito enriquecedor. Ser responsável por várias equipes, com o apoio da escola e a confiança dos pais de cada aluno(a), é uma conquista da qual me orgulho muito. Nós, professores, desempenhamos um papel semelhante ao de pais para cada aluno, e na Educação Física, essa relação se torna ainda mais próxima.

Por amar as minhas raízes e a cultura negra, o Dia da Consciência Negra se torna especial. No ano em que cheguei à escola, lembro-me de que a celebração da Consciência Negra não valorizava devida-

mente as raízes; havia apenas um desfile e uma roda de capoeira. Fiquei assustado ao perceber que muitos negros evitavam se identificar como tal, tentando se enquadrar como morenos ou índios, clareando a cor de pele ao assimilar a cultura branca e negando suas próprias raízes, como discutido por Kabengele Munanga (1999).

A admiração e a prática das culturas quilombolas eram escassas. No entanto, ao longo do tempo, e por meio de um processo de vivência e construção de práticas corporais regionais, quilombolas e negras em um contexto local, regional e nacional, essa realidade foi se transformando. Houve, assim, um aumento no respeito às tradições e ao orgulho quilombola. Hoje, ao entrar na escola e comparar com o que era há 13 anos, podemos observar o empoderamento tanto de homens como de mulheres, com tranças, penteados Black Power, moda, dança e o orgulho na defesa de suas raízes.”

Em 2020, iniciou a pandemia da COVID-19, um processo doloroso que deixou várias feridas. O afastamento dos alunos do ambiente escolar físico os tornou mais suscetíveis à influência da cultura de massa, o que se tornou bastante perceptível quando o retorno às aulas presenciais trouxe mudanças explícitas em seus cabelos, forma de vestir, linguagem e influências.

A COVID-19 afetou a todos, e comigo não foi diferente. No ano de 2022, sofri vários desmaios e convulsões, ficando inconsciente e só recuperando a consciência quando estava no hospital, muitos minutos depois. Você pode estar se perguntando por que esse evento é importante para a minha formação pro-

fissional. Continuaremos a história, e logo verá. Para descobrir a causa do meu problema, passei por quase todas as especialidades médicas, mas não obtive um diagnóstico claro. Inicialmente, havia suspeitas de que pudesse ser um tumor na cabeça, no entanto, essa possibilidade foi descartada, e concluíram que era uma sequela da COVID-19.

Entrei de licença por orientação médica, e naquela rotina monótona do dia a dia, decidi aproveitar o tempo que passava em casa para estudar. Ao descobrir o edital para o mestrado no programa Proef 2022, optei por fazer a inscrição e, para minha surpresa, fui aprovado.

Ao fazer uma análise das minhas jornadas até este ponto, vejo dois eventos que poderiam ter me detido, mas, em vez disso, me impulsionaram para a frente. Um deles foi quando fui agredido gratuitamente por uma gangue, um incidente que poderia ter gerado mais ódio, mas direcionei minha indignação para o estudo e consegui passar no vestibular. O outro foi o impacto das sequelas da COVID-19, que me levou a me afastar da escola, mas acabou sendo crucial para minha aprovação na seleção do mestrado. Aca-so ou destino? Opto pela última opção.

E agora o que faço com essa aprovação? Pensei em desistir, porém aceitei como um presente do destino com gratidão. Problemas vieram, finais de semana, leituras, mas sempre convicto que o meu Corpo, o respeito à minha história viria primeiro que o futuro Mestre. Me recusaria que ele fosse parcialmente aceito, sem os meus tambores de ser eu, não aceito o processo de embranquecimento cultural tão rejeitado em toda a minha trajetória enquanto ser

humano, cada cicatriz que tenho possui uma história que não quero esconder.

Isso explica o motivo e o meu orgulho em gritar bem alto o meu tema: Jogos de Matrizes Africanas Quilombolas nas Aulas de Educação Física Escolar: Para Além das Práticas Tradicionais.'

Durante o percurso enquanto estudante do mestrado, encontrei muitas dificuldades, problemas constantes e, por vezes, desespero e vontade de desistir. No entanto, a cada vitória, a cada conquista, as conversas com colegas, amigos, aulas com os professores, o pós-aula e a chegada em casa cansado, mas com conhecimento adquirido, bem como pequenas conquistas, como enviar a atividade às 11:59 de segunda-feira, ações que para muitos pode parecer pouco, mas, para mim significou uma grande vitória. Valorizando cada passo, acredito que chegarei lá.

Durante todo esse processo, obtive um notável crescimento profissional, humano e pessoal. Essa jornada me proporcionou a chance de dismantelar diversas facetas negligenciadas ao longo da vida, possibilitando, assim, a reconstrução delas de maneira mais aprofundada. A dinâmica do conhecimento, marcada pelo contínuo conflito entre o aluno, a escola e a comunidade são desafiadoras, e são importantes para o crescimento qualitativo, incentivando-nos a ser sujeitos ativos e participantes, protagonistas em vez de meros observadores.

Finalizo agradecendo a Deus, aos Orixás, à minha família por ter acreditado em mim quando eu mesmo não acreditava, a minha esposa Kátia Viviany, Filhas Júlia Cardoso e Ana Beatriz Cardoso aos amigos, professores alunos, colegas de trabalho, ao Co-

légio Estadual Desembargador Virgílio de Melo Franco, à comunidade de Paranã, Tocantins, e à UFT.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli. Memorial, instrumento de investigação do processo de constituição da identidade docente. *Contrapontos*, v. 4, n. 2, p. 283-292, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

MINAYO, Maria Cecília e Sousa. *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. 9 ed, Hucitec, 2006.

MOITA, Filomena. Formação de professores como identidade pessoal e profissional. In: NÓVOA, António (Org.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992. p. 7-33.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

VIEIRA, Luiz Renato. *O jogo da capoeira: cultura popular no Brasil*. São Paulo: Editora Sprint, 1998.

ZABALZA BERAZA, M. A. *Diários de aula: contributo para o estudo dos dilemas práticos dos professores*. Portugal: Porto Editora, 1994



## FRAGMENTOS DE UMA HISTÓRIA

**Maria de Jesus Santos Duarte**

O presente documento traz fragmentos históricos da minha vida, de modo a ilustrar o meu percurso acadêmico desde o ingresso na educação infantil até os dias atuais, perpassando pelas experiências docentes e mencionando outras atividades desenvolvidas no âmbito da Educação, especialmente no desenvolvimento do desporto escolar.

Para Josso (2007), os relatos baseados na formação no decorrer da existência humana manifestam diversos sentimentos e formas de vida individual e em comunidade, a autora relata ainda que

Trabalhar as questões da identidade, expressões de nossa existencialidade, através da análise e da interpretação das histórias de vida escritas, permite colocar em evidência a pluralidade, a fragilidade e a mobilidade de nossas identidades ao longo da vida.

Nasci na cidade de Conceição do Araguaia, localizada ao sul do estado do Pará, distante 1020km da capital Belém. Foi nesse pequeno município banhado pelo belo Rio Araguaia que passei a minha infância, adolescência, parte da vida adulta e foi lá também que dei meus primeiros passos rumo à docência. Menina de família humilde, pai pedreiro e mãe costureira, filha mais nova entre os sete irmãos, menina que queria conquistar o mundo, mas que descobriu muito cedo que essa seria uma missão complicada e arriscada. Era preciso definir rotas, decidir por onde começar e em qual porto seguro atracar. Então, deci-



di trilhar pelos caminhos da Educação e logo no início do itinerário peguei um atalho e encontrei o mundo, não muito encantado, da Educação Física.

A vida me fez Professora e como forma de gratidão eu destino a maior parte do meu tempo aos estudos e ao trabalho porque o mundo da Educação, sobretudo da Educação Física faz parte do meu mundo e é preciso conquistá-lo diariamente.

A seguir, apresento os tópicos que compõem o Memorial Acadêmico Descritivo que intitulei “Fragmentos de uma história”, com os fatos que considere mais relevantes na minha trajetória educacional.

Ao iniciar a escrita deste item preciso mencionar, brevemente, as primeiras etapas da minha vida escolar, a Educação Básica. Todo o processo da minha formação no ensino básico foi realizado na rede pública de ensino. O período correspondente à Educação Infantil estudei em uma singela escola na zona rural de Conceição do Araguaia, no interior do estado do Pará, foi lá que aprendi a ler e escrever. Depois disso, foi preciso mudar. Então, deixamos a vida pacata e harmoniosa da roça e fomos nos aventurar na cidade, tudo mudou. A vida na zona urbana era puro marasmo, não tínhamos amigos para brincar e nem pássaros a cantar. Eu tinha que esquecer o passado e focar nos estudos, até hoje não consegui esquecer, mas consegui estudar. A etapa do ensino fundamental foi concluída com sucesso, assim como o ensino médio.

Por conseguinte, me formei em Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade do Estado do Pará – UEPA e fiz especialização em Treinamento Desportivo na Infância e Adolescência, também pela

UEPA. Passados alguns anos voltei para os bancos de uma faculdade, dessa vez para fazer o curso de Fisioterapia pelo Instituto de Ensino e Pesquisa Objetivo – IEPO, e logo em seguinte cursei a Pós-graduação em Fisioterapia Traumato-ortopédica, pela Faculdade de Ciências Médicas e Jurídica - FACMED.

Atualmente sou discente do curso de Mestrado Profissional em Educação Física em rede Nacional (PROEF), polo Universidade Federal do Tocantins.

A primeira etapa da formação de um estudante, no Brasil, é a Educação Básica, que corresponde à Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Nas duas primeiras etapas eu só valorizava o brincar, mesmo tendo a obrigatoriedade de estudar. Na época que estudei na escolinha da zona rural nem imaginava que existia uma disciplina chamada Educação Física, porém eu já me exercitava por meio de jogos e brincadeiras regionais da época, isso tudo sem professor para direcionar, era só a criançada e um adulto observando para ninguém brigar. No Ensino Fundamental, na Escola Estadual Professora Bráulia Gurjão, a única coisa que eu gostava era jogar queimada e futebol nas aulas de EF, que eu não sei explicar por que os alunos, inclusive eu, chamavam somente de física. Simultaneamente às atividades esportivas, eu estudava o suficiente para obter notas nas disciplinas obrigatórias da grade curricular e passar de ano, e deu certo. Ainda no ensino fundamental, aos 13 anos, obtive minha primeira experiência com a docência, recebi um convite para ser monitora em uma escola particular e aceitei, foi o meu primeiro emprego. A partir daquele dia percebi que tinha responsabilidades a cumprir e precisava estudar

mais para não ser apenas a auxiliar da Professora, mas tinha a convicção que a tarefa de alfabetizar não era o que eu queria exercer profissionalmente no futuro. Na verdade, eu era apaixonada por esportes e jogos, e sempre brincava com as crianças no horário do intervalo na escola.

O temido Ensino Médio chegou e eu tinha que optar em fazer Magistério ou técnico em Contabilidade, pronto, definitivamente as brincadeiras de criança deram lugar aos cálculos, às planilhas e aos balancetes, isso mesmo, eu escolhi fazer o curso técnico em Contabilidade. Foi a partir do Ensino Médio que efetivamente me dediquei às tarefas escolares. Nos dias de provas eu era a “professora” dos colegas nos grupos de estudos, dada a facilidade que eu tinha em aprender os conteúdos, e com o tempo fui percebendo que a melhor forma de assimilar uma matéria era ensinando alguém. E assim, meu lado professora começou a emergir de vez. Hoje, pensando bem, eu posso afirmar que era, e ainda sou movida por desafios, sim, era desafiador e motivante ensinar os colegas de turma, comemorar com eles cada “nota azul” bimestral e a aprovação no final do ano.

O método de ensino tradicional era utilizado em todas as disciplinas, mas os ensinamentos repassados foram benéficos para a minha formação intelectual. Contudo, penso que se as metodologias utilizadas na época fossem mais centradas no aluno eu poderia ter um desenvolvimento ainda mais expressivo. Conforme Marques et al., (2021), “o aprendizado ativo, em relação aos métodos mais tradicionais, é mais eficaz por aumentar a compreensão dos alunos sobre conceitos difíceis de serem apreendidos”.

Os três anos dedicados à área de Contabilidade, no ensino médio, não foram suficientes para me distanciar do esporte, o fato é que a paixão pelo futebol, especialmente pelo clube Vasco da Gama, influenciou minha opção profissional, pois eu sonhava em ser treinadora de futebol. Nesse contexto, encontrei no vestibular para Educação Física o cenário perfeito para pôr à prova os conhecimentos adquiridos na Educação Básica e tentar realizar meu sonho. Ser aprovada no processo seletivo tornou-se o meu maior objetivo, quase uma obsessão mesmo, eu não poderia me decepcionar e, conseqüentemente, decepcionar quem dava como certa a minha aprovação. Lembro que passava horas a fio estudando, dia a dia, sem pausas para diversões, pois a concorrência foi elevadíssima, afinal tratava-se do primeiro vestibular para o curso de Licenciatura Plena em Educação Física, da Universidade do Estado do Pará (UEPA), em Conceição do Araguaia. Na época, frequentei um cursinho público, ofertado pela UEPA, no período matutino, fazia grupos de estudos aos finais de semana, colava partes importantes de conteúdos no guarda-roupa, acordava de madrugada para estudar e, concomitantemente, estagiava em um escritório de Contabilidade no período vespertino e estudava a terceira série do Ensino Médio a noite.

O meu esforço foi recompensado, tudo deu certo, passei nos exames médicos obrigatórios e posteriormente fui aprovada no vestibular. Foi gratificante ver a felicidade estampada no rosto do meu pai, um homem simples, honesto, inteligente e de pouco estudo, que estava vendo o resultado de todos os seus esforços, trabalhando arduamente durante anos para

ver os filhos formados. Obrigada, pai!

O primeiro dia de aula na universidade foi de pura empolgação e expectativas. O curso era diurno e com uma grade curricular diversificada e abrangente, contemplando disciplinas específicas da Educação Física escolar, didáticas e metodologias do ensino, bem como disciplinas da área da saúde.

A turma de Educação Física, composta por 40 alunos, era a mais vibrante da universidade, até mesmo nos exaustivos dias de avaliações. Porém, após um ano e três meses de curso algo deu errado e as aulas dos cursos de Enfermagem e Educação Física do polo de Conceição do Araguaia foram paralisadas, naquele momento a felicidade deu lugar à decepção e o caos se instaurou na turma. Ninguém, absolutamente ninguém da equipe gestora da universidade explicava os reais motivos para a interrupção dos cursos e, para piorar, nos corredores da faculdade e nas ruas da cidade, os comentários eram os mais pessimistas possíveis. Após alguns meses de paralisação, eu e um colega de turma resolvemos radicalizar e, no calor e na tristeza do momento, iniciamos uma greve de fome. Pronto, o caos e o problema não eram mais só da nossa turma, era também da UEPA e da sociedade concepcionense. Com uma barraca de praia e uma placa escrita “Estamos em greve de fome!”, nos instalamos na entrada principal do polo, não tinha como alguém passar despercebido. A partir daí virou o assunto da cidade e chegou até a reitoria da universidade. Foram seis dias de intensas negociações e muita fome, afinal só tomávamos água, até que recebemos a notícia que as aulas retornariam em no máximo quinze dias. Pronto, mais um desafio su-

perado e só nos restava conviver com a desconfiança e o medo de uma nova paralisação, mas isso não aconteceu. Além do tempo perdido e da saúde mental abalada, perdemos também, entre transferidos e desistentes, doze colegas de turma.

No transcorrer da graduação, percebia-se a preocupação dos professores com o perfil do egresso que iria atuar nas instituições de ensino da educação básica, pois a Educação Física passava por um período de transformação e as críticas aos métodos de ensino eram imensas. Por outro lado, como era um curso de licenciatura plena, também tínhamos disciplinas com tendências à promoção da saúde, visando qualificar o futuro profissional que iria atuar nas academias e clubes. Diferentemente das aulas nos tempos de ensino fundamental que eram meramente práticas e sem fundamentação teórica, as aulas na graduação eram dinâmicas, notoriamente planejadas, pautadas em estudos vigentes da época e a relação teoria-prática estava sempre presente, porém nas aulas práticas a ênfase era na execução correta do gesto motor/técnica. De acordo com Libâneo (2015), a formação de futuros professores precisa buscar formas que assegure aos futuros profissionais da educação a aquisição de conhecimentos pedagógicos, metodológicos e didáticos, além de temas relacionados ao currículo e às relações professor-aluno e entre os próprios alunos, para que estejam preparados para o exercício da função.

Conseguí concluir a graduação, mas as incertezas surgiram subitamente, pois é muito difícil não criar expectativas após receber o tão sonhado diploma da graduação, e ao mesmo tempo é uma tarefa árdua

transformar todas essas expectativas em realidade, a impressão que tive é a de após quatro anos de estudo não estava preparada para o campo de trabalho. De acordo com Gariglio (2021), a evolução profissional docente acontece gradativamente e a longo prazo, começando com as vivências durante a graduação e durante todas as experiências e atuações profissionais exercidas pelo indivíduo.

Ao final do curso a paixão pelo futebol cedeu espaço para outros esportes como atletismo, voleibol, tênis de mesa e inúmeros outros esportes que antes não tinha vivenciado.

As inquietações sobre o futuro me fizeram ir além da graduação e logo após concluí-la fiz uma especialização em Treinamento Desportivo na Infância e Adolescência em Belém – PA, visto que eu queria ser treinadora. Foram dois anos de aprendizado, especialmente no campo do desenvolvimento motor, teorias do treinamento desportivo, biomecânica e didáticas de ensino para crianças e jovens. Para finalizar o curso era obrigatório a apresentação do trabalho final, ou seja, da monografia, e escolhi o tema “Atividade Física na Infância” para ser objeto do meu estudo, uma vez que minhas pretensões eram trabalhar na rede municipal de ensino e era lá que se encontravam o público dessa faixa etária.

Após a conclusão da especialização fiquei bastante tempo somente participando de formações continuadas e pequenos cursos na área de Educação Física promovidos por instituições públicas e privadas, já não pensava mais nas formações verticais mestrado e doutorado. Vale ressaltar que, nesse período, eu me efetivei no cargo de professor regente da secre-

taria municipal de educação, em Conceição do Araguaia, e comecei também treinar equipes escolares na categoria de base, modalidade de futsal.

A qualificação profissional é fundamental para o bom exercício das funções docentes, e foi pensando nisso que passei a considerar a hipótese de ingressar em um curso de mestrado. Depois de muitas oportunidades de fazer mestrado em educação perdidas, resolvi fazer uma seleção para o curso de Mestrado Profissional em Educação em rede nacional, fui aprovada e agora estou com mais esse desafio a ser concluído.

O mestrado profissional é mais dinâmico e está me fazendo refletir sobre a prática docente e ao mesmo tempo possibilitando (re)conhecer novos métodos de ensino da Educação Física escolar, bem como está despertando em mim o interesse por pesquisas/trabalhos científicos. As aulas de Educação Física escolar são, tradicionalmente, as mais aguardadas pelos alunos, e apesar da infinidade de objetos de conhecimentos disponíveis, das unidades temáticas bem definidas na BNCC e de inúmeros trabalhos/pesquisas publicadas, ainda temos muitas problemáticas a serem resolvidas para que essas aulas sejam capazes de contribuir para o desenvolvimento integral do estudante e, o mestrado favorece a qualificação individual do professor para enfrentar esses desafios cotidianos de uma sala de aula.

Outrossim, o mestrado profissional pode beneficiar a classe docente por meio do resultado de pesquisas e produtos educacionais gerados nas dissertações. E nesse sentido, estou direcionando minha pesquisa para a modalidade de Atletismo que, con-



forme Gemente e Matthiesen (2017), apesar de ser um esporte mundialmente conhecido e praticado, os professores apresentam dificuldades relacionadas à inserção desse conteúdo nas aulas de Educação Física. Com isso, vou tentar deixar minha contribuição para o desenvolvimento da modalidade no cenário escolar.

Inicialmente, trabalhei como monitora de Voleibol no Programa Integração AABB Comunidade que atendia crianças e adolescentes, na faixa etária de 8 a 17 anos, com ações nas áreas de saúde, esportes, linguagens artísticas e apoio pedagógico. No que tange aos esportes, o programa ofertava as modalidades de natação, futebol, voleibol e basquete. Após dois anos deixei o programa para assumir a docência na disciplina de Educação Física em uma escola municipal, pois tinha sido aprovada no concurso público, foi aí que comecei a perceber as problemáticas da disciplina no meio escolar. Deixei um lugar que tinha material esportivo e uma estrutura física invejável e fui trabalhar em uma unidade escolar com pouquíssimos recursos disponíveis para as aulas. No início fiquei perdida e pensei em desistir, mas em contato com colegas de profissão que trabalhavam em outras escolas percebi que a realidade era a mesma, então abandonar a docência não seria a melhor opção. De qualquer forma, essas experiências docentes contribuem para o desenvolvimento de um profissional, e me ajudou muito em outras situações semelhantes ao longo da minha carreira.

Na perspectiva de valorização salarial e profissional, deixei a cidade que eu amava e fui me aventurar na cidade de Colmeia, no vizinho estado do To-

cantins. Aprovada em um novo concurso, salário três vezes maior e cidade acolhedora, estava tudo muito perfeito, mas ao chegar na escola a diretora foi logo avisando que não gostava de Educação Física, para piorar minha situação não tinha quadra esportiva, era utilizar o pátio e as aulas eram somente práticas e realizadas na rua em frente à escola, nas modalidades de voleibol e futebol golzinho. Com o tempo, consegui contornar toda essa situação e conquistar meu espaço, ministrava aulas teóricas e práticas, trabalhava em todas as ações extracurriculares da escola, realizei os jogos internos na escola e ainda treinava os alunos para competições escolares. Definitivamente, foi uma época de muito aprendizado. No entanto, eu gosto de desafios e ao terminar o período probatório solicitei remoção para o município de Paraíso do Tocantins, apesar de não conhecer ninguém na cidade destino.

Em Paraíso, fui trabalhar em uma escola de ensino médio bem distante do centro da cidade, mas a receptividade do diretor me deixou otimista, ainda que a realidade da escola fosse igual às anteriores que trabalhei, ou seja, não tinha quadra esportiva, as salas eram superlotadas e o pátio era cercado por salas de aula e não poderia ser utilizado para a realização das aulas práticas de Educação Física. Contudo, eu gostei da unidade escolar e por ironia do destino só trabalhei uma semana nessa escola, pois fui convidada para assumir a função de Assessora de Currículo na Diretoria Regional de Educação, encarei o convite como uma nova oportunidade de crescimento profissional. Ficar longe da sala de aula foi o lado negativo de toda essa mudança, mas no mesmo ano

passsei em um concurso público municipal e acumulei duas funções distintas, uma na rede estadual (assessora de currículo) e outra no município (professora regente). Ser professora de Educação Física no ensino fundamental eu já estava acostumada, e tinha muita segurança no exercício da função, agora ser responsável por planejar, coordenar e ministrar formação continuada para todos os professores de Educação Física das escolas estaduais, bem como coordenar e realizar os Jogos Estudantis na cidade era algo que eu precisava me dedicar muito para realizar com qualidade essas atribuições. Assim, fiquei por oito anos acumulando as duas funções e adquirindo conhecimentos diários, saí muito mais fortalecida profissionalmente e pessoalmente.

Em 2013, solicitei remoção para Palmas e fui trabalhar na Secretaria de Educação, no setor de Desporto Educacional, com organização de competições escolares pertencentes aos Jogos Estudantis do Tocantins. Com isso, passei sete anos fora da sala de aula, foi então que recebi um convite para trabalhar em uma escola de ensino médio, novamente aceitei e dessa vez a realidade foi outra, pois tinha toda estrutura física e material necessárias para o desenvolvimento do trabalho docente. No período pandêmico a atuação do professor ficou limitada, mas aos poucos a vida voltou ao normal dentro e fora do ambiente escolar.

Ao longo dos meus vinte anos atuando com a Educação Física escolar, enfrentei inúmeros problemas em diversas escolas, desde espaço físico inadequado para as aulas práticas e falta de material esportivo à falta de valorização da disciplina e do professor

de Educação Física. Todavia, também trabalhei em instituições com excelente estrutura física e material.

No campo da pesquisa e publicações na área de Educação Física escolar, a atividade mais relevante que já participei foi na elaboração, como colaboradora, do Referencial Curricular do Ensino Fundamental das escolas públicas do Tocantins, em 2008, que foi uma construção coletiva dos assessores de currículos e professores de Educação Física e das demais disciplinas, cuja finalidade era subsidiar os professores da rede pública estadual durante o planejamento de ensino, bem como na elaboração dos planos de aulas e decorrer do processo de ensino e aprendizagem.

Contendo 402 páginas, o Referencial Curricular do Ensino Fundamental das escolas públicas do Tocantins contemplou todas as disciplinas obrigatórias da Educação Básica para o ensino fundamental e foi publicado em 2009 nas versões impressa e digital. Para disciplina de Educação Física o referencial foi composto por itens relacionados às competências e habilidades, eixos norteadores (ginástica, jogos, lutas, esportes e atividades rítmicas e expressivas), conteúdos e orientações didáticas para o ensino fundamental, de 1º a 9º ano.

O presente memorial retrata fragmentos da minha história acadêmica e profissional ao longo dos anos, especialmente, em relação à Educação Física. Chegando ao final desse trabalho, pude constatar que muitas das dificuldades que vivenciei no início da docência perduram até hoje em alguns contextos. Porém, a forma de conduzir o trabalho em meio a tantas dificuldades foram se aprimorando no decurso da jornada, posso garantir que sou feliz no que faço

e, dentro das possibilidades oferecidas, tento realizar com dedicação a missão de ser professora. Em suma, acredito que para obter êxito profissional ou discente é preciso ser resiliente, buscar a cada dia aprimorar nossas habilidades e, acima de tudo, acreditar no nosso potencial.

## REFERÊNCIAS

FREITAS, Alexander de. Os métodos de ensino do “melhor professor do mundo”: repetições ou inovações?. *Educação em Revista*, v. 30, n. 2, p. 207–222, abr. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/jhFPSscQkhy97WKQ3dNRP5Q/#>. Acesso em: 24 out. 2023.

GARIGLIO, José Ângelo. Desenvolvimento profissional de professores de Educação Física iniciantes: continuidades/descontinuidades entre a formação inicial e a iniciação à docência. *Pro-Posições*, v. 32, p. e20180087, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/BFNKTnyNT6S8fJ3Yfm7GwqS/#>. Acesso em: 24 out. 2023.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. *Educação*, Porto Alegre, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007. Disponível em: [https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a\\_tranfor2.pdf](https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a_tranfor2.pdf). Acesso em: 24 out. 2023.

LIBÂNEO, J. C. Formação de Professores e Didática para Desenvolvimento Humano. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, RS, v. 40, n. 2, p. 629-650, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/GB5XHxPcm79MNV5vvLqcwfm/?lang=pt#>. Acesso em: 12 set. 2023.

MARQUES, H. R. et al.. Inovação no ensino: uma revisão sistemática das metodologias ativas de en-

sino-aprendizagem. Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas), v. 26, n. 3, p. 718–741, set. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/C9khps4n4BnGj6ZWkZvBk9z/?lang=pt#>. Acesso em: 25 out. 2023.

FREITAS, Alexander de. Os métodos de ensino do “melhor professor do mundo”: repetições ou inovações?. Educação em Revista, v. 30, n. 2, p. 207–222, abr. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/jhFPSscQkhy97WKQ3dNRP5Q/#>. Acesso em: 24 out. 2023.

GARIGLIO, José Ângelo. Desenvolvimento profissional de professores de Educação Física iniciantes: continuidades/descontinuidades entre a formação inicial e a iniciação à docência. Pro-Posições, v. 32, p. e20180087, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/BFNKTnyNT6S8fJ3Yfm7GwqS/#>. Acesso em: 24 out. 2023.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. Educação, Porto Alegre, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007. Disponível em: [https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a\\_tranfor2.pdf](https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a_tranfor2.pdf). Acesso em: 24 out. 2023.

LIBÂNEO, J. C. Formação de Professores e Didática para Desenvolvimento Humano. Educação & Realidade, Porto Alegre, RS, v. 40, n. 2, p. 629-650, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/GB5XHxPcm79MNV5vvLqcfwm/?lang=pt#>. Acesso

em: 12 set. 2023.

MARQUES, H. R. et al.. Inovação no ensino: uma revisão sistemática das metodologias ativas de ensino-aprendizagem. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)*, v. 26, n. 3, p. 718–741, set. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/C9khps4n4BnGj6ZWkZvBk9z/?lang=pt#>. Acesso em: 25 out. 2023.

REGO, Tereza Cristina. Trajetória intelectual de pesquisadores da educação: a fecundidade do estudo dos memoriais acadêmicos. *Revista Brasileira de Educação*, v. 19, n. 58, p. 779–800, jul. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/NfYJV-dy8bX7bcZxx65HMtxp/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 24 out. 2023.





## MEMÓRIAS E APRENDIZADOS: O LEGADO DE UMA JORNADA DOCENTE

**Miller Sorato Amorim de Souza**

A docência, a priori, não chegou a ser cogitada entre as opções de futuras profissões almeçadas por este pesquisador, sendo natural de Tocantinópolis – TO, uma cidade ao extremo norte do estado que faz divisa com o Maranhão, onde na época a Universidade Federal do Tocantins (UFT) ofertava somente as licenciaturas em Pedagogia e Ciências Sociais. Assim, a maioria da população ingressava nesses cursos e em seguida começavam a lecionar nas escolas.

Nesse contexto, não tinha o menor anseio de me tornar docente. No entanto, agora vamos conhecer um pouco dessa história de como um indivíduo que não tinha a menor vocação para ministrar aula, hoje ama ser professor de Educação Física (EF), e ainda adora ser chamado de “tio Miller”.

Antes de iniciarmos deixa eu me apresentar, sou o Miller Sorato Amorim de Souza, tenho 32 anos de idade, sou casado há 11 anos, tenho um filho de 10 anos de idade, e atualmente sou professor na rede municipal de Araguaína – TO.

Como já fomos apresentados, iniciarei essa trajetória explicando um pouco de minhas vivências enquanto criança na cidade de Tocantinópolis. Esse momento representa um marco importante pois a minha infância foi regradada com muitas brincadeiras na rua, futsal nas quadras, esconde – esconde, peão, carrinho de rolimã, e por se tratar de uma cidade banhada

pelo rio Tocantins e vários ribeirões, sempre estava nadando. Essa ludicidade nessa fase da vida, segundo Scala (2010), contribui para um desenvolvimento pleno dos aspectos psicomotores.

Assim, chegando na Escola Paroquial Cristo Rei, onde cursei da 1° a 4° série do Ensino Fundamental, no qual ganhei destaque nas aulas de Educação Física, por já possuir um acervo motor favorável, sempre estava presente nos times de futsal durante a aula, e essa modalidade reinava tanto nas aulas e no recreio e ainda nos treinamentos. Com isso, os alunos que eram menos habilidosos acabavam por não participar das aulas, ficavam sentados brincando de outras coisas ou só mesmo conversando.

Nessa perspectiva, Darido et al, (2018) aponta alguns aspectos do afastamento dessa disciplina:

Um aspecto que pode contribuir para o gradativo afastamento dos alunos das aulas de Educação Física é o insucesso que muitos deles experimentam na disciplina. Não conseguir ser preciso num passe; não acertar a cesta; não passar a medida mais baixa no salto em altura; ficar em último na corrida; não conseguir seguir o ritmo – pode fazer com que esse aluno se sinta desconfortável com o seu próprio desempenho, levando-o a evitar situações em que essas dificuldades fiquem expostas e se convertam em motivo de constrangimento. A não participação é uma forma de proteção (DARIDO; GONZÁLES; GINCIENE, 2018, p. 109)

Nesse sentido, essas aulas eram o máximo pois sempre estava participando de todos os esportes. Entretanto, agora, olhando como professor, vejo uma didática carregada de uma metodologia tradicional, onde o ensino é centrado no docente e os mais habi-

lidosos ganham protagonismo (FIGUEIREDO,2008).

Ainda nessa escola, encontrei outra área além da EF que me destaquei, que foi a área das exatas, ganhando competições de matemática representando minha turma. Ao encerrar esse ciclo, fui estudar no Colégio Dom Orione, no qual fiquei até terminar o 3º ano do Ensino Médio, um colégio referência na região, chegando a ser frequentado por alunos das cidades vizinhas, como Estreito – MA e Porto Franco – MA, que tinham o entendimento que o ensino compensava o deslocamento.

Esse ensino era tão conhecido, que fui por muito tempo pressionado pela minha família, alegando que agora teria que estudar mais se quisesse passar de ano, porque esse colégio tinha um nível muito mais alto. Essa pressão me levou a ficar noites sem sono e a me esforçar para não desapontar ninguém. No entanto, quando recebi os primeiros resultados, foi surpreendente, fui aluno destaque, e assim foi por muitos anos sempre entre os três alunos destaque da turma. Em paralelo às boas notas, a convivência com a EF continuou na mesma linha de pensamento, agora com os quatro esportes que os professores costumavam ministrar: vôlei, basquete, futsal e handebol (FINCO e DA SILVA MACIEL, 2020). O docente trabalhava cada uma destas modalidades em um bimestre, só que as aulas se constituíam do jogo somente em si, e uma aula destinada a teoria que seria usado posteriormente em uma prova.

Com isso, era uma prática sem uma conexão com a teoria, como já mencionado, amava essas aulas, pois a minha intenção era jogar de fato não conhecer a importância Cultural Corporal do Movimento

(CCM) envolvidos nessas modalidades que, conforme De Almeida (2017), deve ser o foco dessa nova Educação Física Escolar (EFE).

Nessa unidade de ensino, tive grandes momentos de minha vida, conheci um professor que era uma inspiração, o Rubens Alves, que lecionava a matéria de matemática, sendo assim minha disciplina preferida, uma pessoa sensacional, sempre me motivava falando que eu tinha uma capacidade enorme nas resoluções de situações problemas, e sempre me comparando a um importante matemático que também se chamava Miller. Com todo esse, incentivo consegui chegar por três vezes às fases finais da Olimpíadas Brasileiras de Matemática das Escolas Públicas (OB-MEP). Partindo disso, tinha certeza de que iria trabalhar em uma área relacionada às exatas, durante o 2º ano do Ensino Médio cheguei a fazer um curso de técnico em contabilidade, mas nunca atuei.

Outra experiência importante foi a participação nas quadrilhas da escola, em Tocantinópolis temos uma cultura muito forte em relação às quadrilhas juninas, a cidade possui um local específico para uma competição dessa CCM, localizado no principal ponto turístico na beira rio. Assim, todas as escolas montam suas apresentações e vão para a disputa, esse festival já é tradição, contando com participações de cidades vizinhas e quadrilhas juninas; até mesmo da capital as pessoas vem prestigiar o evento. A sensação de entrar naquele salão para apresentar é única, participei de quatro edições do evento, essa vivência, segundo Carboneira e Carboneira (2008, p. 12), proporciona um melhor conhecimento do corpo, percepção do movimento e estimula aspectos cognitivos.

Ainda nessa escola, participei dos Jogos Estudantis do Tocantins (JETs), uma competição que acontece todo ano entre as escolas estaduais, começando pela fase regional onde as escolas da mesma regional disputam, em sequência temos a fase estadual, agora os campeões regionais vão competir para saber quem vai representar o estado no Jogos Escolares Brasileiro (JEBs). A minha equipe chegou até a fase estadual, mas só emoção de ir para outro cidade para jogar já marcou minha vida escolar.

Deste modo, ao terminar o Ensino Médio, prestei vestibular para o curso Sistema de Informação, na faculdade privada Instituto Presidente Antônio Carlos (ITPAC), em Araguaína. No começo a minha mãe, Maria do Socorro, e meu pai, Marcos Antônio, que custeavam tudo, e fui morar com um casal de amigos deles. O início do curso foi algo deslumbrante, me apaixonei pelos códigos binários e pelos conteúdos que envolviam muito cálculo, comecei a ganhar destaque na turma. Em contrapartida, dois amigos meus da escola entraram no curso de EF, e sempre que possível estava com eles, jogávamos futsal na quadra da faculdade, em alguns momentos chegando a faltar minhas aulas para estar com a turma da EF, esse contato me fez perceber uma enorme identificação com esse curso ao qual consegui uma bolsa de estudos no ano de 2010, no Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA), em Palmas – TO, por meio do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que a partir de 2009 passou não somente a medir o nível dos alunos, mas a ser uma porta de entrada para as faculdades (SILVEIRA; BARBOSA; SILVA, 2015).

Partindo desse ponto, mudei para a capital do Tocantins e comecei o curso de Licenciatura em EF, ainda na dúvida se gostaria mesmo de ser professor. Neste capítulo de minha vida, foram inúmeras descobertas, no início com as matérias comuns a todos os cursos, como: cultura religiosa, sociedade e contemporaneidade, comunicação e expressão e instrumentalização científica. Ainda não tinha percebido a dimensão dessa área, quanto comecei com as específicas do curso notei que estava no lugar certo, as dinâmicas das aulas e o processo de ensino aprendizagem eram de um nível muito bom. Em paralelo à vida acadêmica, comecei a trabalhar na empresa MC Donald's, no Shopping Capim Dourado, onde executei várias funções e conquistei quatro promoções, passando por atendente, instrutor, coordenador e gerente.

Dessa forma, equilibrei trabalho e estudos por um certo período. No entanto, ao chegar na gerência as exigências aumentaram, e no ano de 2011 e 2012 dei uma pausa na faculdade, voltando em 2013 com o intuito de finalizar a graduação. Organizei minha grade curricular com o máximo de matérias possíveis, e pedi demissão do serviço, foi um passo importante para poder entrar na área de fato. Partindo dessa decisão, consegui uma vaga no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que é uma iniciativa afim de melhorar e aperfeiçoar a formação de docentes. Esse momento é considerado um dos pontos principais da formação, por proporcionar o contanto direto com a sala de aula e a pesquisa em uma sintonia espetacular. Segundo De Mattos e Cardoso (2016), este programa ajuda ao futuro docente

entender o funcionamento da escola e, diferentemente dos estágios, ainda ampliar o conhecimento em relação à construção do professor pesquisador.

No PIBID, atuei na Escola Municipal Monteiro Lobato, que atende os anos iniciais do Ensino Fundamental, e tem uma estrutura muito boa, com pátio coberto, quadra poliesportiva, refeitório, espaço para tênis de mesa. Os bolsistas desse programa entraram no Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação para a Promoção da Saúde (GEPEPS), que contavam com acadêmicos dos cursos de Enfermagem, EF, Fisioterapia e Farmácia.

Com isso, os estudos eram voltados para promoção da saúde, primeiro por meio de testes: físicos, composição corporal e entrevistas, foram detectados o nível de atividade física dos alunos e como estava a alimentação da comunidade escolar. Em seguida foram desenvolvidas ações como implementação de peixe no cardápio escolar, palestras com a comunidade no entorno da escola e oficinas envolvendo alimentação saudável. Contudo, a partir dessa vivência participei de um congresso internacional do PIBID, na faculdade UNIVATES, localizado em Lajeado – RS, um momento especial com apresentações de trabalho voltados para educação, e uma recepção acerca do projeto realizado nessa escola, o artigo apresentado foi “Inovações Pedagógicas para Promoção da Saúde”, contemplado nos anais do evento. Após a apresentação participei de rodas de conversas com inúmeros elogios e ainda teve grupos como o Campinas -SP que pediram o projeto na integrar, para tentar reproduzir um similar com o grupo deles.

Em outros momentos, como membro do GE-



PEPS, acabei por participar de algumas produções dos colegas por meio de coautorias, que chegaram até em seminários na renomada Universidade de São Paulo (USP). Segundo Rosa e Mattos (2013), o PIBID é um espaço de convivência, socialização e de experiências e construção de identidade docente. Corroborando com esse pensamento, Dos Anjos e Costa apontam:

Compreendemos então, que o PIBID contribui para uma análise reflexiva da prática docente que resulta na formação de uma identidade profissional, a qual permite que como futuros docentes, possamos ultrapassar as barreiras da gestão autoritária, dos planejamentos pré-elaborados, da hierarquização existente numa cultura tecnocrática e assim garantir uma docência compartilhada, uma aprendizagem significativa que resulte em indivíduos educados para o saber e não unicamente para o saber fazer. (DOS ANJOS; COSTA, 2102, p. 4)

Deste modo, assim como o exposto acima, concordo que esse programa mudou minha visão da sala de aula, percebi o quanto os alunos se destacavam no processo de todas os encontros e oficinas, cada um participava de sua maneira e aprendizagem se torna muito mais significativa. Um fato ficou marcado em minha memória, um encontro por acaso com um dos alunos na feira do Bosque, quando me viu já veio logo falando que não tinha comido nenhum pastel gorduroso, nesse momento percebi que ele absorveu o conhecimento das palestras e estava o colocando em prática.

Dando continuidade, participei de mais uma pesquisa no grupo, agora referente aos povos quilombo-

las moradores do quilombo da barra da Aroeira, com brincadeiras e jogos populares, a inserção de peixe na merenda escolar, testes físicos, entrevistas e palestras. Mais uma vez um trabalho encantador, fiz umas análises quanto às brincadeiras e jogos trabalhados por professores pedagogos que ministravam aulas de EF na escola.

Passando agora um pouco pelas disciplinas da graduação, cursei cinco esportes: atletismo, lutas, basquetebol, futebol de campo e voleibol. Em todas elas os professores conseguiram caminhar muito bem pela teoria e prática, e com envolvimento de diferentes métodos no ensino dos esportes. Gostaria de destacar o professor César Leão, que sempre conversava bastante comigo, e apontava que teve que se reconstruir várias vezes perante o ensino dos esportes, e sempre ressaltava que as aulas de EDF não era para detecção de talentos. Os autores Bracht e Almeida (2003) asseguram que essa detecção durante a aula acaba por exercer uma influência negativa para esse ambiente, dando destaque para alguns e excluindo a maioria que colocam uma barreira como forma de defesa.

A disciplina que também ganhou um lugar especial em minha memória foi a fundamentos da ação pedagógica, as docentes Cidinha Medina e Adriana Zemier, desfilavam todo o contexto histórico e abordavam muitos temas relevantes, dentre eles havia um projeto de visitas às aldeias indígenas que ficam próximas à Cidade de Tocantina, que envolvia ação social, com algumas doações, apresentações para os povos indígenas, leituras infantis para as crianças. A professora Cidinha tinha uma familiaridade com todos

da tribo, que a recebiam como um deles, isso me chamou atenção.

Nesse período, como já havia saído do outro emprego e começado às disciplinas de estágio, e já com as vivências do programa, decidi me aventurar por essa área. Logo em seguida, comecei a estagiar na Escolinha de Futebol do Fluminense, fiquei acompanhando por um tempo o professor e no mês seguinte já estava com duas turmas na escolinha, o sub 7 e o sub 9. Com isso, me adaptei muito rápido e fui indicado para ministrar aulas de natação em um Colégio particular durante a licença da professora. Não tinha muita experiência, no entanto, estudei bastante, observei algumas aulas e desenvolvi um bom trabalho, tanto que quando a professora voltou de licença, me colocaram para continuar estagiando, só que agora com a coordenação e monitor de sala. Nessa escola, conheci um professor de EF que me ajudou bastante, o Juracy Jr., que me encaminhou para algumas oportunidades, que citarei no decorrer deste texto.

Nessa perspectiva, me formei no ano de 2015, e comecei a atuar na Escolinha de Futebol do Flamengo, onde trabalhei por cerca de três anos, em paralelo a isso fui chamado para uma Escola de Tempo Integral como professor substituto, lá fiquei um ano trabalhando com natação e handebol.

Em seguida, fiz um processo seletivo para fazer parte das forças no esporte, um projeto conhecido como segundo tempo, com ajuda do 22º Batalhão da Infantaria em parceria com o governo federal. Esse projeto atendia cem crianças no período contraturno da escola, e por coincidência era executado na mesma escola que trabalhei com o PIBID. Foram dois

anos de muita aprendizagem, as crianças eram de famílias de baixa renda e tinham muitos benefícios, ele acontecia na Associação Atlética Banco do Brasil (AABB), participavam de vários esportes e ganhavam materiais como: tênis, suga, toca, óculos de natação, chuteira Society e de futsal, quimono, uniforme, bolsa, garrafinha e cestas básicas. Esse projeto abrange vários aspectos da vida destes indivíduos, podendo ser um divisor, com uma nova visão de mundo (FERREIRA; CASSIOLATO; GONZALES, 2009).

Em meio a esse projeto, comecei a atuar em academias e recebi um convite para realizar um curso de crossfit em Goiânia – Go, foram seis meses, sendo que em um final de semana do mês, as aulas eram presenciais. Durante esse curso formamos um vínculo muito forte, dos cinco participantes, três se juntaram e resolveram montar uma box de crostrainer, chamada de Priority. A princípio senti o que cada dono de empresa sente, uma dificuldade para equilibrar o caixa, a falta de mão de obra qualificada e aluguel muito caro.

Essa aventura durou um ano e oito meses, quando assumi um novo emprego que vai ser citado logo abaixo, e não tinha mais horário para contribuir com a distribuição de horário. Então, vendi minha parte na empresa, que logo após quatro meses fechou.

Agora vou falar de uma fase que também foi excepcional, já havia trabalhado nas escolinhas de futsal do Colégio Marista Palmas, ao saber de um processo para contratação de um professor para a EDF, nem deu tempo de pensar direito, me inscrevi e passei pelas quatro fases do certame. Essa unidade escolar me proporcionou um convívio com professo-

res renomados, conhecidos em todo o Tocantins, uma estrutura com três quadras, materiais para a maioria dos esportes sobrando com constantes formações semanais. Assumi a EF do 6º ao 9º do ensino fundamental, e ainda treinamentos de voleibol e futsal, com alunos desde a iniciação esportiva até a fase de especialização.

Nesse contexto, me identifiquei com a forma do colégio conduzir todo o processo de ensino e a questão religiosa também, participava das missões nas cidades vizinhas com os alunos. Já no esporte, consegui montar dois times, um de futsal e outro de vôlei, com intuito de participar do inter - marista, um campeonato entre todas as escolas marista do Brasil. Quando assumi a unidade, estava com três anos que o colégio não conseguia montar times para essa competição. Ao chegar, motivei todos e obtive sucesso, o time de vôlei ficou em quarto lugar, ficando a frente de cidades como o Rio de Janeiro, já o futsal também chegou até as quartas de finais.

Contudo, passei no concurso da prefeitura de Araguaína-TO no ano de 2021, e resolvi mudar para essa cidade, só que a direção do Marista conseguiu organizar meus horários, que ficaram assim: ficava na nova cidade segunda, terça e quarta, neste mesmo dia a noite viajava para Palmas e ministrava aula quinta e sexta. Nesse contexto, no ano de 2022, pedi demissão e fiquei somente como professor na rede municipal de Araguaína.

No mesmo ano fiz uma especialização em Educação Física Escolar, que exigiu algumas que não estava mais acostumado e foi aos poucos voltando a vontade de pesquisar, de publicar artigos, partici-

par de congressos, de conhecer novos conteúdos. Levando em conta que após o término da graduação desviei um pouco da pesquisa, pois precisava entrar na área já que a situação financeira estava crítica, com meu filho apenas com dois anos, e a minha esposa que estava desempregada.

Com esse despertar para a pesquisa novamente, comecei a organizar projetos de pesquisa para concorrer ao mestrado na educação na UFT, só que fiquei sabendo acerca do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF). Todavia, quando fui informado já havia fechado as inscrições, então esperei até que fosse lançado outro edital. Quando lançaram, me inscrevi e estudei muito a fim de realizar esse sonho de cursar um mestrado.

Esse modelo de mestrado profissional têm um papel fundamental na melhoria da qualidade da educação básica. Para Silva (2017), isso é uma mudança de paradigma pelo profissional que está no chão da escola, que receberá uma formação de qualidade e inúmeras trocas de experiência.

Ao iniciar esse pós-graduação percebi o quão acomodado estava, com alguns planos prontos de anos anteriores, só modificava alguma coisa e aplicava novamente. No entanto, ao cursar a primeira disciplina problemáticas da EFE, comecei a voltar meu olhar para minha turma, entendendo a realidade do discente para uma contextualização do conteúdo, e havia situações descritas nos artigos obrigatórios que pareciam ser minhas aulas, foi melhorando a minha didática, e só com essas matérias já se nota uma mudança no ensino aprendizagem.

Cada artigo ou encontro é uma trocar de experi-

ências de diferentes realidades, que se unem em um propósito de melhoria da EDF, os mestrandos de diferentes épocas de graduação vão analisando cada grade curricular, e entendendo a predominância de cada metodologia de acordo com a formação. Assim, percebendo uma mudança de rotina, com inúmeras leituras, contextualizações acerca dos desafios, criações de projetos e planos em diferentes unidades temáticas.

Com isso, nesse capítulo dessa história, gostaria de acrescentar que consegui passar no concurso da Secretaria de Educação do estado do Tocantins, em primeiro lugar, já somadas às provas objetiva e discursiva, tudo graças ao estudo realizado nesse mestrado, com os temas do que há de mais atual na área.

Deste modo, o PROEF veio agregar valores e sentidos à prática desse docente, que sentiu novamente aquela sensação boa durante a aula, ao ver seus alunos se destacando, e assumido o protagonismo durante todo o processo e uma valorização da cultura corporal do movimento, reconhecendo este indivíduo em seus diferentes aspectos.

## REFERÊNCIAS

BRACHT, Valter; ALMEIDA, Felipe Quintão. A política de esporte escolar no Brasil: a pseudovalorização da educação física. *Revista brasileira de ciências do esporte*, v. 24, n. 3, 2003. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/765>. Acesso em: 06 nov. 2023.

CARBONERA, Daniele; CARBONERA, Sergio Antonio. A importância da dança no contexto escolar. Cascavel: ESAP, 2008. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/EDUCACAO\\_FISICA/monografia/DANCA\\_ESCOLA.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACAO_FISICA/monografia/DANCA_ESCOLA.pdf). Acesso em: 7 nov. 2023.

DARIDO, S. C.; GONZÁLES, F. J.; GINCIENE, G. O afastamento e a indisciplina dos alunos nas aulas de Educação Física Escolar. Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional–PROEF–Disciplina: Problemáticas da Educação Física, 2018. Disponível em: <https://edutec.unesp.br/proef/turmall/d1/0008-unesp-iep3-livro-desafios-educacao-fisica-escolar-proef-15032021-v2.pdf#page=105>. Acesso em: 5 nov. 2023

DE ALMEIDA, Felipe Quintão. Educação Física Escolar e práticas pedagógicas inovadoras: uma revisão. *Corpoconsciência*, p. 7-16, 2017. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/5312>. Acesso em: 7 nov. 2023.



DE MATOS, Diulha Matos; CARDOSO, Ana Lucia; ORTIGARA, Vidalcir. PIBID na formação de professores de educação física: expectativa e realidade. *Comunicações*, v. 23, n. 3, p. 113-126, 2016. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/comunicacoes/article/view/2646>. Acesso em: 6 nov, 2023.

DOS ANJOS, Lucélia Carla da Silva; COSTA, Ideuaneide Gonçalves. A contribuição do PIBID à formação docente. II Seminário de Socialização do PIBID-UNIFAL-MG, 2012. Disponível em:

FERREIRA, Helder Rogério Sant'Ana; CASSIOLATO, Maria Martha de Menezes Costa; GONZALEZ, Roberto Henrique Sieczkowski. Uma experiência de desenvolvimento metodológico para avaliação de programas: o modelo lógico do programa segundo tempo. 2009. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/1545>. Acesso em: 5 nov. 2023.

FIGUEIREDO, Zenólia C. Experiências Sociocorporais e Formação Docente em Educação Física. *Revista Movimento*, v.14, n. 1, p. 85-110, Porto Alegre, janeiro/abril, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1153/115316019005.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2023.

FINCO, Mateus David; DA SILVA MACIEL, Josenildo. Kabaddi na escola: conteúdo de ensino para professores de educação física. *Pensar a Prática*, v.

23, 2020. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/b61a/6b4efa21be0db9a38ed832afe1b94cfe5fc0.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2023.

ROSA, Kaciana Silveira; MATTOS, Laércio. Tem gente nova na escola: os benefícios do Pibid para o espaço escolar. *Veras*, v. 3, n. 2, p. 160-173, 2013. Disponível em: <http://site.veracruz.edu.br:8087/instituto/revistaveras/index.php/revistaveras/article/view/130CA>. Acesso em: 6 nov. 2023.

SCALHA, Thais Botossi et al. A importância do brincar no desenvolvimento psicomotor: relato de experiência. *Rev. psicol. UNESP*, p. 79-92, 2010. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/psi-52763>. Acesso em: 5 nov. 2023.

SILVA, WAGNER RODRIGUES. Formação sustentável do professor no mestrado profissional. *Revista Brasileira de Educação*, v. 22, p. 708-731, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/kgsJwJ-Dkb3hvdfTtk7Qm7vx/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 7 nov. 2023

SILVEIRA, Fernando Lang da; BARBOSA, Marcia Cristina Bernardes; SILVA, Roberto da. Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM): uma análise crítica. *Revista Brasileira de Ensino de Física*, v. 37, p. 1101, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbef/a/TpSdTxpHR3XBgFttPmgmyPF/>. Acesso em: 6 nov. 2023.



## **SOBRE O ORGANIZADOR**

### **Ruhena Kelber Abrão Ferreira.**

Graduado em Pedagogia e Educação Física (FURG). Pós Doutor em Políticas Públicas (UMC) e em Educação (UFT). Doutor em Educação em Ciências e Saúde (UFRGS). Mestre em Educação Física (UFPEl). Especialista em Psicologia de grupos e desenvolvimento de equipes (IECC). Tratamento dos Transtornos de Ansiedade e Síndrome do Pânico (IEEC) Neurociências Cognitivas e Processos Psicológicos (IECC).. Professor Adjunto III da Universidade Federal do Tocantins (UFT) lecionando na graduação em Educação Física e Psicologia. Coordenador e Professor Permanente junto ao mestrado profissional em Educação Física e no Doutorado em Educação na Amazônia. Bolsista em Produtividade e Pesquisa (FAPT).. Presidente da Editora Universitária da UFT (EDUFT). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas de Currículos Educacionais das/para/com minorias sociais nortistas amazonidas (GEPCE/Minorias) e HEALTH, PHYSICAL activity and Behavior ReseArch (Healthy--BRA) group. Foi Diretor Interino do Câmpus Universitário de Miracema (2021), vice diretor em substituição do Câmpus de Miracema gestão (2017-2021). Assessor Técnico junto a rede TOPAMA - Ministério da Saúde e UFT. (2019-2023). Desde 2008 atua no Ensino Superior. Tem experiência na área da docência e gestão na Educação e Saúde, atuando principalmente nos seguintes temas: Infâncias, Formação de profissionais para a docência, Estudos do Lazer, Educação especial, inclusiva e adaptada, bem como Gestão, Planejamento, Políticas Públicas em Saúde e Ciclos de vida

## **SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES**

### **Ádilla Consuello Rodrigues Ferreira**

Possui graduação em Educação Física pelo Fundação UNIRG(2005). Atualmente é Professora de Educação Física da Eti Padre Josimo Moraes Tavares. Tem experiência na área de Educação Física. Mestrando do Programa de Pós-graduação de Educação Física da Universidade Federal do Tocantins – UFT

### **Bruno Anderson Girão de Sousa**

Especialização em Educação Física Escolar e Treinamento Desportivo de Base pelo Centro Universitário Tocantinense Presidente Antônio Carlos, Brasil(2019). Professor de Educação Física da Escola Municipal Joaquim Carlos Sabino dos Santos , Brasil. Mestrando do Programa de Pós-graduação de Educação Física da Universidade Federal do Tocantins – UFT

### **Isabela Evangelista Madureira**

Graduação em Educação Física pela Universidade Estadual de Montes Claros, Brasil(2005). Professora da Secretaria de Educação do Estado do Tocantins, Brasil. Mestrando do Programa de Pós-graduação de Educação Física da Universidade Federal do Tocantins – UFT

### **Jacqueline Fernandes de Sá Xavier**

Graduação em Letras - Português pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci, Brasil (2020)

Professor da Escola Municipal de Ensino Fundamental Luzia Nunes Fernandes, Brasil. Mestrando do Programa de Pós-graduação de Educação Física da Universidade Federal do Tocantins – UFT

### **Jefferson Alves da Luz**

Especialização em Educação Física Escolar pela Universidade Norte do Paraná, Brasil (2018).

Concursado do Secretaria da Educação e Cultura , Brasil. Mestrando do Programa de Pós-graduação de Educação Física da Universidade Federal do Tocantins – UFT

### **Paula dos Santos Silva**

Graduada em Educação Física, Mestra em Educação Física pela Universidade Federal do Tocantins, (UFT-PROEF). Pesquisadora na área dos jogos e cultura infantil. Professora da rede pública de Palmas/TO e participante do Centro de Formação, Extensão, Inovação e Pesquisa em Educação, Saúde e Lazer, da UFT.

### **Elisabete Pereira Carneiro**

Especialização em educação especial com ênfase em estimulação precoce pela Faculdade de Administração, Ciências, Educação e Letras, Brasil(2014). Professora de Educação Física da Prefeitura Municipal de Palmas/- TO , Brasil. Mestrando do Programa de Pós-graduação de Educação Física da Universidade Federal do Tocantins – UFT

### **Francisco Flávio Sales Galdino**

Graduação em Educação Física pela Universidade do Estado do Pará, Brasil (2012). Mestrando do Programa de Pós-graduação de Educação Física da Universidade Federal do Tocantins – UFT

### **Heliane de Nazaré Carvalho Pereira**

Especialização em Educação Física Escolar pela Universidade Candido Mendes, Brasil (2015). Mestrando do Programa de Pós-graduação de Educação Física da Universidade Federal do Tocantins – UFT.

### **Linvalra Rodrigues Silva**

Possui graduação em Educação Física pela Universidade de Pernambuco (1995), com especialização em Educação Física Escolar pela Faculdade João Calvino (2011), atuando principalmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Atualmente é professora de Educação Física Prefeitura Municipal de Palmas/TO, mestranda em Educação Física pela UFT e faz parte Centro de Formação, Extensão, Inovação e Pesquisa em Educação, Saúde e Lazer, da UFT.

### **Marcio Sousa Silva**

Graduado em Educação Física e Mestrando em Educação Física pela Universidade Federal do Tocantins, (UFT-PROEF). Pesquisador na área de danças, jogos e cultura afro-brasileira e quilombola.

### **Maria de Jesus Santos Duarte**

Especialização em Treinamento Desportivo na Infância e Ado-  
206

lescência pela Universidade do Estado do Pará, Brasil (1999). Professora de Educação Física do Esc. Est. Professora Elizângela Glória Cardoso, Brasil. Mestrando do Programa de Pós-graduação de Educação Física da Universidade Federal do Tocantins – UFT

**Miller Sorato Amorim de Souza**

Graduação em Educação Física pelo Centro Universitário Luterano de Palmas, Brasil (2015). Professor de Educação Física da Escola Municipal Prefeito João de Sousa Lima, Brasil. Mestrando do Programa de Pós-graduação de Educação Física da Universidade Federal do Tocantins – UFT.